

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
EDUCAÇÃO**

**MULHERES DELINQUENTES:
UMA LONGA CAMINHADA ATÉ A CASA ROSA**

ELZA ELIANA LISBÔA MONTANO

Porto Alegre, outubro de 2000.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**MULHERES DELINQUENTES:
UMA LONGA CAMINHADA ATÉ A CASA ROSA**

ELZA ELIANA LISBÔA MONTANO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – como requisito para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Professora Dra. Maria Helena Degani Veit

Porto Alegre, outubro de 2000.

Parece loucura, ou quem sabe eu já tô louca, a senhora me
entende, né professora?
Aqui neste lugar aprendi muitas coisas pesadas e poucas
boas...valeu...eu não quero mais voltar pra cá.
Estas paredes, grades, funcionários, "dops", comida, banho,
trabalho foi uma escola pra mim.
Parece mentira...eu não quero mais voltar pra cá...Deus tem que me ajudar...como
tem...eu peço todas as noites que ele bote a minha cabeça no lugar. (M.V.¹)

¹ Presa, condenada a três anos e quatro meses em regime fechado, tráfico de drogas, negra, 34 anos, 1º grau completo.

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho à memória do meu filho, o Dudu. Após sua morte, tive de reaprender a caminhar para dar continuidade à minha vida, e dentre esses novos passos aprendidos, incluo, também, esta pesquisa.

Muitas pessoas passam por nossas vidas, quando estamos construindo uma pesquisa: algumas nos auxiliando e, outras, colocando empecilhos para que ela não aconteça. Neste momento, quero expressar o meu eterno agradecimento às pessoas abaixo relacionadas, as quais me proporcionaram situações de acolhimento:

às presas-alunas que confiaram e acreditaram no meu trabalho de professora;

à minha orientadora, professora Maria Helena Degani Veit, pela competência profissional e comprometimento constante com esta pesquisa; pelo meu crescimento intelectual – auxiliando-me a superar minhas limitações, principalmente, quanto ao conhecimento sociológico: pelo rigor do referencial teórico indicado e pelo árduo processo que foi a construção do objeto científico. Obrigada pela orientação recebida durante esta caminhada acadêmica;

aos professores do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da UFRGS, pelo meu amadurecimento intelectual, principalmente, daqueles de quem fui aluna;

aos colegas Andréa Maria Rúa, Cláirton, Evania Luiza de Araujo, Mariasinha Beck Bohn, Mireila S. Meneses e Viviane Esther Lorenz pelo

relacionamento afetivo e sugestões pertinentes a esta pesquisa nos encontros mensais com a nossa orientadora; em especial, à colega Carmen Isabel Gatto, pela ajuda constante na revisão da construção do referencial teórico desta pesquisa;

aos colegas dos setores de Valorização Humana, Psicossocial e Médico da Penitenciária Feminina Madre Pelletier, pela palavra amiga e incentivadora nos momentos em que essa instituição ia de encontro à minha “praxis” pedagógica;

às senhoras da Sociedade Beneficente do Bom Pastor e à ex-Madre Elisabete pela disponibilidade em relatarem um pouco da história da penitenciária e das suas internas; ao padre Gustavo Haas, pelas missas rezadas às presas com tanta fé e pela esperança em acreditar ser possível recomeçar sem medo de andar;

à Márcia de Jesus, pela formatação e organização da dissertação;

a todas as pessoas que, de uma maneira ou de outra, umas mais e outras menos, também colaboraram para o término deste trabalho;

a meus familiares e amigos pela compreensão e apoio durante o curso de Mestrado; principalmente, à amiga de anos, Irene Hack Tavares, pelas sugestões críticas e oportunas a este trabalho;

ao Beto, meu marido, pelo incentivo a esta nova caminhada profissional;

à Moni, minha filha, pelo estímulo a esta nova etapa de vida, pelas traduções de textos, pelo “olhar jurídico”, pelo companheirismo e, principalmente, por acreditar neste meu trabalho educacional. Obrigada!

E, finalmente, agradeço às pessoas de boa-vontade.

SUMÁRIO

RESUMO.....	10
APRESENTAÇÃO.....	11
1 A EDUCAÇÃO NA INSTITUIÇÃO PRISIONAL: APRESENTANDO A PROBLEMÁTICA E O CONTEXTO DA PESQUISA	16
1.1 A PROBLEMÁTICA DA PESQUISA.....	16
1.2 A CONTRIBUIÇÃO DA CONGREGAÇÃO DE NOSSA SENHORA DA CARIDADE DO BOM PASTOR D'ANGERS ÀS PRESAS.....	17
1.2.1 A Casa Do Bom Pastor	20
1.2.2 A Congregação de Nossa Senhora da Caridade do Bom Pastor no Brasil e no Rio Grande do Sul.....	23
1.3 A PENITENCIÁRIA FEMININA MADRE PELLETIER	26
1.3.1 De 1940 a 1981: A Penitenciária sob a Orientação Religiosa e Educacional das Irmãs da Congregação do Bom Pastor.....	26
1.3.2 De 1981 a 1999: A Penitenciária sob a Égide Estatal.....	31
1.3.3 Tecendo a Minha História de Professora: do Acaso a um Compromisso ..	46
2 O REFERENCIAL TEÓRICO	58
2.1 O AUTOCONCEITO.....	59
2.2 PERSPECTIVA E DEFINIÇÃO DA SITUAÇÃO	62
2.3 A CARREIRA DESVIANTE À LUZ DE HOWARD S. BECKER.....	63
3 METODOLOGIA.....	77
3.1 DESCRIÇÃO DA AMOSTRA	86
3.1.1 Características Sócio-Ocupacionais das Detentas	86

3.1.2	Características do Contexto Familiar das Detentas Quando Crianças	90
3.1.3	Relações Estabelecidas pelas Detentas nas(s) Escola(s) Frequentada(s) antes da Detenção	93
4	DEPOIMENTOS	100
5	ANÁLISE	147
6	MULHERES EM BUSCA DE NOVA OPORTUNIDADE	176
	ÀS PESSOAS DE BOA-VONTADE	197
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	200
	ANEXOS	196
	ANEXO A - ENTREVISTA COM A EX-MADRE ELISABETE	
	ANEXO B - ENTREVISTA COM A PRIMEIRA PRESIDENTE DA SOCIEDADE BENEFICENTE BOM PASTOR	
	ANEXO C - NOVA CHANCE COMEÇA NA SALA DE AULA - REPORTAGEM DE ZERO HORA RELATANDO QUE HAVERÁ REMIÇÃO ÀS PRESAS- ESTUDANTES	
	ANEXO D - CORRESPONDÊNCIA ENVIADA AO NOES, SECRETARIA DA EDUCAÇÃO/RS	
	ANEXO E - CORRESPONDÊNCIA À SUSEPE, SECRETARIA DA JUSTIÇA E DA SEGURANÇA/RS	
	ANEXO F - APENADAS LIBERTADAS PELA FÉ - REPORTAGEM DE ZERO HORA RELATANDO O RESGATE DA HISTÓRIA DA MADRE PELLETIER PELAS PRESAS-ALUNAS	
	ANEXO G - CANÇÃO DA PRIMAVERA - MÁRIO QUINTANA	
	ANEXO H - SOCORRO - MILLÔR FERNANDES	
	ANEXO I - FOLDER DO CONCURSO DE REDAÇÃO	
	ANEXO J - SER MÃE-PRESA - TEXTO COLETIVO DAS ALUNAS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
	ANEXO L - SER MÃE-PRESA - TEXTO COLETIVO DAS ALUNAS DO ENSINO MÉDIO	
	ANEXO M - EM NOME DO PAI E DA MÃE - MARTHA MEDEIROS	
	ANEXO N - QUESTÕES DA ENTREVISTA	

ANEXO O - QUESTIONÁRIO DO SETOR EDUCACIONAL - ESCOLA (TRIAGEM)

ANEXO P - QUADRO I - CARACTERÍSTICAS SÓCIO-OCUPACIONAIS DAS
DETENTAS

ANEXO Q - QUADRO II - CONTEXTO FAMILIAR DAS DETENTAS QUANDO
CRIANÇAS

ANEXO R - QUADRO III - CONTEXTO EDUCACIONAL PRÉVIO À DETENÇÃO ..
LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - EFETIVO DE DETENTAS E OPÇÃO PELA ESCOLA EXISTENTE
DENTRO DA PENITENCIÁRIA NOS ANOS DE 1993 E 1999

TABELA 2 - CARACTERÍSTICAS SÓCIO-OCUPACIONAIS DAS DETENTAS

TABELA 3 - CONTEXTO FAMILIAR DAS DETENTAS QUANDO CRIANÇAS

TABELA 3 - RELAÇÕES ESTABELECIDAS PELAS DETENTAS NA(S)
ESCOLA(S) FREQUENTADA(S) ANTES DA DETENÇÃO

TABELA 5 - RELAÇÕES DA PRESA-ALUNA NA(S) ESCOLA(S)
FRQUENTADA(S) QUANDO CRIANÇA

TABELA 6 - ALUNAS SELECIONADAS: DETENTAS COM FILHOS, PASSAGEM
POSITIVA OU NEGATIVA PELA ESCOLA

TABELA 7 - RESUMO DOS DEPOIMENTOS SEGUNDO AS DIMENSÕES DA
CARREIRA DESVIANTE DE HOWARD S. BECKER

TABELA 8 - CONFIRMAÇÃO (OU NÃO) DAS DIMENSÕES DA CARREIRA
DESVIANTE SEGUNDO HOWARD S. BECKER

RESUMO

Esta pesquisa analisou o significado da escola na vida das presas-alunas da Penitenciária Feminina Madre Pelletier. A investigação observou, a partir de entrevistas em profundidade e depoimentos orais, os contextos sócio-ocupacionais, familiares e educacionais das detentas quando crianças e adolescentes. Esta pesquisa também focalizou os outros atores que interagem no sistema prisional: funcionários, direção, sociedade e Estado. Para melhor desenvolver este estudo, optou-se pela metodologia qualitativa, auxiliada pela quantitativa. A contribuição de Howard S. Becker, uma das vertentes do interacionismo simbólico, permitiu descortinar a trajetória da carreira desviante dessas mulheres; e a pedagogia de Paulo Freire contribuiu para que a esperança e a utopia fossem um eixo permanente neste trabalho.

APRESENTAÇÃO

Desde logo sabemos que esse choque vai continuar havendo entre o mundo da gente, que também não existe só porque a gente quer, e o mundo deles. E que este mundo da gente explicita, expressa uma determinada posição de classe na qual nascemos e explica por isso também os nossos valores. De repente, se chega lá, no outro lado do mundo, pensando em primeiro lugar, (porque o mundo de classe gera esta forma de pensar) em converter o outro mundo e não o da gente. Quando se pensa em converter o outro é porque temos um ponto de partida, que é o seguinte: onde se está é melhor, o que a gente é, é melhor, senão, não haveria porque converter o outro. (Freire, 1985, p. 2).

Se olharmos para trás, veremos que a nossa cidade, como as demais metrópoles deste nosso imenso Brasil, já não é a mesma. Os jardins já não separam uma casa das outras. As pessoas já não passeiam de carro com as janelas abertas. As saídas, à noite, já não são tão constantes. A caminhada já não faz parte do dia-a-dia para muitas pessoas. As fachadas dos prédios e das casas foram alteradas radicalmente; grades encarceram as pessoas - as que podem - em seus próprios lares (Ferreira, 2000, p. 44).

Todos tentam, de qualquer forma possível, proteger-se contra a criminalidade na cidade. A violência constitui uma realidade que nos apavora: a

violência criminal. A sociedade tornou-se temerosa e, inúmeras vezes, indefesa. O governo não caminha com a mesma velocidade dos grupos que praticam vandalismo e terrorismo. As gangues de adolescentes proliferam assustadoramente. Atualmente, as camadas média e alta contribuem também para o aumento dessa violência, porque esses comportamentos sociais estropolam as favelas, as vilas, os desempregados e os analfabetos. Já não podemos mais vê-los como fenômenos radicados na baixa camada social³.

Em virtude disso, os presídios estão com a sua população em índices cada vez mais insuportáveis, e a superpopulação é uma realidade vergonhosa nas casas prisionais do nosso país⁴.

A criminalidade cresce assustadoramente. Programas de televisão, com audiência bastante elevada, mostram atos violentos, inimagináveis há bem pouco tempo em nossa sociedade. A violência está globalizada e já faz parte do dia-a-dia de muitas pessoas; conforme a Polícia Civil (*Editorial, Zero Hora*, 18.02.2000, p. 1), a cada três horas um gaúcho é vítima de seqüestro-relâmpago em Porto Alegre. Não é por acaso que o número de empregos, na função de guardas, tenha aumentado nesses últimos anos, possibilitando sensível superávit às empresas de segurança particular (*Zero Hora*, 16.04.99, p. 56).

O Brasil precisa ser um administrador mais sério das relações sociais, principalmente no que se refere a proporcionar direitos básicos a seus cidadãos⁵. É um direito nosso ter proteção nas ruas como cidadãos e um dever dos

3 O caso do estudante de Medicina de São Paulo, classe média alta, que matou três pessoas em um cinema dentro de um "shopping" paulista.

4 Hoje existem cerca de 165.000 presos e 6000 presas no Brasil, totalizando um efetivo de 171.000 detentos (*Isto É*, n.º 464, 2000, p.16).

5 Eric Hobsbawm diz que o Brasil é um monumento à negligência social (*Criminologia e Feminismo*, 1999, p. 88).

governos estaduais investir na área de educação e segurança, viabilizando esta proteção por meio de programas duradouros e eficientes.

Muitos indivíduos não conseguem conviver com as desigualdades sociais exacerbadas, com as divergências políticas e com o controle social sistemático. Eles acabam violando condutas e, normalmente, cometem delitos. O embate: “querer ter sem poder” versus “ser desigual quando queria ser igual” (na concepção de algumas presas-alunas), quando não resolvido, é um caminho rápido para o ator assumir uma carreira desviante.

Independentemente do gênero feminino ou masculino, uns mais, outros menos, cometem ou cometeram violência em um determinado momento da sua vida. Em alguns casos, infelizmente, este comportamento constitui parte de uma carreira que se desvia das normas sociais vigentes e que será, ou não, punida como tal.

Dentre os inúmeros estudiosos que pesquisam a violência⁶ e a criminalidade⁷ brasileira buscou-se no sociólogo Sérgio Adorno e na antropóloga Alba Zaluar, fundamentos para que este trabalho de pesquisa tivesse uma visão mais crítica e acurada sobre esses temas.

As estruturas sociais são passíveis de transformações, portanto a sociedade está sempre em processo de construção, em transformação. Tardamente, o nosso Código Penal, datado de 7.12.1940, começa a mudar⁸.

6 José Vicente Tavares dos Santos (1997, p. 109) conceitua violência como “noção de coerção, ou de força, implicando um dano que se produz em outro indivíduo ou grupo social, seja pertencente a uma classe ou categoria social, a um gênero ou a uma etnia”.

7 Basileu Garcia (1997, p. 24) define crime com sendo “a ação humana, antijurídica, típica, culpável e punível”.

8 Os inúmeros assaltos e seqüestros praticados no Brasil no final da década de 80 e a pressão de alguns movimentos sociais, como o que se constituiu em decorrência da morte da artista Daniela Perez, levaram ao sancionamento, em 25.07.90, da Lei 8.072, que dispõe sobre os crimes hediondos.

Quem sabe os juristas que aplicam penas alternativas não estão abrindo novos caminhos ao aplicarem dispositivos que garantam um maior equilíbrio social à crise de controle da criminalidade? A Defensoria Pública⁹ é um bom início para quem não tem dinheiro para defender-se.

Atualmente menos ingênua em decorrência das leituras, olhares e escutas mais claras que foram feitas durante este Mestrado, já não concebo a educação como instituição isolada, como a única transformadora da sociedade. Entretanto, não se pode deixar de aceitar a influência que a escola tem na vida social. Parte-se do pressuposto de que a escola é o local mais adequado para estancar esse mundo de desgraças, impunidades, injustiças e conflitos.

Assim, este trabalho tem como finalidade estudar as mulheres presas que se encontram, momentaneamente privadas de liberdade, na Penitenciária Feminina Madre Pelletier. A primeira parte do trabalho versará sobre o contexto histórico da Congregação de Nossa Senhora do Bom Pastor que se dedicou à ressocialização em instituições prisionais femininas, tendo como foco a Penitenciária Feminina Madre Pelletier.

A segunda parte tratará do comportamento plenamente desviante dos sujeitos, a partir da perspectiva teórica do interacionismo simbólico de Howard S. Becker e da concepção de Paulo Freire. Dessa forma este trabalho tem como objeto pesquisar a escola prisional e a carreira desviante do ponto de vista da presa-aluna.

⁹ Com a Constituição de 1988, foi promulgada a Defensoria Pública, sendo homologada em nosso Estado em 19/05/95. Atualmente 213 defensores públicos atuam em todas as áreas do Direito graciosamente para a comunidade carente; excetuando-se questões da área do direito trabalhista, que rege as relações empregado/empregador.

A metodologia usada para o estudo da trajetória de vida dessas mulheres foi a abordagem qualitativa; entretanto usou-se a abordagem quantitativa para observar-se os contextos familiar, educacional e ocupacional e relacionar-se as presas-alunas que foram investigadas em profundidade.

Seguem-se os oito depoimentos dessas mulheres, com a descrição do meio ambiente de onde provieram e da própria carreira desviante. Logo após a análise e a interpretação são apresentados os dados dos referidos depoimentos.

A conclusão da pesquisa, a partir da experiência dessas mulheres, oportunizará a nós, professores, repensarmos a nossa práxis, principalmente, se o ser-sujeito com quem trabalhamos é oriundo da periferia urbana ou das vilas. Nas considerações finais procura-se fazer algumas reflexões para que este trabalho possa contribuir de uma maneira concreta e eficaz para um “repensar” mais profundo e crítico da “práxis” de uma instituição penal em regime fechado, exclusivamente de mulheres.

E, finalmente, espera-se que esta pesquisa colabore na construção de um novo olhar para aqueles que detêm o poder de influir sobre as condições da cidadania, no sentido de sua efetivação.

1 A EDUCAÇÃO NA INSTITUIÇÃO PRISIONAL: APRESENTANDO A PROBLEMÁTICA E O CONTEXTO DA PESQUISA

Não posso ser professor se não percebo cada vez melhor que, por não ser neutra, minha prática exige de mim uma definição. Uma tomada de posição. Decisão. Ruptura.
(Freire, 1997, p. 77).

1.1 A PROBLEMÁTICA DA PESQUISA

Tendo a Penitenciária Feminina Madre Pelletier como urdidura desse campo de trabalho, e as apenadas como atores principais investigados, levantam-se alguns questionamentos para uma reflexão mais profunda sobre a história de vida familiar, social e educacional dessas presas.

Esta pesquisa tem por objetivo geral examinar o significado da escola na vida das presas. Os objetivos específicos do trabalho são os seguintes:

1.verificar o papel da escola freqüentada na infância e juventude pela presa na carreira desviante da mesma;

2.verificar quantas dessas mulheres tiveram passagem pelo IEF - Instituto Educacional Feminino - da FEBEM, quando jovens;

3.verificar a influência do parceiro ou de algum familiar na sua carreira desviante;

4.identificar o papel que a escola tem dentro da penitenciária;

5.identificar quais são os projetos de vida dessas mulheres;

6.a partir da comparação dos períodos religioso e laico de ressocialização das presas, indicar aspectos que poderão ser mantidos ou modificados no presente, do ponto de vista das atoras e desta investigadora.

1.2 A CONTRIBUIÇÃO DA CONGREGAÇÃO DE NOSSA SENHORA DA CARIDADE DO BOM PASTOR D'ANGERS ÀS PRESAS

A princípio, só se recebiam no Refúgio as penitentes que quisessem espontaneamente entrar e permanecer o tempo necessário para se regenerar; depois, com o correr dos anos, começaram a ser também admitidas meninas e donzelas, que por vontade dos pais ou por disposições da autoridade civil deviam se retirar do mundo; finalmente, foram recebidas as meninas e jovens expostas a fácil ruína, quer pela miséria, quer pelos maus exemplos de casa. (Castro, 1940, p. 41).

Santa Maria Eufrásia Pelletier - O seu nome de batismo era Rosa-Virgínia e nasceu em 31.07.1796, na Ilha de Noirmoutier, na França. Filha do médico-cirurgião Juliano Pelletier e de D. Ana Francisca Moreraim, ambos de famílias nobres e praticantes da religião católica. A família era composta por oito irmãos, sendo ela a penúltima filha do casal. Em 1806, a família de Rosa-Virgínia resumia-se na senhora Pelletier, na irmã Ana-Josefina e no irmão caçula Paulo.

Por motivos financeiros a senhora Pelletier viu-se obrigada, no final de 1810, a retornar com a sua família para Soullans. A continuação da formação intelectual e moral da menina Rosa-Virgínia foi desenvolvida no Instituto da Associação Cristã, pequena comunidade religiosa que se propunha a cuidar do apostolado da juventude, na cidade de Tours. Ela interessou-se em trabalhar na Congregação de Nossa Senhora da Caridade, fundada por São João Eudes. Seu sonho era de um dia criar um Refúgio seguro às moças já vítimas do perigo ou periclitantes [refere-se às mulheres que praticaram aborto, salvando-as de uma ruína certa].

Em 11.06.1813, quando perdeu a sua genitora, ela era menor de dezoito anos e, a princípio, não teve o apoio de seu tutor, seu cunhado, para trocar de Congregação. No ano de 1814, recebeu a autorização para transferir-se para o Refúgio de Tours, da Congregação de Nossa Senhora da Caridade. Coincidentemente no dia que Rosa-Virgínia entrou no Refúgio, 20 de outubro, é comemorada pela Igreja Católica a festa do Sagrado Coração de Jesus, sendo por isso, chamada de “postulante do Sagrado Coração”.

Além dos votos de pobreza, castidade e obediência, as irmãs da Congregação do Refúgio tinham no quarto voto a verdadeira base do trabalho religioso a que se propunham: tratar da conversão e da instrução das penitentes. Em 1815, Rosa-Virgínia recebeu o hábito de irmã e as orações do santo fundador João Eudes.

O hábito branco simboliza aquela virtude tão cara em si mesma, mas tanto mais cara e necessária nas religiosas, que devem torná-la amada por aquelas que a desprezam. O escapulário representa o jugo, de que fala o Evangelho, jugo suave e leve para quem o carrega com amor. O rosário lembra a grande alavanca da oração, pela qual tudo se levanta e se move para Deus, além disto, é o símbolo da consagração a Maria Santíssima. O último ato da cerimônia da vestição é a troca do nome. Escolheu o nome de Santa Eufrásia, por ter lido no Martirológico que esta santa tinha vivido muito humilde e esquecida de todos. (Castro, 1940, p. 45).

Entretanto, a cerimônia da sua profissão só foi realizada em 09.09.1817, quando ela completou 21 anos. Naquela época, o número de alunas girava em torno de trinta mulheres. A irmã Eufrásia Pelletier tinha como método “conhecer e amar as penitentes, a fim de fazê-las conhecer e amar mais a Deus” e cita experiências aprendidas com elas:

Um meio, que me foi útil para adverti-las de que estavam em falta, consistia em olhar para elas severamente; muitas me disseram que teriam preferido as maiores penitências, do que serem reprovadas por mim de um modo semelhante. (Castro, 1940, p. 50).

No dia 26.05.1825 a irmã Eufrásia Pelletier foi eleita, por unanimidade, superiora do Refúgio de Tours. Conseguiu , aos poucos e com muita dificuldade, adquirir e fazer melhorias na Congregação , tanto para as religiosas como para as alunas.

“Mandou fazer um uniforme para as recolhidas, tornando-o mais belo e mais conveniente com os usos do tempo, e ordenou que a alimentação fosse muito melhorada.” (Castro, 1940, p. 57).

Segundo Castro (194, p. 59), a Madre Eufrásia fundou em 09.11.1825 a Instituição das Irmãs de Santa Madalena, conhecida mais tarde como madalenas. Esta nova Congregação era destinada às penitentes decididas a continuarem religiosas.

1.2.1 A Casa Do Bom Pastor

Na antiga cidade de Angers, com inúmeros colégios e conventos, capital da região denominada Anjou, existiam duas instituições destinadas ao socorro moral das desvalidas e das menores delinqüentes. A casa do Bom Pastor foi inaugurada por uma comunidade sem clausura, em 1692, tendo por objetivo cuidar das mulheres penitentes que realmente desejassem continuar aprimorando a sua reabilitação.

De 1820 a 1827, a condessa Maria Inocência Joana de Lentivy mostrou-se interessada em reconstituir as instituições que foram destruídas no período da revolução do Terror [objetivava dizimar os católicos, principalmente o clero], obra que veio a ser realizada por seu filho, o conde Agostinho de Neuville. Após a sua

morte, em 3.12.1843, foi considerado pela Madre Pelletier, pelas religiosas e pelas penitentes como o pai e fundador da casa Bom Pastor.

Em junho de 1829, as cinco irmãs designadas e mais a Madre Eufrásia Pelletier abriram as portas daquela casa com o nome de Bom Pastor em homenagem à antiga instituição, que tanto fizera na cidade de Angers pelo bem ao próximo. A Congregação de Nossa Senhora da Caridade do Bom Pastor somente foi aprovada em 13.09.1852, pelo Decreto Imperial.

A Madre Maria Eufrásia Pelletier teve que enfrentar inúmeros atritos com o clero para poder continuar com a sua obra. Muitos adversários da madre, por inveja, mal-entendidos ou por não acreditarem nesta obra, tentaram ceifar este trabalho. No dia 3.04.1835, o Papa Gregório XVI expediu o Breve Pontifício à Madre Pelletier, assegurando o seu cargo de superiora geral da congregação que tinha, como o quarto voto, a conversão das penitentes. Em 1836, fez sérias modificações na organização do convento, dividindo as penitentes por idades e por necessidades.

Mesmo com inúmeras dificuldades financeiras, mas não quanto ao número de religiosas, as casas do Bom Pastor cresciam na França, por isso Madre Pelletier começou a ser chamada de Madre Esperança.

Em 1838, a Congregação de Nossa Senhora da Caridade do Bom Pastor fundou a sua primeira casa religiosa fora das fronteiras francesas. O Papa Gregório XVI convidou-as a assumirem a direção do convento Santa Cruz em Roma. O trabalho desta esclarecida liderança começava a ser reconhecido dentro da Igreja Católica.

A partir de 1840, inúmeros dirigentes da Europa pediram ao papa, por intermédio dos seus arcebispos, novas casas religiosas do Bom Pastor em seus países: Alemanha, Inglaterra, Bélgica. Em 1842, era a vez do novo-mundo, da longínqua América, do Canadá, dos Estados Unidos e da África a chamá-las para a difícil missão de trabalhar com as penitentes. Em fins de 1840, a congregação perfazia um total de trinta e duas casas, assim distribuídas: na França, na Sardenha, em Roma, na Bélgica, na Bavária, na Inglaterra, nos Estados Unidos e na Argélia. Novas casas do Bom Pastor foram fundadas, entre os anos de 1843 e 1844, em Turim e Montreal.

Em Ímola, elas foram chamadas pelo Cardeal Masti Ferretti, que no ano seguinte seria eleito papa, com o nome de Pio IX. Mais uma vez, Deus e a Igreja Apostólica não abandonavam a Madre Pelletier e nem a sua congregação. Há muito tempo a madre planejava comprar uma chácara para cultivar legumes para abastecer a Casa-Mãe, e isso ocorreu em 1846. Adquiriu terras em Campo dos Mártires, local em que muitas pessoas inocentes foram executadas em decorrência da revolução. Esse local recebeu o nome de Casa de Nazaré e tornou-se uma colônia agrícola.

Em 1855, a congregação foi dividida em sete províncias: cinco na Europa, uma na África e uma na América do Norte. A extensão dessa congregação foi significativa nos anos posteriores, sensibilizando o clero e a comunidade de benfeitores; novas casas religiosas foram fundadas, entre as quais a de San Felipe, no Chile. Em 28.05.1855, as irmãs assumiram o convento chileno, denominado Beatério, que visava a atender as penitentes, um internato para as

noviças e uma escola externa às meninas pobres. Esta casa foi considerada pela congregação como a célula-mater dos inúmeros conventos que seriam fundados aqui na América do Sul. Madre Eufrásia denominou as casas chilenas de “Missões do meu coração” e somente em março de 1864 é que as irmãs assumiriam a direção do cárcere das mulheres chilenas.

A congregação abriu novas casas na Europa, Estados Unidos, América Latina (Chile), chegando à Índia. Em 23.06.1863 ela fundou um convento do Bom Pastor no único continente em que sua obra inexistia, a Oceania. Naquela época a Congregação de Nossa Senhora da Caridade do Bom Pastor compreendia a Casa-Mãe, cento e dez conventos e dezesseis províncias com casas religiosas espalhadas por todos os continentes.

Madre Maria Eufrásia Pelletier morreu um dia antes da festa do Bom Pastor, em 24.04.1868 e o seu corpo foi enterrado na capela da Casa-Mãe, à esquerda do altar. A beatificação ocorreu no templo de São Pedro, em Roma, no dia 30.04.1933. A partir dessa data, a Congregação de Nossa Senhora da Caridade do Bom Pastor começou a comemorar o seu dia, no segundo domingo depois da Páscoa. Madre Pelletier foi canonizada em 02.05.1940, tornando-se Santa Maria Eufrásia Pelletier à Igreja Católica e para as presas da Penitenciária Feminina Madre Pelletier, a Santa Esperança de um destino melhor (Castro, 1940, p. 147).

1.2.2 A Congregação de Nossa Senhora da Caridade do Bom Pastor no Brasil e no Rio Grande do Sul

A fundadora dos conventos da Congregação Nossa Senhora da Caridade do Bom Pastor na América do Sul foi a Madre Josefa Fernandez de Santiago Concha, nascida em 15.03.1835 e pertencente a uma importante família católica chilena. Em 1864, foi nomeada superiora do convento de Santiago, tendo sob sua responsabilidade os conventos de San Felipe, Santiago, Valparaiso e La Serena.

Ao morrer, em 13.01.1928, deixou sete províncias e mais de cinquenta conventos espalhados pelo Chile, Argentina, Brasil, Uruguai e Paraguai. E é na Argentina e no Chile que esta congregação assumiu o compromisso, com os governantes, de trabalharem com mulheres criminosas¹⁰. Em 1871, as primeiras irmãs dessa congregação chegaram ao Brasil.

A instituição do Bom Pastor inaugurou a sua primeira casa brasileira, no Rio de Janeiro, somente em 1891, por intermédio da escritora brasileira D. Gabriela de Jesus Ferreira França. Em 1895, as duas primeiras brasileiras professaram a sua fé na presença da Madre Maria Santo Agostinho de Jesus e do bispo gaúcho Dom Cláudio José Ponce de León, no noviciado instituído em 1892, pelo Papa Leão XII.

Várias casas religiosas dessa congregação foram inauguradas aqui no Brasil: Bahia, São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Recife, Pará, Alagoas e Pernambuco, tendo por objetivo a recuperação de mulheres delinqüentes.

¹⁰ De 1936 a 1950, as mulheres e adolescentes que apresentavam desvio de conduta em relação às normas sociais ficavam no Reformatório de Mulheres Criminosas. Em 1950, passa a chamar-se Instituto Feminino de Readaptação Social; e as detentas, de "internas". Com o passar do tempo essa denominação deixou de ser usada; sendo retomada na direção da socióloga Tânia Nascimento. Hoje, as próprias presas não vêem mais razão de serem assim chamadas.

Em 19.03.1904, o Monsenhor Cruz criou a Sociedade das Damas Protetoras do Bom Pastor, constituída por senhoras de família ilustres do Rio de Janeiro. O Papa Pio X autorizou a criação de uma nova província da Congregação de Nossa Senhora da Caridade do Bom Pastor, no Brasil, e a religiosa Maria de São Francisco Xavier Novoa foi nomeada a nova madre provincial desta congregação, em 25.04.1906.

O primeiro convento gaúcho do Bom Pastor teve a ajuda da Sra. D. Otilia Irapaga e do Bispo Dom Joaquim Ferreira de Melo, sendo inaugurado em 1934, na cidade de Pelotas; a superiora designada foi a Madre Maria de Santa Eufrásia Chaves.

O diretor de menores de Porto Alegre, Dr. Dionísio Marques, após visitar a Escola Afonso Pena, no Rio de Janeiro, mostrou-se interessado em fundar uma escola semelhante aqui no Rio Grande do Sul. Naquela época, o governador Dr. Flores da Cunha sensibilizou-se com a proposta e o autorizou a manter contato e convite às irmãs da Congregação do Bom Pastor, para que assumissem este trabalho.

A contribuição de Dom João Becker, Arcebispo de Porto Alegre naquela época, foi de suma importância para que essa tarefa fosse efetivada. No dia 13.12.1935, o Dr. Claudino Gayer e sua esposa receberam as oito primeiras irmãs designadas para a Escola Reformatória, atual Penitenciária Feminina Madre Pelletier.

A primeira missa celebrada na Casa do Bom Pastor, localizada naquela época no bairro Partenon, foi em 20.12.1936. A primeira madre superiora dessa

casa prisional feminina foi Maria da Santa Família Lemos Lessa; a última religiosa a exercer o cargo de diretora, em 1981, antes de entregá-la ao governo estadual foi a Madre Maria José Brandão.

1.3 A PENITENCIÁRIA FEMININA MADRE PELLETIER

1.3.1 De 1940 a 1981: A Penitenciária sob a Orientação Religiosa e Educacional das Irmãs da Congregação do Bom Pastor

Não há transição que não implique um ponto de partida, um processo e um ponto de chegada. Todo amanhã se cria num ontem, através de um hoje. De modo que o nosso futuro baseia-se no passado e se corporifica no presente. Temos de saber o que fomos e o que somos, para saber o que queremos. (Freire, 1979, p. 33).

A Madre Maria Elisabete (Anexo A), em depoimento obtido em entrevista para esta pesquisa, colaborou na transição da troca do nome do Instituto Feminino de Readaptação Social para Penitenciária Feminina Madre Pelletier, operacionalizando para que não houvesse mudanças no projeto religioso ou pedagógico perseguido até aquela época pelas irmãs do Bom Pastor.

Ela assumiu, em 1969, a direção dessa casa prisional e permaneceu até outubro de 1977. Naquela época, o relacionamento entre as irmãs e o governo era excelente e todas as festividades que envolvessem a Secretaria da Justiça,

atualmente Secretaria da Justiça e da Segurança, eram realizadas no salão de festas da penitenciária¹¹.

Durante a entrevista realizada em outubro de 1999, essa irmã justificou o porquê de elas terem deixado de trabalhar com as presas:

11 Este salão localizava-se no último andar da penitenciária, na parte da frente do prédio.

“Nós não saímos dali em função da política. As irmãs saíram por “n” motivos, mas delas, da congregação; elas resolveram trabalhar de uma maneira diferente, sem exclusividade de horários, de permanência em local de trabalho. Chegaram à conclusão de que não estavam no caminho da Igreja de hoje, daquele tempo, queriam uma coisa mais aberta. Lamento essa saída que não foi só aqui: saíram do presídio de São Paulo, de Recife. A Congregação do Bom Pastor ainda existe aqui no nosso estado, ao lado da Penitenciária Feminina Madre Pelletier e em Caxias do Sul onde elas trabalham com mães solteiras. A Congregação do Bom Pastor não trabalha mais com mulheres presas. Elas mudaram a finalidade inicial dessa congregação religiosa.”

Durante a entrevista, relatou que o trabalho realizado por elas era pautado na consciência de que cada presa era uma pessoa com seus acertos e erros, que cada uma era um ser-sujeito único, embora o trabalho em grupo era constante em todas as atividades programadas com as presas.

O grupo, para elas, oportunizava um crescimento muito rico para todas as pessoas envolvidas nessa atividade. Todos os domingos de manhã, após a missa, Madre Elisabete fazia uma reunião-geral com todas as presas; a presença era obrigatória. Nesse momento, elas tinham liberdade para falar o que quisessem, inclusive dos funcionários da casa, mas respeitosamente; também esse momento servia para serem programadas as festividades futuras a serem desenvolvidas dentro da penitenciária.

As reuniões com os funcionários e técnicos da casa eram realizadas, impreterivelmente, uma vez por semana; todos cumpriam a sua carga horária na íntegra e iam diariamente até a penitenciária. Ela não admitia falta de respeito com as presas por parte dos funcionários e vice-versa; era a congregação que selecionava os funcionários que iriam trabalhar na casa prisional, e as irmãs

tinham autoridade plena para dirigirem a penitenciária. Não havia nenhuma ingerência administrativa do Estado nesse trabalho, exceto financeiro¹². As irmãs tinham por lema um trabalho de muita confiança entre direção, funcionários, técnicos e presas.

Naquela época, todas as internas - não mais de 80 presas - trabalhavam durante o dia todo, a ociosidade não existia para nenhuma delas: tinham aulas de alfabetização, de cabeleireiro, faziam pães,ucas e bolachinhas na padaria, cozinhavam, teciam malhas, bordavam e costuravam, lavavam e engomavam as toalhas de linho da comunidade. Os trabalhos femininos, naquela época, eram bastante incentivados. As irmãs exigiam que a penitenciária estivesse sempre limpa e as paredes sem riscos; as internas¹³ estavam permanentemente limpas, maquiadas discretamente e perfumadas. Madre Elisabete não permitia que elas andassem rasgadas, sem banho e escabeladas, acreditava que esses quesitos aumentavam a auto-estima das internas.

Conforme relatou a Sra. Delnia Bertaso, na entrevista realizada no mês de agosto (Anexo B), não existiam diferenças tão acentuadas entre a penitenciária e os colégios católicos Sévigné e Bom Conselho, aqui de Porto Alegre. Ela afirma:

“Era um estabelecimento que se equiparava a um hotel cinco estrelas em limpeza, organização, justiça e respeito. Era tudo igual: limpo, cheio de folhagens, era uma vida de colégio, era um internato. Era um verdadeiro trabalho de ressocialização humana! As presas saíam preparadas para assumirem uma casa. Bons tempos! ... Hoje, eles acham que conseguem recuperar os presos com tijolo e argamassa? Não recuperam ninguém!...Foi lastimável a

12 O Estado mantinha a alimentação das presas, conservação do prédio e salário dos funcionários.

13 Naquela época, as presas eram chamadas de internas pela direção e pelos funcionários e realmente achavam que estavam em um local que as recuperava. Atualmente, elas não mais admitem essa denominação.

saída das irmãs de dentro da Penitenciária Feminina Madre Pelletier. Perda para elas (presas) e para nós, sociedade.”

Naquela época, segundo a ex-madre Maria Elisabete, a maior parte das presas cumpria a pena por homicídio, hoje, elas já não matam tanto por amor. Inexistiam assaltos e a reincidência era muito baixa. Ela acredita que o trabalho desenvolvido pelas irmãs não seria possível hoje em dia, porque elas tinham uma dedicação exclusiva às presas, o que não ocorre com os leigos.

Entretanto, alerta que um tratamento mais humano às presas é essencial para que haja uma reforma ética e moral na vida dessas mulheres.

Em 1976, as irmãs do Bom Pastor comemoraram as quatro décadas de trabalho, dedicação e de ressocialização às internas daquela época. Dentre os inúmeros agradecimentos que elas deixaram às irmãs, grafados em um pequeno livro organizado pela ex-madre Elisabete, pode-se listar:

Muitos julgam impossível trabalhar com pessoas que foram repelidas pela sociedade e, no entanto, as Irmãs do Bom Pastor se dedicam inteiramente a nós, fazendo um verdadeiro trabalho de regeneração.

Agradecemos às irmãs dessa Congregação tudo o que elas fazem para nos sentirmos mais gente.

A penitenciária é a casa onde penitenciamos nossos erros, todavia, as nossas angústias, tristezas e revoltas, que nos deprimem, são amenizadas através da missão evangelizadora das Irmãs do Bom Pastor.

As Irmãs do Bom Pastor, continuando a missão da fundadora Madre Pelletier, trabalham para a recuperação das internas, dando-nos apoio para que possamos ser úteis à sociedade.

A ex-madre Elisabete enfatiza: *“as irmãs do Bom Pastor não apoiavam o erro, mas amparavam, orientavam e promoviam aquela que errou...”*

1.3.2 De 1981 a 1999: A Penitenciária sob a Égide Estatal

Quem acredita na mudança da realidade tem que realizar a transformação.

Quando as elites tentam impor o silêncio sobre certos temas, o simples fato de examinar esses temas, ainda que ingenuamente, já pode representar algum perigo. A tarefa para os que não são reprodutores da ideologia dominante é descobrir, independentemente do currículo, examinar tais temas. (Freire e Shor, 1987, p. 200).

As mulheres e as jovens infratoras que cumpriam pena no mesmo lugar, mas em alas diferentes, separaram-se em 24.02.70¹⁴, em decorrência da inauguração da PFMP - Penitenciária Feminina Madre Pelletier. Nessa mesma época surgia a FEBEM - Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor.

O nome dado à casa prisional foi uma homenagem à religiosa que fundou a Congregação das Irmãs do Bom Pastor. Elas dirigiram essa penitenciária durante quatro décadas, de 1936¹⁵ a 1981, oportunizando uma vida mais igualitária às presas, tendo por princípio a obra apostólica de Cristo. Em 1981, a pedido das religiosas, o convênio com o governo foi rompido; o Juvenato já não formava tantas freiras para o trabalho religioso.

Em virtude disso, a congregação afastou-se de sua obra apostólica nas prisões brasileiras. A administração dessa penitenciária feminina passou definitivamente para o Estado, ficando sob os cuidados da SUSEPE - Superintendência dos Serviços Penitenciários¹⁶.

Entretanto, o interior do prédio nunca negará que um dia pertenceu a uma Congregação de Religiosas que acreditou, como os professoras, que o homem não nasce bom ou mau. Kant conceitua a educação como um elemento modificador do contexto social. Com certeza, ela é uma viga importante para que se conheça em profundidade o verdadeiro sentido da palavra cidadania. Para Kant *“educar é formar o homem na direção do progresso geral da humanidade.*

14 Ver página

15 O trabalho dessas religiosas começou realmente como um todo - religioso e educacional, em 1940.

16 O Decreto 18.951, de 07.03.68, cria a SUSEPE que tem por objetivo planejar e executar a política penitenciária no Estado, ficando sob sua responsabilidade a execução da pena que priva da liberdade.

Tal formação supõe a habilidade ou a instrução, a prudência ou a socialização, mas sobretudo, a moralização”. (Martini, 1993, p. 110).

Atualmente o efetivo de mulheres nessa casa prisional é formado por cento e oitenta apenadas, assim distribuídas¹⁷: a) oitenta presas condenadas em regime fechado¹⁸; b) vinte e nove presas em regime semi-aberto¹⁹; c) cinco presas com retorno de fuga; d) sessenta e seis presas provisórias²⁰.

O prédio da penitenciária²¹ lembra um colégio de freiras e as suas paredes externas sempre foram pintadas na cor rosa que, de delicada, como disse uma aluna, só tem a cor. A Brigada Militar cuida da segurança externa dessa casa prisional²² e para se ter acesso ao seu interior precisa-se passar por três portas, sendo a primeira, monitorizada por uma televisão.

Na parte térrea ficam os setores administrativo e o da segurança: direção, cadastro, revista íntima, setor jurídico²³, despensa, refeitórios e cozinhas²⁴, banheiros dos funcionários, o palatário e o departamento pessoal. À direita, entre o saguão de entrada e a creche, há um pátio pouco ensolarado, principalmente no inverno, onde as presas jogam vôlei ou conversam²⁵.

Saindo à esquerda desse mesmo saguão, encontra-se uma gruta com a imagem de Nossa Senhora; na época das freiras existiam flores aos pés da

17 Censo feito em 26.12.1999, conforme documento mensal que o setor de Cadastro, da PFMP, efetua e distribui aos outros setores da casa. Nesse documento, as presas são relacionadas por regime e situação jurídica.

18 Presas em regime fechado são aquelas que recebem visitas de familiares, mas não os podem visitar.

19 Presas em regime semi-aberto são aquelas que, após cumprirem o tempo determinado por Lei no regime fechado, podem trabalhar fora da penitenciária e visitarem os seus familiares em suas residências. Retornam à noite à penitenciária, exceto em dias de passeio.

20 Presas provisórias são aquelas que ainda não foram julgadas pela justiça penal.

21 Localiza-se no bairro Teresópolis, na Avenida Teresópolis, n.º 2727.

22 Goffman conceitua instituição total, da qual o presídio é uma das instâncias, como: *“Um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administradas”*.

23 A casa tem dois advogados que assessoram a direção da casa.

24 Uma cozinha e um refeitório pertencem às presas; os outros dois, aos funcionários.

25 A presa tem direito a tomar sol diariamente, amparada na LEP- Lei de Execução Penal.

Virgem. Nesse local há também um pátio, um jardim maltratado e três bancos de concreto. Aqui, as presas recebem os seus familiares nos dias de visita. Subindo uma escada, perto da gruta, tem-se acesso ao segundo piso da penitenciária. Neste andar ficam o setor médico-odontológico²⁶ e o setor psicossocial²⁷, a defensoria-pública não possui uma sala própria e por isso utiliza a mesma da assistente social (normalmente à tarde, às quartas-feiras), em cujo horário, a funcionária atende os familiares das presas no andar térreo da casa. Aqui também localizam-se a galeria B, exclusiva das presas trabalhadoras e a sala de trabalho do Hospital Conceição²⁸; o setor de Valorização Humana²⁹, do qual a escola faz parte, a sala dos computadores³⁰, um banheiro para uso das presas, a biblioteca e dois quartos para visitas íntimas³¹, uma fábrica de montagem de torneiras e uma malharia.

Neste andar está a capela³² que foi destruída pelo incêndio provocado por uma presa³³, em 1995. O grande órgão, instrumento musical tombado como o terceiro melhor do mundo³⁴, que antigamente animava os cânticos das missas das presas e das irmãs da Congregação Bom Pastor, virou cinzas. No corredor

26 A casa prisional dispõe de três profissionais da saúde: dois médicos que atendem diariamente as presas, um clínico-geral e um ginecologista; um dentista que atende um dia por semana.

27 Uma psicóloga e uma assistente social compõem o quadro de técnicos do Setor Psicossocial.

28 O Hospital Conceição faz parte do Complexo Hospitalar Nossa Senhora da Conceição/RS, as presas confeccionam roupas de cama, máscaras e roupas infantis para os pacientes desse complexo.

29 O setor da Valorização Humana supervisiona o cumprimento funcional das presas nos setores de trabalho, seleciona quem irá ocupar um determinado trabalho e programa atividades recreativas.

30 A casa dispõe de cinco computadores doados por um projeto do MEC- Pró-Educar.

31 Somente as presas condenadas têm direito a receberem visitas íntimas e precisam provar vínculo afetivo há mais de 6 meses com o parceiro. As visitas são agendadas pelo setor Psicossocial e são realizadas nos dias de visitas: sábados e domingos, pela manhã e à tarde.

32 Essa capela tinha valiosas pinturas e afrescos do pintor italiano Emílio Lessa, amigo e colega de Instituto de Artes de Aldo Locatteli, na Itália. Locatteli veio para o Brasil a convite de Lessa e de um bispo de Pelotas.

33 Naquela época, a capela estava desativada e o seu interior continha um número expressivo de colchões de espuma, que seriam distribuídos aos demais presídios do RS.

34 Esse instrumento foi trazido da Europa pelas irmãs do Bom Pastor, quando iniciaram as suas atividades aqui no Brasil.

desse piso também tem um aparelho, que se interliga com a televisão do saguão principal.

Subindo o último lance de escadas encontra-se uma fábrica de pastas, “kits” para eventos e bolsas térmicas para lanches e bebidas; logo após, fica a sala de costura. É neste andar que se localizam as galerias E e D; a galeria D pertence às presas condenadas e a E, às presas provisórias³⁵. Há, também, um dormitório e um banheiro para as agentes que controlam essas galerias.

Difícilmente um agente penitenciário circula por esse andar, normalmente isso só acontece quando se faz necessário conter alguma presa ou quando a casa faz uma revista geral nos pertences delas, para verificar se não há objetos proibidos pela casa³⁶.

Retornando pelo mesmo caminho percorrido, chega-se ao saguão principal e atravessando-o, estar-se-á no lado direito do prédio. No térreo, localizam-se a sala da coordenadora do regime semi-aberto, um banheiro às funcionárias, uma lavanderia para as presas, a sala da coordenadora da creche, um salão grande onde as crianças brincam³⁷, com acesso a um pátio e a uma minipracinha, a cozinha e o refeitório das presas e dos seus filhos, uma fábrica de guarda-sóis, de confecção de uniformes para garis e de macacões para serviços pesados.

35 Essa divisão foi feita pela antiga diretora, no governo anterior.

34 Os funcionários e presas utilizam o termo “girica” para nomear tal forma de controle

37 Atualmente os brinquedos ficam permanentes nesse local, possibilitando um lugar mais atrativo e lúdico às crianças. A creche foi fundada em 11.03.1971, tendo como mantenedora, naquela época, a Sociedade Beneficente Bom Pastor.

No segundo andar, estão as galerias onde ficam as mães e os seus filhos³⁸ e no terceiro andar, encontra-se a galeria das presas em regime semi-aberto.

Nos fundos do prédio da penitenciária há um pátio imenso, onde antigamente havia uma horta bem cuidada e produtiva, um recanto com bancos ao redor do pequeno Santuário da Nossa Senhora de Fátima e dos seus três pastorezinhos. A missa em homenagem ao “Dia das Mães” e a do final do ano foram realizadas nesse local. No lado esquerdo do pátio há um anexo, local em que as presas ficavam quando recebiam castigo; há um bom tempo está desativado³⁹. Na época da ditadura militar o espaço pertencia ao Doi-Codi.

As fábricas localizadas dentro dessa penitenciária mantêm um convênio, o PAC – Protocolo de Ação Conjunta, com a SUSEPE e pagam um salário-mínimo às presas. Elas não têm carteira assinada e 20% desse dinheiro fica retido no fundo prisional, o qual só será retirado quando a presa terminar de cumprir a sua pena, com a anuência do juiz.

A construção da cidadania, para muitas mulheres, começa dentro de uma casa prisional: ter acesso a exames médicos, tratamento dentário, escola, disciplina e respeito à hierarquia.

Apesar de estar-se trabalhando há um bom tempo com mulheres presas, ainda tem-se inúmeras dúvidas que, inexoravelmente, inquietam a consciência e desafiam o professor.

³⁸ As crianças dormem na mesma cama das suas mães. Enquanto o bebê couber no carrinho e a mãe tiver condições de consegui-lo, o seu uso é permitido pela casa.

³⁹ Em fins de 1998, uma presa suicidou-se naquele local. A partir daquela data a sala não foi mais usada.

Os juízes e promotores da 2ª Vara de Execuções de Porto Alegre, amparados na realidade de que os presídios gaúchos não têm condições de darem trabalho a todos os presos e acreditando que a escola pode ser um importante meio de ressocialização, tentam incentivar os detentos a estudarem, concedendo remição para quem freqüentar a escola: para cada 18 horas-aula há redução de um dia de pena (Anexo C).

Torna-se muito difícil e complexo falar em possibilidades, em ressocializar um indivíduo trancafiado que, na maioria das vezes, teve os seus direitos básicos como habitação, saúde e educação violados por essa mesma sociedade que hoje o condena.

O professor Roberto da Silva (*Zero Hora*, 20.04.1997, p. 4), ex-menino da FEBEM e ex-presidiário, teria todos os requisitos para manter-se à margem da sociedade, entretanto direcionou-se ao lado bom da vida. Surpreende seu depoimento:

Eu percebi o aparato criado pelo Estado para os presídios como uma máquina, onde eu e os outros éramos apenas um dente e onde cada delito, cada crime, botava a máquina em movimento.

Eu não parei de cometer crimes porque achava errado, mas por uma atitude política. Eu não queria ser o dente que colocava a máquina em movimento.

A primeira diretora leiga dessa casa prisional foi uma monitora, bacharel em Direito, permanecendo no cargo por sete anos. Ela deu continuidade ao trabalho das irmãs e por muito tempo a penitenciária se auto-sustentou: as presas produziam doces, pães, cucas, cartões em papel vegetal e bordados e esses produtos eram vendidos à comunidade. Nessa época, a penitenciária era

considerada uma verdadeira cooperativa pelos funcionários e pelas presas, pois ela se automantinha. Essa diretora acreditava que a reeducação da presa estava estreitamente ligada a um trabalho e a um salário.

Após, assumiu uma assistente social também funcionária do sistema prisional. Ela tentou continuar com a mesma filosofia de trabalho, mas nessa época surgiu o Fundo Penitenciário que não mais permitia o gerenciamento direto do dinheiro obtido pela casa prisional. Todo o capital arrecadado pela penitenciária ia direto à SUSEPE e, após, aquele Fundo redistribuía esse valor aos demais presídios, inclusive para a Penitenciária Feminina Madre Pelletier por meio de verbas orçamentárias. Com isso, nem sempre havia dinheiro disponível para a compra de produtos necessários à elaboração dos quitutes feito pelas presas para serem vendidos à comunidade; o trabalho da padaria diminuiu e a receita mensal de cada uma delas também.

Novamente houve mudança na direção da casa e assumiu uma monitora, bacharel em Direito, que ficou por pouco tempo. Após esse período, assumiu outra assistente social que tentou resgatar a filosofia das irmãs do Bom Pastor. E foi nessa direção que surgiu a primeira parceria governo e empresa, com a ida da Termolar – empresa gaúcha que vende garrafas térmicas, para dentro da casa prisional. O primeiro incêndio provocado na instituição ocorreu nessa administração e, enquanto aguardavam a recuperação do prédio, a penitenciária mudou-se para um anexo do IPF – Instituto Psiquiátrico Forense.

Essa direção não se manteve por muito tempo e assumiu o primeiro diretor, um monitor, que já tinha sido diretor de um presídio masculino. Alguns técnicos

salientaram que foi nessa gestão administrativa que a penitenciária perdeu o seu referencial cristão, humanista e assistencial, assumindo o caráter de uma verdadeira cultura de cadeia. O primeiro incidente em grupo, entre as presas, surgiu nessa administração; os limites de respeito e ética foram dilatados, as discussões verbais não eram consideradas agressões e a violência física instalou-se rapidamente entre as mulheres.

Em abril de 1992, assumiu uma nova administração na casa prisional, uma monitora graduada em Sociologia, Tânia Nascimento⁴⁰, que resgatou sensivelmente o trabalho feito na época das irmãs da Congregação do Bom Pastor. Ela enfrentou vários atritos com os seus colegas em função dessa filosofia, pois achavam que a direção privilegiava as presas; com paciência e competência mostrou àqueles que faziam parte do grupo oposto ao seu, que a presa “incomoda” muito menos se estiver com o seu tempo ocupado, for tratada com respeito e dignidade. Quando assumiu, o efetivo de presas era em torno de noventa mulheres; após quase dois meses de trabalho jurídico, esse número diminuiu para setenta presas. Muitas tiveram progressão de regime.

Foi nessa administração que os primeiros certificados do ensino fundamental, expedidos pelo CES – Centro de Estudos Supletivos Mário Quintana, foram entregues às seis presas que obtiveram aprovação nos exames; a escola tinha um espaço relevante dentro da instituição. A escola, naquela época, colaborava ativamente nos eventos organizados pela casa, as aulas noturnas iam das 18h às 22h, sem nenhum entrave por parte dos agentes

⁴⁰ A diretora Tânia Nascimento foi secretária das irmãs do Bom Pastor por um longo tempo. Ela é funcionária aposentada e concursada da Secretaria da Segurança e da Justiça.

penitenciários. A situação jurídica da grande maioria das presas e os exames para a progressão de regime estavam dentro do tempo previsto. A direção, com o apoio da Vara de Execuções Penais, elaborou parceria com uma firma de vendas de produtos não-perecíveis, por telefone, e um grupo de vinte presas, em regime fechado, saíam para trabalhar durante o dia e retornavam à noite.

O trabalho era feito dentro da referida firma. Não houve registro de fuga de nenhuma presa durante esse projeto, que durou quase um ano.

A direção manteve-se até o ano de 1996. Os pilares dessa administração eram a escola, os grupos de auto-estima⁴¹ e o trabalho prisional. Semanalmente, a diretora reunia-se com os técnicos da casa e mais a chefe de segurança.

As demais direções, assumidas por dois homens, não tiveram essa mesma visão administrativa, entretanto a escola continuou sendo vista como um instrumento importante de ressocialização das presas.

Em 30.05.97, uma nova direção assumiu essa casa prisional. A nova diretora era uma agente penitenciária, graduada em Ciências Sociais e em Direito. Ela fez alguns ajustes administrativos, privilegiando a segurança.

Até a metade do segundo semestre de 1997, os projetos da penitenciária, quanto à ressocialização, foram executados lentamente e com pouco êxito; essa direção, após um período administrativo que se caracterizaria como autoritário, foi transitando, com o decorrer do tempo, para uma interação mais leve, mais humana e mais educativa, proporcionando um trabalho mais ressocializador e

⁴¹Essa diretora usava o método terapêutico para dar suporte teórico ao trabalho de sensibilização que desenvolvia duas vezes por semana com as presas, chamado Família Reencontro.

prazeroso. Regularizou, dentro do possível e no menor tempo, a situação jurídica da presa, atualizando a progressão de regime que estivesse atrasada.

Aos poucos, foi conquistando os funcionários e as presas, foi dando mais espaço às atividades lúdicas e culturais, proporcionando um trabalho mais ressocializador. No início do ano de 1998, a direção da penitenciária resolveu abrir as suas portas à sociedade: a OSPA – Orquestra Sinfônica de Porto Alegre tocou pela primeira vez para as presas, em vinte e sete de julho; o Grupo CTG 35 compareceu na Semana Farroupilha, e a artista gaúcha Carmem da Silva produziu uma peça de Natal, que foi montada e representada pelas próprias presas, nas festividades de fim de ano. Nesse ano e no posterior, as mudanças sociais e interpessoais entre os sujeitos foram reconstruídas com profundidade, respeito e êxito. Um grupo bem significativo de presas fez um abaixo-assinado para que essa direção se mantivesse no cargo.

Durante todo o ano de 1998 e metade de 1999, por questão político-educacional, o corpo da escola da penitenciária ficou reduzido a três professoras: uma professora estadual da Secretaria da Educação e não cedida para a SUSEPE; uma professora da FEBEM cedida à Secretaria da Justiça e da Segurança; e uma professora-voluntária alfabetizadora, vinculada à FEPLAM – Fundação Educacional e Cultural Padre Landell de Moura. Assim, a Secretaria de Educação omitiu-se na sua principal função com relação às mulheres presas: mostrar-lhes o mundo das palavras.

Em janeiro de 1999, novo governo assumiu o Rio Grande e nova direção passou a comandar a Penitenciária Feminina Madre Pelletier cuja diretora é uma monitora⁴².

Algumas modificações ocorreram no dia-a-dia da casa, a maioria dos agentes penitenciários estava contente com essa nova direção.

A escola, aproveitando o Dia Internacional da Mulher, começou um trabalho mais estreito com a Comissão de Cidadania e Direitos Humanos da

42 O quadro de carreira da SUSEPE é formado por três níveis: técnicos, monitores e agentes penitenciários.

Assembléia Legislativa, objetivando dar maior transparência e legitimidade ao trabalho educacional. A OAB – Ordem dos Advogados do Brasil/RS fez um trabalho sobre a importância do processo da escolha de representantes de galeria, tendo por finalidade articular o processo de reivindicações entre presas e direção.

Essa interação deu início ao resgate da cidadania destas mulheres, momentaneamente, privadas de liberdade. Infelizmente, essas parcerias não continuaram por muito tempo. Em abril do ano passado (1999), mudou novamente a direção da casa e assumiu uma agente penitenciária. Essa direção mantém-se até hoje e a escola avançou muito pouco nesse período.

Em outubro desse mesmo ano (1999), a direção da casa, juntamente com a direção do NOES⁴³ - Presídio Central, inauguraram a biblioteca da penitenciária sem que a grande parte das presas e dos funcionários fosse comunicada. Apenas um grupo muito pequeno de presas participou do evento, gerando indignação naquelas que ajudaram a carregar livros dos mais variados lugares da casa para a atual biblioteca.

Vários questionamentos e um imenso mal-estar surgiram nesta pesquisadora⁴⁴ e na professora Graça⁴⁵, sabedoras do evento um dia após a inauguração. Nas palavras de Freire (1993, p. 104) comenta-se o ocorrido:

O autoritarismo de direita é menos elitista do que o de esquerda porque acredita em ou teme que as classes

43 NOES – Núcleo de Orientação de Ensino Supletivo é uma agência educacional não-formal que oferece atendimento personalizado, principalmente a adolescentes e adultos; tem por finalidade preparar os alunos a prestarem exames da Secretaria da Educação, que ocorrem pelo menos uma vez ao ano. A escola dessa penitenciária é uma extensão deste NOES.

44 Uma correspondência foi remetida ao NOES e à coordenadora do DEJA, Departamento de Ensino de Jovens e Adultos/SE; outra, à SUSEPE. Ver Anexos D e E que explicitam a saudável indignação desta mestranda.

45 A professora Maria da Graça foi professora alfabetizadora voluntária; saiu no início desta atual direção.

populares podem mudar a qualidade, de menos crítica para mais crítica, se sua capacidade de inteligir o mundo. De saber o mundo. De mudar o mundo. No fundo, o autoritarismo de direita acredita muito mais na prática educativa do que o de esquerda ou de certa esquerda. Daí que a direita reprima sempre mais duramente aqui, menos ali, projetos e programas de educação progressista reconhecidos por ela como ameaçadores da “democracia”, a sua democracia. E certa esquerda considere-as e os educadores progressistas como meros “gerenciadores da crise capitalista” ou como idealistas teimosos e renitentes.

No dia dezoito de dezembro do ano de 1999, a escola, as senhoras da Congregação do Bom Pastor e a Igreja Divino Mestre – localizada no bairro Partenon, realizaram uma missa natalina para as presas; nesse culto, elas apresentaram a oração que fizeram à Santa Eufrásia Pelletier. A partir daquela missa, as presas começaram a contar com um novo escudo de fé: a Santa Esperança.

No final do ano e em meados de janeiro (*Editorial, Zero Hora*, 16.01.2000, p. 38), as presas, revoltadas, quebraram quase todos os vidros da galeria “D”, reivindicando mais agilidade nos seus processos, aquisição de medicamentos às aidéticas e diminuição de sedativos prescritos a elas.

As atuais instituições não mais apresentam credibilidade e princípios de solidariedade e justiça para a tarefa que têm por obrigação: a recuperação daquele indivíduo que cumpre pena.

Parece que a Casa Rosa chegou ao seu limite extremo, fazendo-se necessária uma retomada séria, por parte dos governantes, aos ensinamentos da Santa Eufrásia Pelletier, no outro pólo:

Pouco a pouco foram entrando as prisioneiras. Todas mostravam-se alegres pela boa acomodação, cada qual em

sua cela, e submeteram-se ao novo regulamento. Lastimavam somente a supressão do álcool, do fumo, das leituras livres e das cartas íntimas. Três meses depois, os visitantes do presídio proclamavam a transformação dessas infelizes mulheres, e os jornais publicavam referências elogiosas às irmãs do Bom Pastor. (Castro, 1940, p. 46).

A escassez de funcionários e os poucos recursos públicos são elementos fortes que dificultam a infra-estrutura necessária à operacionalização deste trabalho; em contrapartida, se não houver um comprometimento social, educacional e político com essas mulheres, a ressocialização não resultará satisfatória para os atores envolvidos nesse processo. Para Freire (1986), há que se ter coragem e esperança para continuar na luta contra as injustiças sociais.

Atualmente, a relação entre presas e instituição está fragilizada, principalmente para aquelas presas que estão há mais tempo cumprindo pena; as comparações com os anos anteriores são inevitáveis. A instituição penal não avança no presente, na ressocialização das presas e o número de funcionários é pequeno para dar continuidade às atividades que aqui existiram, em anos passados. O atendimento à população carcerária não cresce na mesma proporção da criminalidade. Os entraves, os problemas e as decepções entre os sujeitos que atuam neste processo de ressocialização é fatal, porque as perspectivas desses atores diferem entre si, muitas vezes, antagonicamente. Os valores não são declarados de maneira igual.

O governo estadual necessita investir com mais vigor no aprimoramento dos seus agentes penitenciários e funcionários que atuam dentro das casas prisionais. Há um questionamento muito forte por parte dos agentes penitenciários

na troca de governos: nova filosofia de trabalho é sugerida ou imposta, entretanto, eles que vivem a rotina da presa não recebem reciclagem para que a nova metodologia seja apreendida por eles. Todos receberam ensinamentos para que a segurança da casa possa ser mantida; para atenderem a um novo paradigma, inevitavelmente, precisam de uma nova lente voltada para esse novo olhar.

Trabalhar a auto-estima e a importância da função do agente penitenciário dentro de uma casa prisional, seria um bom começo para nutrir as relações interpessoais dos agentes, técnicos e direção da penitenciária.

1.3.3 Tecendo a Minha História de Professora: do Acaso a um Compromisso

A auto-suficiência é incompatível com o diálogo. Os homens que não têm humildade ou a perdem, não podem aproximar-se do povo. Não podem ser seus companheiros de pronúncia do mundo. Se alguém não é capaz de sentir-se e saber-se tão homem quanto os outros, é que lhe falta ainda muito que caminhar, para chegar ao lugar de encontro com eles. Neste lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que, em comunhão, buscam saber mais. (Freire, 1970, p. 81).

Em 1993, retornando profissionalmente da cidade de Canoas para Porto Alegre⁴⁶, recebi o convite da Diretoria de Divisão Escolar, atual Departamento das Coordenadorias Regionais de Porto Alegre, da Secretaria da Educação, para assumir a coordenação do Ensino Supletivo nessa penitenciária. A diretora da casa prisional daquela época, uma socióloga, pediu ajuda a um dos juízes da 2^a

46 Lecionei no Colégio Estadual Júlio de Castilhos, o Julinho, nos anos de 1974 a 1989.

Vara de Execuções de Porto Alegre, para que a Secretaria de Educação cumprisse efetivamente com o seu papel dentro da Penitenciária Feminina Madre Pelletier, criando uma escola⁴⁷ para as presas com professores designados somente para essa instituição.

Além de coordenar esse subnúcleo⁴⁸, comecei a lecionar Língua Portuguesa e Literatura Brasileira; éramos um grupo de quatro professoras: eu, uma professora de Matemática e Ciências, uma de História e Geografia e uma alfabetizadora. A penitenciária⁴⁹ localizava-se em um dos pavilhões do Instituto Psiquiátrico Forense, na Avenida Bento Gonçalves, em virtude do incêndio ocorrido nessa casa prisional, em 23.02.1990.

A princípio, confesso que me senti temerosa, mas era um desafio que poderia ter bons resultados - naquela época eu conhecia muito pouco a obra de Freire.

Em Canoas, eu já tinha tido uma experiência com excluídos em um trabalho educacional com crianças e adolescentes de rua, de 1989 a 1993; além do mais, era a única chance de retornar a Porto Alegre. E hoje, eu vejo que apostei certo. O que eu sabia de prisões e de presos era-me repassado pela mídia, por filmes e livros. A intuição, a boa-vontade e a experiência em uma escola de grande porte ajudaram-me a construir, naquela época, a minha caminhada; só que, em um determinado momento, senti necessidade de buscar

47 De 1982 a 1988, o CES Menino Deus atendeu, ministrou e entregou certificados às presas que prestavam provas nessa penitenciária. De 1989 a 1992, as apenadas fizeram as provas estudando por módulos, sem a presença sistemática dos professores, como nos anos anteriores.

48 Cada escola tem o seu Centro de Custo e a sua folha de pagamento, e a dos professores dessa penitenciária localiza-se no NOES- Presídio Central, por ser uma extensão deste núcleo. As presas do Albergue Feminino, regime semi-aberto, também eram atendidas por essas professoras.

49 O local era exíguo, naquela época as aulas eram ministradas no dormitório das agentes; adaptou-se quadro-negro e cadeiras universitárias.

ajuda acadêmica para dar mais apoio a esse trabalho. Com certeza, ser mestranda da UFRGS ajudou-me muito, principalmente em lutar ainda mais pela educação⁵⁰ que eu acredito ser possível. Freire (1993, p. 61) diz que “*a segurança demanda competência científica, clareza política e integridade ética*”.

Enquanto escrevo esta pesquisa, dou-me conta de que já se passaram sete anos, desde que assumi o cargo de professora nessa penitenciária. Muitas direções por lá passaram, muitas presas entraram e saíram; aliás, ultimamente poucas estão saindo⁵¹. É incrível, mas a sensação que eu tenho, após conhecer a história das irmãs da Congregação Nossa Senhora da Caridade do Bom Pastor, é a de que a penitenciária retrocedeu no seu projeto principal que era o de ressocializar a presa; caminha a passos largos para trás, e para a frente, a passos miúdos. O prédio está internamente malcuidado, a capela ainda não foi recuperada, o número de agentes penitenciários é pequeno e os técnicos são raros. Afinal, onde está a política prisional do Brasil? E a do Estado?

Quando assumi como professora nessa penitenciária, o trabalho feito com as presas era semelhante ao que era feito pelas irmãs da Congregação do Bom Pastor; a diretora daquela época tinha sido funcionária das irmãs, no início da sua carreira profissional. E eu aprendi a olhar as presas com um olhar muito parecido com o dela.

Lembro-me de um trabalho feito em 1995, entre os inúmeros construídos com a direção, para ser desenvolvido no “projeto de auto-estima” que ela fazia com as presas. A diretora pediu-me para escolher dois textos em que pudessem

50 Tenho como referencial o conceito de Freire (1986, p.1): “*um ato de saber, um ato político e um ato estético.*”

ser trabalhados os seguintes assuntos: medo, mudança e transformação, confiança e responsabilidade.

51 No dia 16.01.2000 (*Editorial, Zero Hora*) elas provocaram um tumulto, mobilizando a imprensa em função do atraso jurídico na vida da grande maioria delas.

A primeira parte do trabalho ficou sob minha responsabilidade: trabalhei oralmente com a interpretação de cada texto, após cada aluna escreveu uma experiência que tivesse alguma relação com os textos trabalhados anteriormente. A segunda parte do trabalho ficou com a diretora da casa: ela construiu uma peça teatral com as presas, as quais dramatizaram as mensagens dos textos já estudados; elas mesmas confeccionaram as roupas usadas na peça. Trabalhamos a poesia “Canção de Primavera” do nosso poeta Mário Quintana e a crônica “Socorro” do Millôr Fernandes (Anexos G e H).

Para finalizar as referências dos trabalhos realizados nessa época, trago a fala de uma presa com quase cinqüenta anos e que tinha muita facilidade para fazer versos. Uma manhã ela chegou na sala de aula com um olhar triste e distante. Perguntei-lhe o que tinha acontecido e ela respondeu-me: “ Professora, olhe para mim e veja se eu não estou com uma cara de maracujá de gaveta”. Aí, quem ficou preocupada fui eu. Maracujá de gaveta? Eu nunca tinha ouvido essa metáfora. Logo após, ela respondeu-me: “Fiquei pensando nos textos que a senhora nos deu para ler...aquele do coveiro... e hoje eu sei que agi como ele, não soube pedir ajuda para a pessoa certa e aqui estou, agora, nesse lugar horrórico...estou que nem um maracujá de gaveta... Compre um maracujá amarelo, bonito, firme e coloque dentro de uma gaveta; não abra por uns sete ou oito dias. Depois disso, abra a gaveta: ele estará muxoxo, velho, seco e enrugado... eu me sinto assim”.

E nesses momentos... sinto uma grande saudade daquele tempo, daquela integração. Durante todos esses anos aprendi muito com as presas, principalmente como pessoa, consegui rever alguns valores os quais acreditava serem imutáveis, construí um olhar mais humano e educador, desfiz a crença de que todas elas tinham um destino irrecuperável. E mais uma vez, busco em Paulo Freire (1979, p. 27) suporte para esse trabalho:

Não haveria educação se o homem fosse um ser acabado. O homem pergunta-se: quem sou eu? de onde venho? Onde posso estar? O homem pode refletir sobre si mesmo e colocar-se num determinado momento, numa certa realidade: é um ser na busca constante de ser mais e, como pode fazer esta auto-reflexão, pode descobrir-se como um ser inacabado, que está em constante busca. Eis aí a raiz da educação.

No final do mês de julho de 1998, a direção da casa reuniu os setores de Valorização, Psicossocial e Médico para pedir colaboração à programação da “V Semana Gaúcha Contra o Uso Indevido de Drogas”, que seria realizada, no final do mês de setembro. A escola ficou encarregada de produzir textos em que elas pudessem relatar as suas experiências, slogans que seriam pintados em faixas e colocados no corredor que antecede os portões das galerias e no pátio da penitenciária.

Foi um trabalho longo, idas e vindas com os relatos vividos por cada uma. Muitas, no início, sentiram-se incapazes para fazer esse trabalho. Durante os quase dois meses de atividades, diversas falas ocorreram na sala de aula. Em uma tarde de chuva fina, com muito vento a bater nos vidros das janelas da sala

de aula e uma cadela a latir desesperadamente⁵², a Cinara e a Eliete estavam terminando um cartaz para aquele concurso (Anexo I). A Eliete comentou: “Eu gosto da escola, das folhagens e das suas violetas [a sala de aula tem várias violetas e uma folhagem “comigo-ninguém-pode”, mudas feitas por elas]. Não sei o que seria do mundo sem livros. Adoro ler, quando eu era pequena não tinha nada disso lá em casa e a escola não emprestava livros para a gente levar para casa”. A Cinara logo lhe respondeu: “Eu também gosto, mas gosto mais das professoras e de certas colegas; os livros não falam, são mudos e eu não gosto de gente muda...aqui nesse lugar, professora, está cheio de gente muda...”.

Esse trabalho teve uma repercussão muito boa na casa, tanto entre os funcionários como entre as presas. Os cartazes elaborados retrataram a realidade vivenciada por cada uma, outras deixaram-se fotografar com gestos incentivando o não-uso das drogas e os slogans foram criativos. As fotos foram colocadas em um painel, no refeitório das presas, para que elas escolhessem as dez mais significativas. As melhores redações e os melhores slogans foram premiados com brindes oferecidos pela casa.

Foi uma semana construtiva – muitos funcionários não acreditavam que elas pudessem construir um trabalho sistematizado e transmitirem esse conhecimento de maneira ordenada, com vários palestrantes e oficinas integrando, também, os agentes penitenciários; estabeleceu-se um certo comprometimento por parte dos funcionários e detentas dessa casa prisional. O

⁵² Os agentes e as presas comentavam que a cadela também era criminosa: ela tinha destruído o rosto de um menino que passava em frente ao portão da residência onde se encontrava solta, no bairro Santa Teresa, Porto Alegre.

trabalho foi feito por algumas presas, supervisionadas por um professor do SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, nos computadores da escola.

Freire (1988, p. 87) afirma:

Nosso papel não é falar ao povo sobre a nossa visão do mundo, ou tentar impô-la a ele, mas dialogar com ele sobre a sua e a nossa. Temos de estar convencidos de que a sua visão do mundo, que se manifesta nas várias formas de sua ação, reflete a sua situação no mundo, em que se constitui.

No início do mês de abril do ano passado (1999), trabalhei com o tema maternidade e responsabilidade, questionando se o amor maternal existia mesmo ou se era apenas um compromisso social, tendo como texto-base a crônica de uma escritora gaúcha (Anexo M). Elas gostaram muito da leitura e aos poucos foram se apercebendo de que faziam “vistas-grossas” para algumas “atitudes não muito certas” dos filhos. Uma delas relatou emocionada que assumiu o delito de tráfico de drogas no lugar do filho, para não vê-lo na FEBEM.

Ao término deste trabalho, propus que cada uma delas fizesse uma poesia sobre o que é ser mãe-presas e logo após produzissem um texto coletivo, o qual seria lido por elas na missa que a escola realizaria em homenagem ao dia das mães (Anexos J e L). Elas mostraram-se comprometidas com essa atividade escolar. As presas, em alguns momentos, sensibilizaram-se ao lembrar do nascimento dos filhos, outras choravam pela saudade, pelo arrependimento de estarem ali, pelo sofrimento causado à família, principalmente aos filhos, e pelo medo de retornarem à sociedade sem uma perspectiva concreta de trabalho.

A partir de julho de 1999, as relações entre a direção e as presas tornou-se muito difícil. Elas reivindicavam que as cartas fossem entregues com mais rapidez, pois para muitas esse é o único contato direto com os familiares; que o sabor da comida fosse melhorado; que a situação jurídica de cada uma fosse agilizada dentro do tempo legal; que as portadoras do HIV tivessem assegurada a sua ida até o médico do posto [fora da penitenciária] para receberem o medicamento que só lá pode ser aplicado e, finalmente, que os cultos religiosos fossem liberados às presas interessadas.

Nas condições descritas acima, é evidente que a educação libertadora quase parou; já não havia mais espaço para a percepção ingênua da realidade, como fala Freire (1979, p. 50):

E se o homem é capaz de perceber-se, enquanto percebe uma realidade que lhe parecia “em si” inexorável, é capaz de objetivá-la, descobrindo sua presença criadora e potencialmente transformadora desta mesma realidade. O fatalismo diante da realidade, característico da percepção distorcida, cede seu lugar à esperança. Uma esperança crítica que move os homens para a transformação.

Nessa época, a procura da paz, da religiosidade⁵³ e de um sentido de vida era incessante.

Elas rezavam com mais freqüência, e muitas presas faziam orações em grupo, em suas celas; muitas diziam que era a única maneira de não enlouquecerem ou, então, tinham medo de não se controlarem em alguma situação e acabarem tendo que responder à comissão disciplinar por uma conduta indevida, em um momento inadequado.

Em fins de agosto, à noite, chegou o alvará de soltura de uma presa, o que para muitas delas e algumas agentes seria quase impossível de acontecer: a detenta estava há muito pouco tempo reclusa e o seu delito era muito grave. Mas aconteceu. E essa volta à liberdade, atribuída à intervenção milagrosa, fez com que a história da Santa Eufrásia Pelletier fosse resgatada por elas, com a ajuda da escola (Anexo F).

As presas mais antigas acreditavam que aquela que tivesse o privilégio de perceber Santa Eufrásia em sua cela, com certeza teria os seus dias de prisão

⁵³ A antropóloga Regina Novaes (Lima e Paixão, 1998, p. 89), do Instituto Superior de Estudos da Religião, enfatiza a importância das igrejas evangélicas na vida dos presos do Carandiru, São Paulo.

contados e a liberdade viria rapidamente⁵⁴.

Mais uma vez busco em Freire (1979, p. 46) a minha opção por um trabalho educativo que traga mudanças e transformações significativas na caminhada de cada uma delas.

Mudança e estabilidade resultam ambas da ação, do trabalho que o homem exerce sobre o mundo. Como um ser de práxis, o homem, ao responder aos desafios que partem do mundo, cria seu mundo: o mundo histórico-cultural. O mundo de acontecimentos, de valores, de idéias, de instituições. Mundo de linguagem, dos sinais, dos significados, dos símbolos. Mundo da opinião e mundo do saber. Mundo da ciência, da religião, das artes, mundo das relações de produção. Mundo finalmente humano.

Desencadeou-se dessa maneira o resgate da religiosa que muito fez pelas penitentes do mundo inteiro, há anos. E esse trabalho só foi possível porque as senhoras da Sociedade Beneficente Bom Pastor colocaram à minha disposição um livro muito antigo, contando a história de vida dessa santa como de outros documentos importantes da época das irmãs.

Esse trabalho de resgate teve início com a leitura da vida da Santa Eufrásia, cujo resumo da história foi feito pelas alunas. As presas pediram para colocar uma foto da santa na entrada de cada galeria.

Após esse processo de interação com o concreto da figura da santa, as alunas começaram a construir uma prece a ela. O trabalho foi dividido em duas etapas: primeiramente as alunas do ensino fundamental e do ensino médio ficaram de elaborar, cada turma, uma oração à Santa Eufrásia Pelletier; logo após, essas duas preces teriam que se fundir em uma só. As presas envolveram-

54 Tais percepções foram trazidas para o trabalho em grupo com a psicóloga da casa.

se com entusiasmo nessa tarefa, buscaram informações com amigas ou parentes que conheciam alguma história da penitenciária na época das irmãs, sentiram-se mais gente em saber que elas, presas, também tinham uma santa que olhava com afeto para elas. Essa tarefa levou quase três meses para ser concluída.

No dia dezoito de dezembro do ano de 1999, a escola, as senhoras da Sociedade Beneficente do Bom Pastor e a Igreja Divino Mestre realizaram uma missa natalina para as presas; nesse culto, elas apresentaram a oração que fizeram à Santa Eufrásia Pelletier. A partir daquela missa, as presas começaram a contar com um novo escudo de fé: a Santa Maria Eufrásia Pelletier.

Com certeza, mais relatos poderiam ser contados, mas faz-se necessário fazer um recorte nessa pesquisa. Acredito que com essas intervenções aqui descritas comprovei que, de alguma maneira, como pesquisadora contribuí para que as presas que passaram pela escola tivessem um novo olhar à vida, para que rompessem com algumas crenças e acreditassem mais em si mesmas.

E faço minhas palavras, as palavras da minha orientadora (Veit, 1992, p. 90):

A educação para o exercício consciente da liberdade não assume que o ensino é a principal força da mudança social. Todavia, nas múltiplas tarefas – grandes e pequenas da transformação da sociedade – o professor é um de seus agentes necessários e isso, tanto mais, quando ele próprio é sabedor dessa possibilidade.

2 O REFERENCIAL TEÓRICO

Não nos convertemos só por causa de alguns discursos que ouvimos. É um fenômeno muito complexo. De certa forma, tem que haver alguns níveis de prática para fazer a transformação, momentos de experiência que fazem a conversão. (Freire, 1987, p. 60).

O interacionismo simbólico enfoca a importância da interação simbólica na vida social, por isso as significações sociais devem ser consideradas como “produzidas pelas atividades interagentes dos atores”. É a concepção dos atores a respeito do mundo social que constitui o objeto de pesquisa a partir desta teoria sociológica (Blumer, apud Coulon, 1995, p. 59).

A expressão “interacionismo simbólico” surgiu entre as décadas de quarenta e cinquenta (Dias, 1992, p. 51). Essa teoria tem como premissa fundamental o sentido que as coisas e os fatos têm na perspectiva do sujeito. O significado que os indivíduos dão às suas experiências têm como base subjacente a sua interação com o outro, assim, assinalam que a sociedade e o autoconceito não são imutáveis (Bogdan e Biklen, 1994, p. 55).

Blumer e Meltzer (Ritzer, 1993, p. 237), sociólogos, enumeraram alguns princípios básicos do interacionismo simbólico:

A capacidade do pensamento está formada pela interação social.

Na interação social as pessoas aprendem os significados e os símbolos que lhes permitam exercer sua capacidade de pensamento distintivamente humana.

As pessoas são capazes de modificar ou alterar os significados e os símbolos que usam na ação e na interação sobre a idéia da sua interpretação da situação.

As pessoas são capazes de introduzir estas modificações e alterações devido, em parte, à sua capacidade para interagirem consigo mesmas, o que lhes permite examinar os possíveis cursos de ação e valorizar suas relativas vantagens e desvantagens relativas para logo selecionar um.

As pautas entretecidas de ação e interação constituem os grupos e as sociedades.

Da teoria de George Herbert Mead ressaltamos o conceito de “self” ou autoconceito, entretanto daremos relevo, em profundidade, ao conceito de “carreira desviante” desenvolvido por Howard S. Becker.

2.1 O AUTOCONCEITO

George Herbert Mead sempre deu primazia ao mundo social para compreender a experiência humana. A sua teoria aponta o grupo social como sendo o local onde se desenvolvem os estados mentais autoconscientes. Para Mead, é no grupo social que emerge o homem consciente e pensante (apud Ritzer, 1993, p. 220).

Mead (apud Ritzer, 1993, p. 236) afirma:

Toda a comunidade atua ao encontro do indivíduo, em determinadas circunstâncias, de uma forma idêntica... produz-se uma reação idêntica por parte de toda a comunidade. É assim que se forma uma instituição.

Para Mead é impossível conceber o “self”, sem que tenha existido a experiência social na vida do indivíduo; isto explica o porquê de os animais e de as crianças não o possuírem. Entretanto uma vez desenvolvido o “self”, ele continuará existindo, mesmo sem a presença do contato social.

Mead (apud Ritzer, 1993, p. 230) define o “self” como: *“A capacidade de considerar-se a si mesmo como um objeto: o “self” tem a peculiar capacidade de ser tanto sujeito como objeto. Pressupõe um processo social: a comunicação entre os humanos.”*

Mead identifica dois aspectos no “self” :

1. *“Eu”* é a resposta imediata de um indivíduo a outro, é o cidadão interagindo com a sociedade. É a parte atuante, espontânea e natural do indivíduo; não somos conscientes desta fase, por isso nossas próprias ações surpreendem-nos. Só nos tornaremos conscientes, à medida que o ato⁵⁵ for realizado. Por isso, as pessoas desconhecem qual será a resposta e tampouco a própria conduta num dado momento: poderá apresentar uma reação brilhante ou, por outro lado, uma resposta equivocada àquele ato (Mead, apud Ritzer, 1993, p. 234).

Mead tem insistido no “eu” por quatro razões: a) é um elemento importante para o processo social; b) é aqui que se encontram os valores mais importantes; c) constitui a realização do “self”; d) predomina na sociedade moderna.

2. *“Mim”* é a parte do indivíduo que reflete, julga e dá condições a que ele cresça como pessoa, é o indivíduo habitual e convencional. A sociedade domina

⁵⁵ Mead considera o ato como a unidade mais primitiva da sua teoria. É a base da qual emergem todos os demais aspectos da sua análise.

o indivíduo pelo “mim”. O “mim”, permite ao homem viver comodamente na sociedade, implica responsabilidade consciente. Mead conceitua o “mim” como: *“Conjunto organizado de atitudes dos demais que alguém assume.”*

Mead sinaliza a importância do “eu” e do “mim” no processo total do “self”, esclarecendo que eles não são coisas. Esses dois aspectos do “self”, que formam o processo social em seu conjunto, possibilitam à sociedade e ao indivíduo interagirem. O “self” cria a possibilidade de colocarmo-nos no lugar do outro, enxergando-nos como ele nos vê. Mead (apud Ritzer, 1993, p. 231) assevera:

É mediante a reflexão que o processo social é internalizado na experiência dos indivíduos implicados nele; por tais meios, que permitam ao indivíduo adotar a atitude do outro até ele, o indivíduo está conscientemente capacitado para se adaptar a esse processo e para modificar a resultante do dito processo em qualquer ato social dado, em termos da sua adaptação ao mesmo.

O “self” possibilita ao homem viver essa dualidade: ser sujeito em determinado momento e, em outros, ter a função de objeto. Por conseguinte, não se pode separá-los.

Mead (apud Ritzer, 1993, p. 231) preocupou-se, também, com a gênese do “self”. Ele situa a gênese do “self” em duas etapas do desenvolvimento infantil:

- 1. A criança brinca de ser o outro - neste jogo ela aprende a ser o sujeito e o objeto. Ao brincar de “papai ou mamãe”, ela começa a construção do seu “self”.*
- 2. Em uma partida de beisebol - a criança adota o papel de todos que fazem parte da partida, ela começa a participar de grupos organizados e a determinar o que fará dentro de um grupo específico. Nessa fase a criança começa a manifestar*

a organização e a desenvolver a sua personalidade. Esta etapa requer um “self” coerente e plenamente desenvolvido.

A criança, ao interagir nas brincadeiras exemplificadas acima, aprende a colocar-se no lugar do outro, sendo assim, ela aprende a ser sujeito e objeto ao mesmo tempo. Para esse teórico, o “self” não existe fora da experiência social.

Mead (apud Ritzer, 1993, p. 233) esclarece que os indivíduos têm uma pluralidade de “selves” os quais são diferentes entre as pessoas, apesar de compartilharem de uma estrutura comum; entretanto os “selves” recebem articulações biográficas dessemelhantes entre si. É o caso da pessoa que exerce mais de uma atividade em lugares diferentes, terá um “self” adequado para cada momento.

Para os interacionistas simbólicos a linguagem é considerada um vasto sistema simbólico (Ritzer, 1993, p. 240), as pessoas aprendem símbolos e significados no momento que estão interagindo socialmente. Para esses teóricos interacionistas, o significado do “self” é relevante para o ser humano, na medida em que tomará consciência de quem é ele, que pessoa habita dentro de si. É essa capacidade de perceber quais são os mecanismos tolerados ou não pela sociedade.

2.2 PERSPECTIVA E DEFINIÇÃO DA SITUAÇÃO

Outros conceitos importantes nesta teoria são os de perspectiva e definição da situação. Para Howard S. Becker a perspectiva designa um conjunto de idéias e ações coordenadas, usado por uma pessoa para resolver um problema

em uma determinada situação. Esse sociólogo (apud Coulon, 1995, p. 71) conceitua perspectiva como: *“A maneira habitual de pensar e sentir de uma pessoa que se encontra em tal situação”*.

Waller (apud Coulon, 1995, p. 67), quanto ao conceito de definição de situação, afirma: *“É um processo no qual o indivíduo explora suas possibilidades de ação em determinada situação”*.

As pessoas “partilham perspectivas” em momentos particulares, nos momentos em que dividem problemas, experiências e histórias comuns (Bogdan e Biklen, 1994, p. 55-56).

2.3 A CARREIRA DESVIANTE À LUZ DE HOWARD S. BECKER

Howard S. Becker fez parte da tradicional Escola de Chicago, graduou-se em 1951, em Sociologia. Ele foi aluno dos professores Everett Hughes, de Lloyd Warner e de Herbert Blumer, os quais foram alunos de George Hebert Mead.

Howard S. Becker foi um dos primeiros sociólogos a trabalhar com a perspectiva interacionista e uma das contribuições relevantes a essa teoria foi direcionar o seu olhar para as relações de poder que existem por detrás da criação das leis penais e em sua aplicação a certos indivíduos. Deve-se a ele, também, interessantes estudos sobre o processo simbólico interacionista daquele que está a caminho de ser um delinqüente e também sobre os controles sociais do comportamento individual (apud Barrantes, p. 6).

O estudo desenvolvido contemplará com mais profundidade este segundo aspecto, ou seja, o processo interacionista simbólico do desvio social. Esse teórico, ao estudar aqueles que violam as leis penais, preocupa-se, também, com os seguintes tópicos: estudo sobre para quem são feitas as regras penais e para quem são aplicadas. Propõe, portanto, um “alargamento” do objeto da sociologia criminológica, pois para o autor (apud Barrantes, p. 22) *“o desvio é criado pela própria sociedade, mediante a formulação de regras que haverão de ser violadas e mediante aplicação dessas regras àqueles que serão, então, etiquetados como desviados”*. O tema do desvio social é tratado a partir deste ponto de vista, no contexto mais geral da sociedade e como “ação coletiva”.

Becker (apud Barrantes, p. 23) enfoca a questão da interação social como estudo no centro da ocorrência do desvio social. Segundo Becker, o desvio social não compreende somente a ação do desviante, mas é constituída também pela ação de outros atores sociais. Esse aspecto contempla a natureza interacionista do desvio.

Esse teórico (apud Barrantes, p. 32) afirma que o desvio nasce da interação simbólica entre os que não cumprem a lei e o resto da sociedade, incluindo os cidadãos honestos e os empresários morais⁵⁶. O tema dos empresários morais gira ao redor das perguntas: “Quem tem o poder de definir quem é desviante? Quando o é e sob que condições?” Para que haja o desvio (Becker, p. 34) é necessário um desviante que realmente tenha quebrado as normas sociais e que se considere como tal. É bem possível que a aplicação de

⁵⁶ O empresário moral tem a tarefa de criar as leis.

uma sanção ao descumprimento de uma norma seja imposta a alguém que não tenha cometido nenhuma infração, embora esse procedimento não seja o comum em uma sociedade.

Para Becker (apud Barrantes, p. 34), a aplicação de uma regra⁵⁷ só é possível, porque existe alguém para aplicá-la, o executor oficial.

Pelas complexidades com que se estabelecem as relações simbólicas entre o desviado, as normas ou regras e os seus executores, Becker (apud Barrantes, p. 34) propõe o modelo seqüencial de análise para o estudo do desvio

⁵⁷ Becker usa o conceito de regra como sinônimo de normas que, segundo ele, são o produto da iniciativa de certos indivíduos.

individual, diferentemente da análise multivariada em que os fatores operem simultaneamente para produzir o efeito. O conceito de carreira desviante é, então, o processo que mobiliza uma seqüência de movimentos de uma posição a outra em um sistema de atividades. Implica a existência de *“contingências que são os fatores determinantes das mudanças de posição, sejam estruturais ou pessoais”* (apud Barrantes, p. 34). Portanto, a carreira desviante é uma consequência da aplicação de regras e sanções a um indivíduo que transgride essas normas, as quais foram criadas por um dado grupo social de uma sociedade.

Esse teórico (apud Barrantes, p. 35) aponta como primeiro passo na análise da carreira desviante a perpetração de uma primeira infração das regras. Para Becker, não podemos encontrar a explicação do desvio nas motivações do sujeito; a explicação específica da existência do desvio e do desviante, em uma sociedade, não é obtida com uma análise simplista. Ele acredita que não exista ninguém que não tenha desejado, um dia, cometer uma infração (apud Barrantes, p. 35). A questão verdadeiramente importante é saber por que existem indivíduos que, dada a impulsão desviante, não chegam a cometer a infração, enquanto outros, tendo a mesma impulsão a executam de fato. Becker atribui esta questão ao grau de inserção do indivíduo na vida normal ou convencional na sociedade.

O fundamental é saber quais foram os elementos que impediram aquele indivíduo a não cometer a infração, mesmo tendo a impulsão desviante dentro de si. Esse teórico (apud Barrantes, p. 35), ao tratar deste aspecto, coloca que a socialização produz um processo de compromissos progressivos em uma rede de

condutas. O indivíduo normal não abandona uma rede de condutas convencionais para seguir uma carreira desviante, porque isso prejudicaria seus interesses familiares, sua reputação e sua estabilidade no trabalho. Dessa maneira, pauta a sua vida em compromissos que vão ao encontro da sociedade convencional.

Becker (apud Barrantes, p. 35) não nega a existência de marginais, ou seja, indivíduos que foram socializados em uma subcultura marginal e que, devido ao fato de não estarem preocupados em manter uma ocupação, sentem-se mais livres para seguirem seus impulsos sem levarem em conta as regras convencionais. O interesse de Becker está naquele que faz do desvio uma linha de conduta permanente e que organiza sua própria identidade ao redor de um modelo de conduta desviante.

Portanto, o trabalho do Becker está centrado no estudo do desviado e da carreira desviante que, segundo ele, pode ser analisado sob dois ângulos: o da imagem que o desviado tem de si mesmo e o dos controles sociais (apud Barrantes, p. 36).

O início de uma carreira desviante pode se dar a partir da imagem que o indivíduo tem de si mesmo, do seu autoconceito, ou, então, da imagem que os outros indivíduos têm desse sujeito. Para que essa carreira se mantenha, é fundamental o trânsito desde a experimentação esporádica à manutenção de uma atividade desviada permanente. Essa atividade prospera à medida que o indivíduo crie e desenvolva motivações e interesses constantes, que o possibilite a ir ao encontro dessa nova conduta desviante (apud Barrantes, p. 36).

Becker (apud Barrantes, p. 36) afirma que muitas dessas atividades desviadas são provenientes de algumas motivações socialmente aprendidas. O sujeito aprende a desfrutar do desvio no decorrer da interação estabelecida com desviantes mais experientes, e é nessa troca de experiências que o lado prazeroso do desvio é transmitido e aprendido. O que começa, muitas vezes, apenas como um ato de “experimentação” poderá perpetuar-se como atividade desviada. Esse teórico adota um enfoque culturalista ao afirmar que o desvio tem caráter social, mesmo que esse processo seja feito sem a interação direta com o outro. Isto porque os meios de comunicação de massas⁵⁸ substituem este tipo de interação.

Entretanto, a interação não é estabelecida somente entre os desviados antigos e novos, ela também poderá ser feita com indivíduos que ainda não aprenderam o desvio. A carreira desviante de um indivíduo é construída por fatores que determinam mudanças em suas expectativas, fazendo com que ele seja afastado da sua vida convencional. E um dos passos fundamentais para que isso ocorra é o sujeito ser etiquetado e detido como desviante, mesmo sabendo que esse processo depende mais dos outros do que daquilo que ele tenha realmente cometido. E é a partir do seu reconhecimento em achar-se realmente desviado, que esse rótulo será agregado em sua vida. A psicanálise descreve alguns casos de indivíduos que cometem delitos, deixando rastros que possibilitem ser descobertos para serem punidos (apud Barrantes, p. 37).

⁵⁸ Para Becker o desvio também pode ser aprendido sem a presença física do outro. A mídia pode ocupar esse espaço, sem que haja a interação “cara a cara”.

O indivíduo, ao ser realmente detido e etiquetado, sofre conseqüências profundas em seu autoconceito interferindo nas suas atividades sociais futuras. Ocorre, então, uma mudança severa na sua identidade pública, ele muda de “status”: já não é o mesmo sujeito para os outros e nem para si mesmo. Becker (apud Barrantes, p. 37), ao tratar deste aspecto, recorre a Hughes para elencar os caracteres principais e os caracteres auxiliares deste “status” e os “status” principais e os subordinados em uma sociedade. O “carácter-chave” existente em cada “status” é o que diferencia os caracteres principais dos caracteres auxiliares⁵⁹.

Por isso, a categoria “prioridade” é fundamental para diferenciar o “status” principal do “status” subordinado. Para Becker, o “status” principal de desviado ultrapassa todas as outras identidades que um indivíduo possa ter⁶⁰. A “profecia-que-se-cumpra-por-si” é resultante do processo negativo que o sujeito internaliza no momento em que aceita o rótulo de desviante por outros autores sobre este sujeito. No momento em que o sujeito é rotulado como desviado, alguns mecanismos são acionados para que a sua imagem seja modelada à imagem de desviado. Primeiramente, o desviado tende a cortar relações sociais com os grupos convencionais e, normalmente, o processo de desvio é enfrentado pela sociedade por meio de normas repressivas. Às vezes, a perda do emprego pode ser resultado do rótulo de desviante atribuído ao sujeito, mesmo que esse desvio não influa no seu desempenho profissional. A perda do emprego pode

59 Becker (apud Barrantes, p. 37) utiliza o exemplo do status médico na sociedade americana: independentemente de outras funções que o indivíduo possa ter o “status” de médico, associado ao título é carácter-chave, o credencia à prática da medicina; outros atributos estão fortemente associados a essa titulação: branco, masculino e protestante.

60 No exemplo citado por Becker, do médico na sociedade americana, o status étnico é o dominante.

levar o indivíduo a não cumprir outras regras, como roubar para sobreviver (apud Barrantes, p. 38).

O tratamento imposto pela sociedade ao desviado pode acelerar o processo, e as medidas normalmente repressivas podem empurrá-lo a formas extremas de desvio. Becker (apud Barrantes, p. 38) coloca que a sociedade está constituída de modo a fortemente condicionar as ações individuais.

O estado civil de casado é, muitas vezes, categoria importante para que os atores de uma determinada profissão tenham sucesso e ascensão social. Um homossexual poderá ter dificuldades em casar-se e, portanto, a sua ascensão profissional será mais difícil de ser realizada que a de um heterossexual; esse processo poderá condicionar a esse homossexual a utilizar experiências ilícitas para o alcance dos seus objetivos ⁶¹ (apud Barrantes, p. 39).

Becker acentua, entretanto, que a detenção de um desviante nem sempre o condena a ter que ficar engessado eternamente à carreira de desviante. Segundo ele, o desviante primário pode provocar uma ruptura com a subcultura que lhe possibilitou distanciar-se das suas atividades convencionais, encerrando dessa maneira a sua carreira desviante; no entanto, essa trajetória não é realizada de modo simples. O passo à carreira desviante está ligado a múltiplos elementos: as redefinições da situação elaboradas pelo desviante e a ruptura dos controles sociais simbólicos ou informais, entre outros; à conta disso, a trajetória do sujeito desviante decorre da construção de um conjunto articulado de ações (apud Barrantes, p. 39).

⁶¹ Becker utiliza o mesmo conceito usado por Merton para a "anomia": obter fins socialmente legítimos por meios ilícitos.

O último passo da carreira desviante, segundo Becker (apud Barrantes, p. 40) é a integração do desviado a um grupo de desviantes; fazer parte de um grupo solidifica uma identidade. É nessa etapa do processo que muitos desviantes se dão conta que não têm mais amigos que não sejam desviantes. A consequência dessa experiência faz com que o seu conflito interno em ter que se cuidar para não ser descoberto por sujeitos que compartilham as normas convencionais da sociedade, torne-se mais moderado. Esses novos amigos também são considerados socialmente desviantes, uma vez que fazem parte de uma mesma subcultura.

A constituição de um grupo desviante apóia-se, normalmente, na tentativa de justificar e racionalizar essas atuações, por meio de argumentos legais, históricos ou psicológicos. Os grupos de homossexuais publicam textos sobre o caráter normal e não patológico da homossexualidade (apud Barrantes, p. 40). Ao agregar-se a um grupo desviante, o desviado consegue conviver com menos conflitos e problemas; em virtude de esses amigos já terem passado pela mesma experiência de vida, todas as dificuldades agora serão resolvidas por esses amigos, entre elas, as soluções que evitem a aplicação de normas repressivas. Em contrapartida, mais distante fica o seu retorno à sociedade convencional, optando, muitas vezes, pelo desfecho de seguir a carreira desviante. Volta-se, então, contra a sociedade para repudiá-la, para repudiar suas regras e instituições.

Becker (apud Barrantes, p. 41) aborda também a carreira desviante e os controles sociais: “o uso da maconha e o controle social” é seu estudo mais

significativo. Esse teórico (apud Barrantes, p. 41) mostra que os padrões de comportamento desenvolvem-se em um modelo seqüencial, de forma ordenada (seqüência) ordenada. Muitas vezes os controles sociais são ineficientes para alguns indivíduos, como é o caso do usuário crônico de maconha; entretanto, para outros constituem limites fortes que impedem a passagem de uma etapa para a outra da carreira desviante. Com isso, nenhum indivíduo torna-se um consumidor assíduo de maconha, sem passar por esse modelo seqüencial.

Becker (apud Barrantes, p. 41) enumera três fases que ocorrem nesse modelo, do ponto de vista do drogado de maconha: a) o “debutante”, b) o usuário convencional, c) o usuário regular. Para cada fase desse modelo existem vários controles sociais, os quais poderão tornar-se pouco eficientes para que o sujeito não ultrapasse de uma etapa para a outra.

Segundo Becker, os principais controles sociais são: a) controle pela limitação em obter a droga, isto é, pela dificuldade de acesso a ela, b) o controle pela necessidade de o desviante negar o seu vício aos que não são drogados, c) o controle mediante o ato de drogar-se por ser considerado imoral. A sociedade, algumas vezes, utiliza mecanismos mais sutis para inibir o uso da droga; não obstante, ela dispõe de meios mais rigorosos para esse controle, como a aplicação de sanções e castigos. Porém, este controle seria difícil de ser mantido, se constantemente aplicado.

Becker salienta que a questão do controle é complexa, porque a sociedade também é complexa. Existem subculturas que possuem seus próprios meios de controle e estes se chocam com os meios de controle da sociedade convencional.

O indivíduo, então, pode afastar-se da guia dos controles convencionais, quando se conforma às normas e aos controles de uma subcultura.

Howard S. Becker, ao tratar dos tipos de controles sociais, centra sua análise nos controles realizados sobre consumidores de maconha. Segundo ele, existem três tipos de controles sociais que visam aos desviantes usuários de drogas. O controle de primeiro nível é o controle pela proibição. O peso simbólico da existência da proibição da droga e esta não se encontrar facilmente à disposição do desviante é relevante nesse processo; ele somente terá acesso à droga após integrar-se a uma subcultura. Não existindo esta possibilidade, o consumo desaparecerá. O não ter acesso às drogas e o medo de ser descoberto pela polícia e ser preso por essa conduta, pode, muitas vezes, fazer com que o drogado deixe de usá-la. Diferente disso, o consumidor ocasional com o passar do tempo poderá diminuir esse medo e tornar-se um consumidor regular. Esse consumidor necessitará de uma fonte de abastecimento de drogas mais permanente, e isso fará com que o contato com a subcultura também seja permanente. Agora, a noção de perigo não o impedirá mais e a possibilidade de ser detido será enfocada com uma visão realista e serão tomadas algumas precauções; nem mesmo a detenção do traficante que o abastece o inibirá a seguir essa carreira, ele irá buscar uma nova fonte com outro provedor (apud Barrantes, p. 42-43).

O segundo é o controle do secreto. Muitas vezes o drogado vê-se obrigado a manter em segredo o seu vício nas drogas, para que não haja prejuízo de relações sociais e não lhe sejam impostas sanções. Esse controle torna-se mais

fácil para o desviante que a usa ocasionalmente, entretanto o usuário regular necessitará, em algum momento, aproximar-se de pessoas consumidoras de drogas, regularmente, para poder satisfazer os seus impulsos desviantes. O uso regular da droga supõe a ruptura das relações permanentes entre o fumante e os que não o são. Para Becker (apud Barrantes, p. 44) *"cada nível de consumo pode ter lugar somente quando a pessoa revisou a sua concepção sobre os perigos implícitos de uma maneira tal que seja possível o consumo"*.

O controle moral é o terceiro controle social citado por Becker. A sociedade, em geral, acredita que o homem é responsável pelo seu comportamento social e por isso, vê no drogado um sujeito incapaz de controlar os seus impulsos desviantes. Naturalmente este estereótipo é um obstáculo para os que desejam utilizar as drogas. O drogado aprende a rechaçar esse valor e, ao ser rotulado como drogado, o indivíduo desenvolve inúmeras justificativas para poder continuar a manter a sua carreira de desvios, alegando à sociedade a nocividade que o álcool, droga liberada, também produz ao homem e que ele poderá parar de drogar-se no momento em que quiser. À conta disso, muitas vezes recorre à "teoria psiquiátrica" para justificar o seu uso devido à doença mental e, assim, poder continuar a sua carreira desviante (apud Barrantes, p. 45).

Os três controles sociais arrolados acima, que funcionam no processo de interação simbólica entre o desviado e a sociedade, operam distintamente em função das fases da carreira do desviado. O indivíduo construirá o seu comportamento social levando em conta o sentido da interação com o outro. A imagem que tem de si e o que os outros pensam dele é fundamental para a

construção de uma vida convencional ou, então, de uma carreira desviante. É na essência deste processo interativo que se encontram as regras sociais (apud Barrantes, p. 46).

Segundo Becker (apud Delas & Milly, 1997), a carreira desviante de um indivíduo caracteriza-se por nove dimensões:

1. meio sócio-familiar-educacional: meio familiar desestrurado, com baixa perspectiva de emprego em decorrência de parca escolaridade e de não-qualificação do indivíduo para o atual mercado de trabalho; baixo nível de renda no bairro, presença do desemprego e da delinqüência;

2. identificação com um grupo marginal e assimilação progressiva de suas normas;

3. passagem gradual das etapas que vão de um ato desviante isolado a atos repetidos (ingestão de drogas, violências verbais, agressões físicas, roubos, ronda para proteger os maiores que roubam ou negociam); estas etapas constituem atos de caráter iniciador que prendem, pela força simbólica do ritual, o jovem à rede delinqüente;

4. reforço da rotulagem-estigmatização;

5. aprendizagem das técnicas delinqüentes: da vigia – espionagem, ao roubo da bicicleta ou moto; do consumo ao tráfico de drogas, do roubo da vitrina ao roubo à mão armada;

6. prestígio ligado às condenações;

7. enclausuramento na identidade delinqüente após a passagem pela prisão que é considerada como uma “*escola do crime*”; o meio socializa o

aprendiz delinqüente: ampliação de rede, aprendizagem das técnicas delituosas, interiorização das normas comportamentais internas - notadamente a violência e externas - relações com as instituições especializadas: policiais, advogados, magistrados, guardas, educadores, assistentes sociais;

8. intensificação da marcação social;

9. reincidência.

Esta pesquisa privilegiou as presas plenamente desviantes, isto é, mulheres juridicamente transgressoras das normas que norteiam a nossa sociedade.

3 METODOLOGIA

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquisa para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (Freire, 1997, p. 32).

A metodologia utilizada para o tema investigado – mulher versus criminalidade versus aspecto educacional foi a abordagem qualitativa, a qual favorece conseguir dados mais profundos sobre a trajetória dos sujeitos. Investiga-se o ponto de vista das atoras, seguindo o modelo de pesquisa dos interacionistas simbólicos, buscando compreender o que as levou a cometerem o delito e o que ocasionou o aprisionamento na Penitenciária Feminina Madre Pelletier. No entanto, para situar os oito casos analisados no contexto do conjunto das presas investigadas, utiliza-se a abordagem quantitativa.

Bogdan e Biklen (1994, p. 291) acentuam a importância da aplicação da investigação qualitativa na vida social do seguinte modo:

A abordagem qualitativa aplicada pedagogicamente, não constitui nem uma técnica terapêutica nem uma técnica de relações humanas. É, sim, um método de investigação que procura descrever e analisar experiências complexas. Partilha semelhanças com os métodos de relações humanas na medida em que, como parte do processo de recolha dos dados, devemos escutar corretamente, colocar questões pertinentes e observar detalhes. Mas os seus objetivos não são terapêuticos. A ênfase interacionista simbólica na compreensão da forma como um conjunto de pessoas, numa determinada situação, dá sentido ao que lhes está a acontecer, encoraja uma compreensão empática dos diferentes pontos de vista.

Foi utilizada a entrevista em profundidade, com questões abertas (Anexo M). Segundo Queiroz (1988, p. 14), a entrevista é a mais antiga e a mais difundida forma de coleta de dados nas ciências sociais. Para a autora (1988, p. 19), tudo aquilo que é narrado oralmente é história: história de uma pessoa, de um grupo de indivíduos, podendo ser real ou mítica. Conforme a pesquisadora (1988, p. 20): *“a entrevista está presente em todas as formas de coleta dos relatos orais, pois estes implicam sempre um colóquio entre pesquisador e narrador”*.

Segundo Bogdan e Biklen (1994, p. 93), as histórias de vida do ponto de vista sociológico são:

Freqüentemente, uma tentativa para reconstruir a carreira dos indivíduos, enfatizando o papel das organizações, acontecimentos marcantes e outras pessoas com influências significativas comprovadas na moldagem das definições de si próprios e das suas perspectivas sobre a vida.

De acordo com Queiroz (1988, p. 29), de quase todos os documentos recolhidos em uma coleta podem-se extrair histórias de vida; entretanto, isso não quer dizer que o pesquisador esteja utilizando a técnica da história de vida, que

consiste, segundo a pesquisadora (1988, p. 20), no “*relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstruir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu*”, em que o pesquisador procura não intervir durante a narração.

Para Queiroz (1988, p. 18), em uma entrevista, o pesquisador sempre a dirigirá, isto é, ele somente utilizará em sua pesquisa aquilo que vier ao encontro dos objetivos por ele propostos; por isso, muitos relatos do narrador serão sacrificados. Para a pesquisadora (1988, p. 21), a diferença entre a entrevista e a história da vida está, portanto, na forma de agir do pesquisador. Nos depoimentos das entrevistas evita-se a omissão dos aspectos considerados relevantes ao estudo.

Assim, a entrevista em profundidade permitiu que as falas das presas fossem conservadas dentro dos aspectos relevantes à descrição e compreensão da carreira desviante abordada segundo Howard S. Becker (p. 58).

Marre (1991, p. 136) enfatiza a importância de uma análise sociológica não se fundamentar somente no indivíduo, mas no grupo. A história de vida, tomada aqui em sentido amplo, devolveu a palavra a quem não a tinha ou tinha poucos canais de comunicação para relatar a sua experiência de vida. Conforme Marre (1991, p. 119):

Não basta coletar histórias de vida e publicá-las para ilustrar uma realidade social de modo realista...Na prática o que se expressa na linguagem das histórias de vida relacionadas com a vivência histórica de determinados grupos sociais, é algo relativo a fatos históricos, estratégias, juízos de valores. É, também, algo relativo a relações de poder, dominação,

subordinação, cuja desigualdade impregna, penetra ou se irradia na convivência dos homens, comunicando ou se opondo entre si.

As presas, com as suas falas, reconstruíram os acontecimentos por elas

vivenciados fora e dentro da prisão, relatando a experiência comum, sofrida e amarga, em uma instituição prisional. É uma marca levada à eternidade.

A coleta de dados desta pesquisa começou em janeiro de 1999 e teve dois momentos. Primeiramente, as presas-alunas reconstituíram as suas histórias de vida escrevendo uma redação, na forma de descrição e de narração, em sala de aula. Esse trabalho serviu, também, como reforço para prepará-las para os Exames do Supletivo aplicados pela Secretaria da Educação, no mês de agosto. Em um segundo momento, quando da realização da entrevista em profundidade, permitiram uso do gravador fazendo um relato a “viva voz” como muitas disseram. Combinamos que a entrevista não teria tempo pré-determinado, evitando que parassem o relato em um momento importante para elas ou para mim.

Muitos relatos não foram gravados, porque foram contados confidencialmente, como elas diziam: “em segredo”, “em confiança”. Todas responderam a um questionário (Anexo N) com várias perguntas, o que foi considerado pela psicóloga da casa como um comprometimento muito forte por parte das alunas com a escola prisional. Os dados obtidos com este questionário estão apresentados a seguir, nas Tabelas 2, 3 e 4, que compõem a descrição dos contextos sócio-ocupacional, familiar e educacional.

É importante salientar que o serviço psicossocial e a escola, em parceria desde 1994, elaboraram um questionário (Anexo O) para ser aplicado à presa,

quando ela é avaliada ao ingressar na penitenciária⁶², por aquele setor. Estes dados também fazem parte das informações analisadas nesta dissertação.

Os dados quantitativos da instituição penal pesquisada apresentam os seguintes elementos: a) em 1993, o efetivo era de oitenta e seis presas; b) em 1999, o efetivo era de cento e setenta presas, o que representa um aumento na detenção de mulheres de quase dois por um em sete anos.

Em 1993, a sala de aula era freqüentada por doze alunas, 14% do efetivo das presas; em 1999, por 19%, ou seja, trinta e duas alunas, tendo havido um incremento na assistência às aulas de 167%, ou quase três presas por uma, nesses sete anos. Como não existe oferta de trabalho para todas as presas que cumprem pena dentro da penitenciária, a escola é vista pelos nossos juízes como uma oportunidade, uma ressocialização às presas remirem os seus dias de penas (Anexo C).

Em 1993, em um universo de oitenta e seis presas o tráfico de drogas e o furto eram os delitos predominantes, com um índice de 21% cada um, logo a seguir, o homicídio com 20%, o assalto, com 17% e outros delitos com 21%. Em 1999, das cento e setenta presas, 55% o eram por tráfico de drogas, 18% por furto, 16% por assalto e 3% por homicídio. Percebeu-se um aumento significativo no delito por drogas e uma redução acentuada nas taxas de homicídio.

Comparando o número das presas-alunas em relação aos seus delitos durante a década de noventa, verificou-se que, em 1993, de um total de oitenta e

⁶² Ao entrar na PFMP a presa fica em torno de cinco a sete dias na triagem e, nesse ínterim, ela é avaliada pelo serviço psicossocial e pelo clínico geral.

seis presas, 5% haviam sido presas por tráfico de drogas, 2% por assalto, 2% por furto, 4% por homicídio e 1% por outros delitos. Em contrapartida, em 1999, de um efetivo de cento e setenta presas tinha-se 9% de presas por drogas, 4% por assalto, 3% por furto, 1% por homicídio e 2% por outros delitos.

TABELA 1
EFETIVO DE DETENTAS E OPÇÃO PELA ESCOLA EXISTENTE DENTRO DA
PENITENCIÁRIA NOS DE ANOS 1993 E 1999

TIPOS DE DELITO	1993				1999			
	EFETIVO DE PRESAS		ALUNAS		EFETIVO DE PRESAS		ALUNAS	
	N.	%	N.	%	N.	%	N.	%
Drogas	18	21	04	5	94	55	15	9
Assalto	15	17	02	2	28	16	07	4
Furto	18	21	02	2	30	18	06	3
Homicídio	17	20	03	4	5	3	01	1
Outros	18	21	01	1	13	8	03	2
TOTAL	86	100	12	14	170	100	32	19

Nesta pesquisa, dentre os inúmeros crimes categorizados no Código Penal, quatro foram os selecionados para análise: o tráfico de entorpecentes, aqui abreviado para “drogas” foi subdividido em “drogas e assalto” e “drogas”; os outros abarcam: casos de “roubo” (assalto à mão armada), “furto” simples (descuidista, roubo) e “homicídio” (assassinato). As presas identificam com maior rapidez os seus delitos e das suas companheiras pelas expressões usadas entre parênteses que serão utilizadas a seguir, nos quadros e tabelas. Notou-se que os dois primeiros delitos – tráfico de entorpecentes e assalto – eram praticados em número inexpressivo por mulheres em 1988⁶³. Hoje, o tráfico de entorpecentes – mais conhecido por tráfico de drogas, entre as mulheres, sobrepõe-se à soma dos percentuais correspondentes a todos os delitos (Tabela 1).

⁶³ Breitmam (1989, p. 24) divulgou os delitos mais freqüentes nessa penitenciária, em 1988: 31,00% em furto, 25,00% em assaltos, 23,00% homicídio, 9,5% em drogas e 11,5% em outros delitos.

Na categorização utilizada para efeitos desta análise tem-se consciência de que, conforme o olhar lançado sobre os dados, pode-se aprofundar o processo de estigmatização ou acolher o ser humano que, em um dado momento chegou a cometer um delito punível. O alerta que nos faz Foucault (1987) sobre as categorizações da ciência e o seu efeito nocivo nas identidades é aqui referido e considerado; mas é preciso que se acrescente que o espírito de acolhimento que impregnou a instituição em análise até 1981, como também as aulas ministradas, de 1993 até 1999, constituem o contexto maior que dá significado aos dados desta pesquisa.

De um universo de trinta e duas alunas, vinte e sete, isto é, 84%, concordaram em participar da pesquisa, o que constituiu um primeiro momento da amostra deste trabalho. Todas as presas por “assalto”, “furto” e “homicídio” permitiram ser pesquisadas. Das quinze alunas por tráfico de drogas, treze, isto é, 80% deram a anuência para relatarem as suas trajetórias de vida. Nenhuma das três alunas que cumpria pena por outros delitos permitiu ser pesquisada, alegando os seguintes motivos: uma presa estava em depressão severa, e as outras duas não acreditavam que o governo fosse se importar com as conclusões desta pesquisa.

As outras duas alunas, por tráfico de drogas, que não deram anuência, o fizeram porque uma estava também em depressão severa e a outra não quis recordar o seu passado.

Após o processo de auto-seleção, que demonstrou o grau de confiança estabelecida na relação com esta professora, procedeu-se a uma segunda seleção, tendo em vista as respostas relativas ao contexto educacional prévio à detenção. Os critérios de seleção são expostos na próxima seção em que são escritas as características sócio-ocupacionais, familiares e educacionais das vinte e sete detentas.

3.1 DESCRIÇÃO DA AMOSTRA

3.1.1 Características Sócio-Ocupacionais das Detentas

TABELA 2

CARACTERÍSTICAS SÓCIO-OCUPACIONAIS DAS DETENTAS

	DROGAS E ASSALTO	DROGAS	ASSALTO	FURTO	HOMICÍ DIO	TOTAL	%
1. IDADE DAS PRESAS							
24 a 30 anos	05	03	04	03	00	15	56
31 a 34 anos	01	00	01	01	00	03	11
acima de 35 anos	00	04	02	02	01	09	33
TOTAL						27	100
2. IDADE EM QUE A CARREIRA DESVIANTE							
14 a 20 anos	04	04	04	04	00	16	59
21 a 25 anos	02	00	03	02	00	07	26
26 a 30 anos	00	01	00	00	00	01	04
acima de 30 anos	00	02	00	00	01	03	11
TOTAL						27	100
3. RAÇA							
Branca	06	03	06	06	01	22	81
Negra	00	04	01	00	00	05	19
TOTAL						27	100
4. NÚMERO DE FILHOS							
Sem filhos	04	02	01	02	00	09	33
1 filho	01	01	01	00	01	04	15
2 a 4 filhos	01	03	05	04	00	13	48
13 filhos	00	01	00	00	00	01	04
TOTAL						27	100
5. Carreira desviante influenciada pelo parceiro							
	05	05	07	02	00	19	70
6. Tem algum parente preso ou que já esteve preso							
	03	03	03	03	00	12	44
7. É primária juridicamente							
	02	05	05	00	01	13	48
8. Estava desempregada no momento em que foi para o crime							
	04	05	06	05	*	20	74
Número de Presas	06	07	07	06	01	27	100

* Esta presa sempre foi dona-de-casa

As seis alunas presas por “drogas e assalto” são jovens, não tendo mais de trinta e três anos, muito cedo iniciaram na carreira desviante: entre os dezoito e não mais de vinte e dois anos (Tabela 2). Esse grupo de presas é formado exclusivamente por mulheres brancas; duas dessas seis alunas são mães, nenhuma delas tem mais de dois filhos. Cinco presas tiveram a influência marcante do parceiro em suas carreiras desviantes, os quais estavam ou já estiveram em uma casa prisional. Duas eram juridicamente primárias, e apenas duas trabalhavam no momento em que foram presas.

No grupo das sete presas por “drogas” temos a seguinte situação: apesar de ainda jovens, a faixa etária é superior à do grupo do delito anterior: vinte e quatro a quarenta anos. Iniciaram-se muito jovens na carreira desviante: quatorze a vinte anos, quatro alunas e não mais de trinta e seis anos. A metade delas é branca. Quatro delas eram mães, cada uma com menos de três filhos, duas não eram mães e apenas uma tinha uma prole numerosa: treze filhos. Mais da metade desse grupo, ou seja, cinco presas foram persuadidas pelos companheiros para ingressarem na carreira desviante, três delas tinham ou tiveram um parente com passagem em uma casa prisional, entre as quais, em dois casos, o próprio parceiro com quem iniciaram a carreira desviante era o parente com passagem na prisão. Mais da metade, cinco, eram juridicamente primárias e apenas duas estavam trabalhando no momento em que foram presas.

O grupo das sete presas por “assalto” também era formado por mulheres jovens, vinte e cinco a trinta e oito anos. Iniciaram-se muito cedo no caminho da delinqüência: a partir dos dezesseis até o limite de vinte e cinco anos. Seis presas eram brancas, o número de filhos não ultrapassou a quatro, sendo que apenas uma delas não era mãe. Todas elas iniciaram a carreira desviante com o parceiro, os quais, em três casos, já tinham estado em uma casa prisional. Cinco presas eram réis primárias e somente uma delas tinha emprego no momento em que foi presa.

O grupo das seis presas por “furto” também era formado por mulheres jovens: idade entre vinte e cinco e trinta e seis anos. Todas iniciaram jovens a carreira desviante: a partir de quatorze e no máximo vinte e três anos. Quatro delas eram mães, mas com um número pequeno de filhos, não mais de três filhos por presa. Apenas uma teve a influência do parceiro na sua iniciação no crime; ele, no entanto, nunca foi preso; metade do grupo tinha ou teve um parente preso. Todas as presas desse grupo eram reincidentes, e apenas uma tinha emprego quando foi recolhida à penitenciária.

A categoria “homicídio” é formada por uma única presa-aluna, branca, com mais de trinta e cinco anos, cujo crime foi cometido nessa época, tem uma só filha, não começou a carreira desviante com o parceiro, nenhum parente esteve em uma casa prisional, é ré primária e sempre foi dona-de-casa.

Analisando-se os quatro grupos conforme o delito cometido, percebeu-se que o grupo das presas por “furto” foi o que menos sofreu persuasão do parceiro em suas carreiras desviantes. Nos demais grupos – “drogas e assalto”, “drogas”,

“assalto” ressalta-se a persuasão do companheiro, principalmente nesta última categoria em que todas as sete presas iniciaram-se na caminhada do crime com os seus parceiros. Em todos os delitos aqui estudados, mulheres brancas eram a totalidade, exceto no que tange a “drogas”, em que quatro presas, de um total de sete, eram negras.

3.1.2 Características do Contexto Familiar das Detentas Quando Crianças

TABELA 3

CONTEXTO FAMILIAR DAS DETENTAS QUANDO CRIANÇA

	DROGAS E ASSALTO	DROGAS	ASSALTO	FURTO	HOMICÍ DIO	TOTAL	%
1. Pais não afetivos	03	01	02	03	00	9	33
2. Mau relacionamento com os pais	05	04	02	05	00	16	59
3. Os pais brigavam muito entre si	02	04	05	04	00	15	56
4. O pai agredia fisicamente a mãe	01	04	03	04	00	12	44
5. Pai alcoólatra	01	04	04	04	00	13	48
Mãe alcoólatra	00	01	00	00	00	01	04
6. Apanhava do pai	01	02	04	04	00	11	41
Apanhava da mãe	00	01	04	03	00	08	30
7. Seguidamente mudavam de endereço	01	02	02	05	00	10	37
Número de Presas	06	07	07	06	01	27	100

A descrição a seguir embasou-se na Tabela 3, acima, e no Quadro II (Anexo Q), que discrimina as respostas por presa-aluna.

Os itens do questionário que contemplam esse contexto abrangem nove perguntas. No grupo relativo a “drogas e assalto”, formado por seis presas, a metade afirmou ter pais afetivos; entretanto, somente uma delas disse manter um bom relacionamento com eles; duas delas conviveram com brigas entre os pais, uma relatou que o pai agredia fisicamente a mãe, e outra, que o pai era alcoólatra, enquanto nenhuma delas teve a mãe dependente do álcool. A presa que apanhou do pai era a mesma do pai alcoólatra e das mudanças de endereço.

Quanto ao grupo das sete presas pelo delito de “drogas”, verificou-se que uma, e sendo a única egressa da FEBEM, não tinha os pais afetivos, embora três alunas não tenham mantido bom relacionamento com os progenitores. Quatro pais e apenas uma mãe eram alcoólatras, duas dessas presas eram filhas daqueles pais agressores aqui arrolados. Duas presas apanharam de pais e somente uma foi agredida fisicamente pela mãe, esta, era filha da mãe alcoólatra, as outras duas eram filhas dos pais dependentes do álcool. Apenas duas presas, de um total de sete, mudavam-se com muita frequência (Tabela 2).

Estudando o universo das sete presas pelo delito de “assalto”, duas não tiveram pais afetivos e duas não mantiveram bom relacionamento com os progenitores, uma delas é a mesma que falou que os pais não eram afetivos. Quatro tiveram os pais alcoólatras. Quatro presas apanharam dos pais, sendo duas de pais alcoólatras e duas mudavam-se de endereço seguidamente Quadro II (Anexo Q).

No grupo de seis presas-alunas por “furto”, a metade declarou ter os pais afetivos, e apenas uma relacionava-se bem com eles. Quatro casais brigavam

muito entre si e três desses pais agrediam fisicamente as mães e filhas, sendo que duas dessas mesmas presas também apanhavam das mães. Mais da metade, ou seja, quatro alunas tiveram os pais alcoólatras, os quais eram os mesmos que agrediam as filhas, cinco alunas mudavam-se seguidamente de endereço, Quadro II (Anexo Q).

A única presa-aluna pesquisada, por “homicídio”, tinha os pais afetivos e manteve um bom relacionamento com eles durante a infância, os pais não brigavam entre si, não havia agressão física entre eles, não eram alcoólatras. Ela não apanhou de nenhum deles e viveu toda a sua vida na casa onde nasceu, até se casar.

Percebeu-se que a metade das presas-alunas por “drogas e assaltos” e “furto” tiveram os pais não-afetivos, ao contrário dos casos de “drogas” e “assalto” em que a predominância foi de pais afetivos; a única presa por “homicídio” também teve pais afetivos. A grande maioria das presas-alunas relatou não ter tido um bom relacionamento com os progenitores, exceto o grupo das presas envolvidas em assalto. Mais da metade das alunas por furto, cinco de um total de seis, mudavam-se com freqüência de moradia, diferenciando-se, neste aspecto, das demais presas-alunas. No conjunto das vinte e sete presas-alunas, enquanto treze pais eram alcoólatras, quase 50% dos mesmos, apenas uma mãe estava nessa categoria.

3.1.3 Relações Estabelecidas pelas Detentas nas(s) Escola(s)

Freqüentada(s) antes da Detenção

TABELA 4

RELAÇÕES NA(S) ESCOLA(S) FREQUENTADA(S) ANTES DA DETENÇÃO

	DROGAS E ASSALTO	DROGAS	ASSALTO	FURTO	HOMICÍ DIO	TOTAL	%
1. Escolaridade							
• 1º Grau Incompleto	00	03	01	06	00	10	37
• 1º Grau Completo	01	02	05	00	00	08	30
• 2º Grau Incompleto	03	02	01	00	01	07	26
• Superior Incompleto	02	00	00	00	00	02	07
2. Estudou em escola particular	02	02	01	00	01	06	22
3. Os pais incentivam a ida à escola	06	05	05	02	01	19	70
4. Gostava de ir à escola	06	04	06	05	01	22	81
5. Era uma boa aluna	05	04	05	04	01	19	70
6. Tinha lembranças boas de algum professor	06	06	05	06	01	24	89
7. Nunca foi reprovada	06	05	04	02	01	18	67
8. Nunca foi expulsa da escola	06	06	06	02	01	21	78
9. Nunca foi recolhida ao IEF-FEBEM*	06	06	07	02	01	22	81
Número de Presas	06	07	07	06	01	27	100

*IEF – Instituto Educacional Feminino

O nível de escolarização das presas por “drogas e assalto” era elevado: nenhuma presa tinha menos que o 1º grau completo, mais da metade tinha o 2º grau incompleto e duas, o 3º grau incompleto, sendo essas mesmas duas alunas

as que estudaram em escola particular. Todos os pais as incentivavam a ir à escola, todas foram unânimes em dizer que gostavam de ir ao colégio, cinco consideravam-se boas alunas, e todas tinham boas lembranças dos professores. Nenhuma delas foi reprovada ou expulsa da escola. Nenhuma era egressa da FEBEM.

Quanto ao grupo das alunas presas por tráfico de “drogas”, de um total de sete presas, três tinham o 1º grau incompleto, duas, o 1º grau completo; duas, o 2º grau incompleto. Duas alunas estudaram em escola particular; mais da metade, ou seja, cinco tiveram o incentivo dos pais para irem à escola, quatro gostavam de ir ao colégio, e quatro consideravam-se boas alunas. Seis alunas tinham boas lembranças dos antigos professores, cinco nunca foram reprovadas e nenhuma delas foi expulsa da escola. Apenas uma era egressa da FEBEM, que é a mesma que foi expulsa da escola.

No grupo das presas-alunas que cometeram “assalto”, sete presas, mais da metade tinha o 1º grau completo, uma não completou o 1º grau, e outra tinha o 2º grau incompleto. Apenas uma aluna frequentou a escola particular, cinco tiveram o apoio dos pais para irem à escola, seis gostavam de ir ao colégio, cinco consideravam-se boas alunas, seis tinham boas lembranças dos professores. Mais da metade, ou seja, quatro alunas nunca foram reprovadas e somente uma foi expulsa da escola. Nenhuma era egressa da FEBEM.

A escolaridade do grupo das seis alunas que praticaram “furto” foi o de nível mais baixo das entrevistadas: todas tinham apenas o 1º grau incompleto, nenhuma estudou em escola particular, e apenas dois dos pais incentivavam as

filhas a irem à escola. Entretanto, a quase totalidade, ou seja, cinco alunas, gostavam de ir ao colégio, quatro consideravam-se boas alunas, cinco mantiveram boas lembranças dos seus professores; apenas duas não foram reprovadas e nem expulsas da escola. Mais da metade, quatro alunas, eram egressas da FEBEM, as mesmas que foram reprovadas e expulsas da escola.

A única presa-aluna por “homicídio” tinha o 2º grau incompleto, estudou em escola particular, os pais a incentivavam a ir à escola e ela gostava de freqüentar o colégio, considerava-se uma boa aluna e mantinha boas lembranças dos professores. Nunca foi reprovada e nem expulsa da escola, não era egressa da FEBEM.

A Tabela 5 mostra a passagem positiva ou negativa pela(s) escola(s) versus a situação de serem ou não serem mães. Considerou-se como passagem positiva pela escola, quando a presa respondeu positivamente a seis das sete perguntas enumeradas de três a nove do Quadro III (Anexo R); mais de duas respostas negativas a essas mesmas perguntas, foi considerado como uma passagem negativa da mesma pela(s) escola(s).

Ao analisar as respostas do questionário (Tabela 5) sobre escolarização e somando-se a primeira e a terceira coluna da Tabela 5 a seguir, percebeu-se que a escola foi algo positivo na vida da maioria delas, em dezesseis dos vinte e sete casos estudados, em três dos quatro tipos de delito. A exceção ocorreu entre as alunas presas por furto, das quais nenhuma completou o 1º grau, mais da metade delas passou pelas experiências negativas de reprovação e expulsão escolar; quatro alunas, das seis, já estiveram um período reclusas na FEBEM.

TABELA 5

**RELAÇÕES DA PRESA-ALUNA COM A(S) ESCOLA(S) FREQUENTADA(S)
QUANDO CRIANÇA**

TIPOS DE DELITOS	1 9 9 9				POPULAÇÃO 27
	Alunas c/ filhos: 18		Alunas sem filhos: 09		
	PASSAGEM PELA ESCOLA				TOTAL
	POSITIVA	NEGATIVA	POSITIVA	NEGATIVA	
Drogas e Assalto	02	00	04	00	06
Drogas	03	02	01	01	07
Assalto	03	03	01	00	07
Furto	01	03	00	02	06
Homicídio	01	00	00	00	01
TOTAL	10	08	06	03	27

No total das vinte e sete presas-alunas, dezoito eram mães, sendo que dez tiveram passagem positiva pela escola, ou seja 55,6%, oito com passagem negativa; das nove alunas que não eram mães, seis tiveram passagem positiva, 66,7%, três tiveram passagem negativa pela escola.

Como não seria possível analisar as vinte e sete entrevistas do ponto de vista qualitativo, fez-se a seleção de oito presas pelos seguintes critérios: respostas positivas/negativas às perguntas sobre o contexto educacional prévio à detenção, revelando as relações da presa-aluna na(s) escola(s) frequentada(s) quando criança e fator maternidade, o qual sugere uma expectativa maior de ressocialização devido ao provável comprometimento dessa pessoa com um projeto de vida no lado bom da vida, com a existência do(s) filho(s).

As oito presas selecionadas, sujeitos desta pesquisa, foram assim distribuídas: uma presa por “drogas e assalto”, duas presas por tráfico de “drogas”, duas presas por “assalto”, duas presas por “furto” e uma presa por “homicídio” (Tabela 5).

As presas-alunas inicialmente selecionadas para essa pesquisa, para manter o anonimato de cada uma, tiveram os seus verdadeiros nomes trocados por números, já que as consoantes do nosso alfabeto seriam insuficientes para nomeá-las. Após ter-se estabelecido os critérios de seleção para as vozes das oito presas-alunas que seriam realmente o foco deste trabalho, escolheu-se usar nomes fictícios iniciados por vogais.

TABELA 6

ALUNAS SELECIONADAS: DETENTAS COM FILHOS, PASSAGEM POSITIVA OU NEGATIVA PELA ESCOLA

TIPOS DE DELITOS	ALUNAS		MÃES		TOTAL
	PASSAGEM PELA ESCOLA				
	POSITIVA		NEGATIVA		
Drogas e Assalto	Ada	“1”	-		01
Drogas	Eva	“7”	Eneida	“12”	02
Assalto	Íris	“14”	Iraci	“20”	02
Furto	Olga	“21”	Otília	“25”	02
Homicídio	Úrsula	“27”	-		01
TOTAL	05		03		08

Nota: O número entre aspas corresponde à presa nos Quadros I, II e III (Anexos P, Q, R).

Na categoria “drogas e assalto”, conforme o Quadro III (Anexo R), observou-se que as seis presas do grupo, tiveram uma passagem positiva no processo de escolarização na infância e na adolescência. A aluna Ada foi selecionada por ser mãe e não ser reincidente nesse grupo homogêneo quanto à experiência escolar.

Das sete alunas presas por “drogas” selecionaram-se duas mães, uma com passagem positiva pela escola na infância e na adolescência – Eva e a outra aluna, Eneida, com passagem menos positiva. Dentre as três mães que tiveram passagem positiva pela escola, foram critérios relevantes na seleção dessa aluna-mãe o fato de ela ser ré primária e pertencer à camada social baixa.

A categoria “assalto” é formada por sete presas e constitui o delito onde se encontra o maior grupo de mães; apenas uma presa não tem filhos. Dessas seis mães, quatro tiveram passagem positiva pela escola. A mãe selecionada nesse grupo foi a aluna Íris; em contrapartida, a presa Iraci foi a aluna que apresentou maior número de respostas negativas no questionário sobre o processo de escolarização na infância e na adolescência.

Na categoria “furto”, formada por seis presas-alunas, apenas uma das que são mães apresentou passagem positiva pela escola, a aluna Olga, sendo selecionada; as outras cinco presas, dentre elas três mães, responderam negativamente às questões relativas à escolarização. Otilia apresentou passagem negativa pela escola e foi a única presa egressa da FEBEM, dentre as oito alunas cujos depoimentos serão apresentados.

Úrsula, a única representante do delito “homicídio”, apresentou passagem positiva pela escola, isto é, respondeu positivamente a todas as questões quanto à escolarização antes da sua detenção.

As entrevistas foram iniciadas em janeiro de 1999 e finalizadas em dezembro do mesmo ano. Nenhum depoimento durou mais de duas horas e menos de cinquenta e cinco minutos. O depoimento mais longo foi o da aluna Íris, que durou duas horas; o mais breve, o da presa-aluna Otília com cinquenta e cinco minutos. Os relatos de vida foram feitos, individualmente, pelas alunas à pesquisadora, dentro da sala de aula.

4 DEPOIMENTOS

O mundo, em última análise, é a simples travessia em que o fundamental é a luta, sem embates, a não ser os que se dão na intimidade da consciência moral de cada um ou de cada uma, em favor da vitória do bem sobre o mal.

Para quem entende e vive a História como tempo de possibilidade, independente de se é mulher ou homem de fé, o papel dos seres humanos no mundo como sujeitos e objetos da própria história é outro. Não importa se, para elas e eles há transcendentalidade ou não, vivendo a história como tempo de possibilidade necessariamente recusam qualquer determinismo que, submetendo e minimizando a liberdade, proclama a inexorabilidade do amanhã. Por isso é que, para quem crê, nesta perspectiva, Deus é uma "Presença na História", mas uma Presença que não nos proíbe de fazer História. É uma Presença que não nos imobiliza para que se faça a História que nos cabe fazer. (Freire, 1993, p. 123).

Os depoimentos das entrevistas foram transcritas a partir das nove dimensões da carreira desviante conceituadas por Howard S. Becker e apresentadas por Delas & Milly (1997).

Ada - Art. 157, roubo, assalto à mão armada

A minha infância foi muito boa...não sei como vim parar aqui, para lhe dizer a verdade... Sei sim, tudo por teimosia e por amor. Os meus pais eram bons, mas não eram de abraçar, de elogiar os filhos. Não lembro dos meus pais viverem brigando e muito menos do meu pai bater na minha mãe...mesmo porque ela era de faca na bota. Nenhum dos dois bebia, claro que quando saía uma comidinha especial eles tomavam o vinho "Cabeça de Boi" tinto, o meu pai gostava só deste vinho. Nasci e me criei em Canoas, no Bairro Fátima; a senhora conhece Canoas? Eu sou a caçula de cinco irmãos. Eu tive infância de subir em árvores e jogar bolita.

A escola onde estudei o primeiro grau ficava perto de casa, era municipal. Eu gostava muito da minha professora de Educação Física, ela era jóia; eu sempre gostei do colégio, fui uma boa aluna, era muito dedicada e detalhista, as coisas tinham que ficar bem feitas. Eu comecei a mudar de vida, quando mudei de escola, fui para uma maior, o Carlos Chagas [maior escola estadual de Canoas]. Boa escola, professores excelentes, o erro foi eu ter transferido as minhas aulas para a noite; comecei a andar com uma turma pesada, conheci o meu marido.

O que eu aprendi de bom aqui dentro [refere-se a Penitenciária Feminina Madre Pelletier] é me tornar uma pessoa forte, eu não era... não lutava pelas minhas coisas... quando queria conseguir uma coisa, eu nunca chegava até o fim... eu queria ter as coisas, mas não tinha forças para terminar, para conseguir...eu não terminava o que começava, a senhora entende? A única coisa que eu terminei foi a escola [cursou o 2º

ano do 2º grau], os meus pais nos cobravam muito isso...queriam que fôssemos doutores. Hoje eu sei que eu sou forte... eu não sou mais uma mulher fraca. Aprendi também a ter paciência...as coisas demoram para acontecer aqui dentro, tudo é muito demorado; a ser persistente, a saber pedir, achei uma grande força dentro de mim que eu achava que não tinha. Aprendi a ocupar o meu espaço e não o do outro, a ter respeito pelas pessoas...estou vendo a vida de maneira bem diferente...a costurar, já posso dizer que sei fazer pastas e sacolas...a ir mais devagar nas coisas, a ser mais tolerante, menos prepotente, a conquistar as minhas coisas... como a senhora diz: "uma coisa de cada vez...".

Aprendi muitas coisas ruins: a não confiar em todo o mundo, a selecionar as pessoas para contar um segredo, a pedir ajuda...Têm pessoas traiçoeiras...aprendi como se passa 171 [refere-se ao estelionato: obter, para si ou para outrem, vantagem lícita, em prejuízo alheio] nas pessoas ingênuas, como se rouba uma carteira e como se assalta um banco... mas são coisas que eu nunca quero fazer... Quero mudar de vida, cuidar do meu filho.

Acho muito errado o castigo coletivo, não é justo...as presas que não brigam nem sempre conseguem fazer com que as briguentas não briguem...Quando eu estava no "D" [galeria onde ficam as presas condenadas] eu bem que tentei...mas foi em vão. Eu acho que as presas que brigam, tumultuam deveriam ficar um tempo isoladas, para pensarem no que fizeram e não fazerem de novo. Algumas mulheres têm que

aprender que as coisas não são assim, que vivemos confinadas e que tem que existir respeito entre nós... algumas precisam de limites...

Acredito que se tivesse emprego para todas elas muita coisa não teria o porquê de ocorrer... chegariam nas celas com o corpo cansado e dormiriam... e amanhã seria outro dia...e assim por diante. Eu acho que o castigo deveria ser mais rígido para quem agrediu, brigou... deveria ficar separada do resto da galeria, não a galeria toda ser castigada. Acho muito errado...

A penitenciária nos ajuda muito pouco na nossa ressocialização. ela teria de mudar muito: saúde, trabalho, mais psicólogas.. não tem nenhuma assistente social para nos ajudar a resolver os problemas dos nossos filhos [a casa prisional ficou um bom tempo sem assistente social para atendê-las], família...escola com mais professores, só a senhora e a professora Graça...é brincadeira! Agentes para nos levarem ao hospital para fazer exames marcados meses atrás pelo médico da casa...como foi o meu caso nesta semana... esperei mais de dois meses para o meu exame e só pela briga de algumas lá da galeria "D", que a senhora sabe que foi a maior confusão, eu não pude ir, nem a diretora sabia disso... isso me deixou muito revoltada. Afinal eu não incomodo, não dou problemas... e na hora de eu receber um direito meu, da minha saúde... nada! A casa deve saber que aquele exame era importante para mim, eu sou portadora do vírus... eu sou aidética!

Não sou contra o homossexualismo, cada um escolhe o seu companheiro...Mas acredito que o local facilita a coisa, o relacionamento...a carência contribui para

isso...Só acredito no relacionamento entre mulheres se for para as duas crescerem, não uma ficar com ciúme da outra...isto é muito baixo... ao menos para mim. A família tem que entender se é uma escolha da pessoa... não sei se ao sair um relacionamento continua ou não na rua , depende das duas. Se ela quer seguir aquele caminho mesmo, como é o meu caso... eu quero isso, a minha parceira ajudou-me muito quando precisei, nós queremos continuar esse relacionamento.

E a senhora sabe como eu era preconceituosa quanto a esse assunto, mudei tanto...isso faz mais de três anos. Penso diferente porque encontrei aqui dentro, parece mentira, o que eu não conhecia na rua, na minha vida, com ninguém. Encontrei carinho, compreensão, uma paz, ela está me ajudando muito, está fazendo um bem para a minha cabeça. Não sei se o meu filho aceitará isso... ela também tem um menino quase na idade do meu...não sei, professora...acho que eu explicando bem talvez ele entenda... Não sei mesmo qual será a reação dele... até porque só Deus sabe do nosso amanhã...Eu não tenho coragem para contar... o filho dela sabe, ela já teve outro caso na rua. Eu tenho medo da reação da minha mãe... como tenho!

O pai do meu filho está preso na cidade dele, no interior; ele é uma pessoa muito boa, sempre foi um bom pai. Começamos juntos no crime, queríamos ter casa, comodidade, carro... Ele começou com seqüestro em Santa Catarina, antes de vir morar em Canoas. Eu não sei o que eu fiz com a minha vida, professora... eu tinha tudo para não ser uma delinqüente, uma presa... Eu não matei, mas poderia sim, ter evitado aquela morte...se eu pudesse voltar ao tempo, tudo seria diferente, com

certeza...Como eu pude ajudar alguém a tirar a vida de alguém? E por coisas materiais!... Meu Deus, o que eu fiz com a minha vida? Não foi nada bom ver uma pessoa morrendo na tua frente...e tu não fazendo nada para impedir... parece que eu não tinha nada dentro da minha cabeça e do meu coração. Professora, como eu preciso da sua ajuda para mudar, dar uma nova guinada na minha vida. Às vezes, parece que eu vou enlouquecer... aí eu penso... ele vai reviver? Vou carregar esse peso para o meu caixão...

Eu queria tanto mudar a minha vida, acompanhar o dia-a-dia do meu filho, ser uma mãe normal, mas eu não segurei o meu destino e aqui estou presa...Ele sabe que estamos presos, eu e o pai dele... A minha cunhada que está cuidando dele explicou direitinho ... ele está com uma psicóloga... ele está mudado, mais calmo, dorme bem. Dói muito a saudade, quando eu sair daqui, eu quero ser uma mulher diferente... como a senhora, a doutora Adriana [única psicóloga da casa], a dona Alessandra [dona da firma Arachane fábrica sacolas plásticas e Ada é sua funcionária], quero que o meu filho se orgulhe de mim.

Eu não sei de quem eu peguei essa doença, a AIDS, se foi por transa ou por seringa, mas isso não muda nada. Fiquei sabendo que era portadora aqui na penitenciária, o doutor Roberto [ginecologista e trabalha com a prevenção da AIDS] desconfiou e perguntou-me se eu queria fazer o exame, senti medo, ele disse que era importante para mim...acho esse doutor um barato, mas fiz. Chorei muito quando soube que tinha o vírus. Eu pedi para a minha cunhada fazer exame de sangue no meu

filho para ver se ele não tem a doença, queira Deus que não...isola. Tive que dar mais este desgosto à minha mãe, eu não queria dar mais essa tristeza para ela, mas não houve outra maneira. Peço a Deus para que tudo de ruim aconteça comigo, não com o meu filho [o exame do seu filho deu negativo]... Ele é tudo de bom que eu tenho na vida, dessa vida que eu tenho. Quero tudo de bom para ele... ele não pediu para nascer.

Eu gosto da escola. Aprendi muito com a senhora... a ler as notícias do jornal, não só a parte policial, a ver o mundo de uma maneira diferente, gostei dos textos, das conversas sobre a vida, sobre os filhos... É uma pena a senhora se aposentar antes de eu ir embora desse lugar. A professora Maria da Graça já se foi, as gurias têm razão: coisa boa dura pouco. Vou sentir saudades da senhora, a senhora foi uma pessoa especial nesse momento difícil da minha vida... Que a senhora tenha uns netos bonitos e honestos, a senhora merece.

Eva - Art. 12, drogas

Eu acho que tive uma infância razoável, nunca nos faltou o que comer e os meus pais nunca foram rudes com a gente, nem eram de bater nos filhos. O meu pai sempre passava a mão por cima das coisas erradas que eu fazia quando pequena, a minha mãe, não. Quando algo estava errado ela sempre criticava, pra mim como para os meus irmãos. Coisa de mãe, hoje eu sei disso. O meu pai morreu quando eu tinha treze anos, senti muito, apesar de nunca ter me dado muito bem com ele e nem com a minha mãe. O nosso relacionamento, como a senhora fala para uma coisa difícil, sempre foi complicado. Acho que a morte dele foi um alívio para toda a família, principalmente para a minha mãe. A minha mãe brigava muito com os filhos, a vida dela com o meu pai não foi fácil...ele era alcoólatra e muitas vezes eu vi a minha mãe apanhar dele. Jurei que homem nenhum iria me bater. Nunca ouvi a minha mãe reclamar do meu pai, nem quando ela apanhava dele, ele era o homem ideal para ela. Ela nunca brigou com ele, sempre dizia amém para as coisas que ele falava ou dizia.

Os nossos filhos não obedecem ao meu marido, ele sai bem cedo para trabalhar e só volta à noite. Os meus filhos pararam de estudar.... dizem que estão sentindo muito a minha falta. Eu disse à minha filha que ela tinha que voltar a estudar... eu não parava durante o dia em casa, eu sempre trabalhei, mas ela disse que não é a mesma coisa. O meu filho mais velho bate no menor, enquanto ela está na aula. Eu tentei explicar para ela que isso tem que parar, mas eles, principalmente ela, estão muito revoltados. Eu sempre fui uma mãe presente, trabalhei sempre fora, mas tinha um

olho lá e outro cá, como se diz. À noite eu cobrava tudo o que eles faziam durante o dia.

Agora não, eu estou aqui. Eu sempre trabalhei de segunda a sexta, nos fins-de-semana estávamos todos juntos. Eles me respeitam muito mais do que ao meu marido, parece que eu é que sou o homem da casa...eu sempre acompanhei eles em tudo, sempre estava na escola. Eu sei que eu sou uma mãe muito autoritária e que cobra muito dos filhos.

A escola, os professores sabem que eu estou presa, eu pedi para a minha filha avisar. Eu não posso esconder isso da minha vida, nem eles. Toda a Restinga [bairro da periferia de Porto Alegre, de pessoas trabalhadoras e pobres] sabe que eu estou aqui. A escola viu que eles estavam faltando muito e perguntou por mim. A professora disse que se eles não quisessem ir à aula enquanto eu estiver presa, que ela entendia bem. Achei errado esse conselho. Os meus filhos nunca me incomodaram, só agora depois que eu vim presa. Acho que o meu menino não está envolvido com drogas, só apareceu um dia, bem cedo, na nossa casa, bêbedo. Tomou um porre de vinho, disse que era por minha causa. Depois que eu sair daqui vou ter que levar os meus filhos em um psicólogo para que eles voltem a ser normais, como eram antes.

Isto nunca aconteceu na nossa família, de alguém ser preso, eu tenho um irmão que é pastor da Igreja Batista, eu sou primária. Eu entrei naquele ônibus errado [ela foi presa em um ônibus carregando uma pequena quantidade de droga], em um dia e hora errada. Eu sei que vender drogas é errado, mas eu tentei procurar emprego, saí

cedo de casa e nada....bem na época em que o meu marido foi para rua. Achei melhor vender drogas do que assaltar alguém, só usa drogas quem quer...eu penso assim...quem quer e quem tem grana para manter o vício. Ainda bem que ele [marido] está trabalhando agora, é pouco mas é honesto, o dinheiro é limpo. A minha família tem me dado um grande apoio, tenho uma irmã que mora no interior e mesmo assim ela vem até aqui para me visitar. Os meus filhos vêm todos os domingos aqui e me trazem sacola nas quartas-feiras. Tenho três filhos, a menina é a do meio. Eu sou natural do interior, Carazinho. Eles nunca me deixaram sozinha aqui, graças a Deus.

Eu tenho boas lembranças das minhas professoras, eu sou do interior, como já lhe disse; fui uma boa aluna, desenhava muito bem. Mas apanhava nas contas e nos ditados. Quando criança trocava o "g" por "q" e "d" por "t", até que uma professora conseguiu com que eu não fizesse mais isso. A minha irmã me disse que ela já morreu. Pena, era uma boa professora. Ela me incentivou para terminar o 1º grau, Deus a tenha no céu.

Eu aprendi com esta penitenciária que a vida lá fora é uma beleza, que eu tenho uma família muito boa, amo os meus filhos e sei que eles também me amam. O meu marido também nunca me deixou na mão, ele está acompanhando o meu caso. Ele e os meus irmãos estão fazendo o máximo que podem para me ajudar, isso é muito bom. Se o desemprego não tivesse aparecido lá em casa, eu não teria entrado nessa...contas, luz, água, armazém...um monte de coisas atrasadas, hoje eu sei que não valeu a pena.

Ainda bem que eu não me envolvi com o uso da droga, traficante e drogada seria demais para a minha família!

Em compensação eu aprendi a maldade entre as pessoas, as pessoas mostram ser sua amiga para ganhar algo em troca e depois que a pessoa sai, ficam falando mal daquela pessoa que ajudou a outra. É difícil conviver aqui, atrás das grades... eu sei que isso existe lá fora, só que onde eu trabalhava não tinha isso...eu não tinha passado por essa confusão toda... as minhas patroas foram muito boas A última em que eu trabalhava antes de ser presa era professora, eu saí porque ela se separou e não teve como me pagar... foi uma pena. A minha filha disse que ela chorou quando ficou sabendo que eu estava aqui, ela era uma boa patroa e me ajudava no que podia. O marido trocou ela por outra da idade da filha mais velha deles: vinte e três anos. Ela tinha quase cinquenta anos, mas estava muito conservada. A senhora tem razão, a vida é complicada pra alguns.

O homossexualismo está horrível, eu só tinha visto isso na televisão, nos filmes. Por isso eu resolvi ir trabalhar logo na cozinha, que ninguém quer, para poder sair da galeria "E" [galeria das presas que ainda não foram julgadas] e ir para a galeria "B" [galeria das presas que trabalham nas firmas e nas cozinhas] onde as coisas são mais calmas e mais discretas. Um dia uma colega me cantou lá em cima dizendo que eu era bonita e que ela estava a fim de mim. Eu disse que se ela queria continuar sendo minha amiga que não insistisse nisso. Eu sou casada, tenho filhos, sou limpa e não sou

da coisa, nem por brincadeira. Ela largou o meu pé e continuamos nos dando até hoje. Ela me respeita e eu a ela, mas sem intimidades.

Eu sempre eduquei os meus filhos pelas minhas atitudes, eu fumo, mas não na frente deles, procuro fumar fora de casa, no pátio... porque tenho um filho que é asmático. Não bebo e nem uso droga...claro que eu gosto de um vinho, às vezes, eu e o meu marido tomamos um ou dois copos, não muito cheios, porque no outro dia temos trabalho. O meu marido sai de casa às 5h da manhã.

Acho muito triste o castigo coletivo, injusto; nem sempre temos condições de separar as mulheres que estão brigando. Aquela vez lá no pátio não conseguimos evitar que as duas se pegassem...nem os dois agentes, isso que são homens, separar elas rapidamente. Eles demoraram um pouco e passaram um trabalho, elas não queriam se separar. Elas estavam muito emboladas, numa briga muito feia. Não é bem assim, achar que a galeria pode evitar uma briga se quiser, não é verdade. Não acho justo a galeria toda pagar no fechado⁶⁴ [refere-se a ter que “ficar no fechado”, um determinado tempo] por algo que é feito por meia dúzia de mulheres.

Não acredito em recuperação de mulheres aqui dentro, a gente fica revoltada com o tempo de espera de uma audiência para a outra audiência. A justiça é muito demorada e durante esta espera aprendemos coisas incríveis... a senhora nem imagina! Quem quer sai formada daqui no crime, roubos, assaltos ...com certeza sairá com um

64 “Ficar no fechado” ou “na tranca” são gírias usadas pelos funcionários e presas: o portão da galeria fica sempre fechado, mas quando acontece o castigo coletivo as celas também ficam trancadas e só abrem às refeições. As presas ficam tolhidas de circularem no corredor.

diploma. Seria bom se a direção separasse as mulheres... daquelas que são entendidas, lésbicas. Separar as presas por delito também seria uma boa.

A escola é o melhor lugar desta penitenciária, gosto muito de vir às aulas. Quando a senhora não vem, a gente sente falta da sala de aula. Hoje, nós estávamos falando disso lá na cozinha. Gostamos dos seus conselhos, dos seus textos, das suas

aulas. Precisamos de mais professores, mais psicólogos ou, então, pessoas que nos orientem como viver aqui dentro. Acredito que a cadeia ficaria mais leve, teria menos broncas, menos brigas. Talvez mais tolerantes, mais jogo de cintura [refere-se a ter mais diplomacia para lidar com as pessoas].

Eu não quero ir para o livro de ocorrências⁶⁵. Eu nunca fui escolhida para ir em nenhum culto, o único que eu fui foi na missa do dia das mães, que a escola fez. Acho que a reza nos acalma muito, pena que não tem todos os sábados. Eu sou católica e acredito muito em Deus. Eu peço para Ele cuidar dos meus filhos, por mim lá na rua, quando eu sair em liberdade.

A senhora não tem que agradecer por isso, eu faço terapia, como diz a Dra. Adriana [psicóloga da casa], com a senhora. É bom ter um ouvido amigo, é bom lembrar que um dia eu já fui uma mulher normal...é...eu já estive fora dessas paredes... eu é que tenho de agradecer. A senhora tem razão: a prisão não é eterna, só dentro de nós, mas essa experiência foi uma lição eterna. Não vou esquecer nunca desse inferno...e nem da senhora...claro que de maneira diferente! A senhora me ensinou muitas coisas boas, hoje eu vejo o mundo diferente.

65 O livro de ocorrências relata o dia-a-dia da penitenciária e os relatos são escritos pelo agentes. Este livro possibilita que as presas sejam levadas à sindicância, ocasionando a perda temporária da progressão do regime semi-aberto.

Eneida - Art. 12, drogas

A minha infância não foi ruim, apesar de até passar fome algumas vezes...Fome, fome, não...mas as coisas eram curtas lá em casa. Às vezes, dormíamos só com um copo de café preto bem doce, para enganar a barriga. Éramos dez irmãos, comigo. Eu me lembro do meu pai como uma pessoa boa, a minha mãe era alcoólatra...eu sentia vergonha disso quando era mocinha. Ela ficou assim quando descobriu que o meu pai tinha outra...Eles viveram um bom tempo separados, depois ele voltou doente e velho para casa... Antes disso ela era uma mãe carinhosa, eu lembro disso.

O meu pai não era de bater nas filhas mulheres, só na minha mãe. Depois que ela começou a beber, ele não batia mais nela...acredito que ele também tinha medo dela, como todos os filhos...tínhamos muito medo dela! Os meus irmãos apanhavam dele [do pai], mas eles eram danados, não eram anjos, não...A minha mãe quando bebia era muito ruim, batia sem piedade...Éramos quatro mulheres, comigo. Hoje, eu sei que o meu pai estragou a família toda.

Os meus pais não incentivavam os filhos a estudarem...Nunca fui boa aluna, repeti a 3ª série e ainda me lembro da professora Rosa, eu aprendi a ler com ela. Eu vivo lembrando os meus filhos para não deixarem de ir à escola, eu digo a eles que a vida está difícil pra quem tem estudo, imagina pra quem não tem. A senhora não acha que eu tenho razão? Quem sabe eu não estaria aqui se tivesse me esforçado um pouco na escola, quem sabe...

Muitas das agentes querem o nosso respeito à força, mas elas não sabem ter respeito pela gente... se elas têm emprego agradeçam a nós que estamos aqui. A senhora não sabia que os negros são mais racistas do que os brancos? A minha mãe já dizia isso. ...Quando é o dia dela de plantão eu nem olho para ela, passo de cabeça baixa, eu sei que ela não gosta de negros, me deu vontade de perguntar se ela já tinha se olhado ao espelho! Mas não vale a pena...não quero encrencas...não posso quebrar o meu bom comportamento [Eneida também é negra].

Eu tenho educação, apesar de não ter muito estudo. Sei lidar com gente fina. Tenho horror a pessoa grossa, chinelona, mal-educada. E isso a gente vê seguido aqui dentro, não só pelas presas. As pessoas que trabalham aqui deveriam ser mais educadas, não é porque somos presas que não merecemos respeito, às vezes, as coisas da vida da gente faz com que venhamos aqui para dentro. Quem tá livre de ter um parente preso? A senhora tem razão quando diz que o mundo precisa de mais solidariedade, de mais equilíbrio... vou sentir falta dessa escola, da senhora, dos textos que a senhora nos traz, das conversas, da tolerância, dos conselhos...das músicas e dos filmes ...Que pena que eu não lhe conheci lá fora. A senhora, a D. Vera e o Dr. Sérgio são as únicas pessoas que eu vou levar de recordação dessa coisa... desse horror, desse sufoco, professora!

Quando eu sair daqui eu vou retomar a minha vida, aquela de trabalhadora... A senhora pode mostrar essa gravação... Eu quero distância do crime... Eu sei que será muito difícil arrumar um emprego decente, mas tenho que conseguir. Eu vou atrás de

muitos deputados que eu fiz campanha...a justiça é muito vagarosa...O juiz disse à Dra. Adriana que precisamos ter paciência porque ele está com alguns funcionários em licença, que ele precisa de tempo... Que é que nós temos com isso? Isso nos revolta, professora.

Quem tem advogado particular tem mil vezes mais chances de sair logo do que aquele que depende do Estado, do defensor público. Quem tem advogado do Estado fica mais tempo na cadeia...eles não se esforçam como os particulares. Por isso é que o meu irmão teve que contratar um advogado para mim, senão eu ainda estava esperando o meu julgamento... quem sabe só no ano 2001... Por que o Estado paga um advogado para nos defender, se eles até perdem os nossos papéis? Por que não se esforçam como os particulares? E isso que o meu advogado disse que gostaria de receber o ordenado deles no fim de cada mês... que não é pouco, que é igual ao de um juiz. É verdade?

Quando eu sair daqui quero ver se compro um carrinho para vender cachorro-quente, ou salgados...A sogra do meu sobrinho faz doces e salgados para fora, se ela deixar vou revender no centro, quero ver se dá para fazer um acordo com ela, vou vender em bancos, em lojas, na rua...vou vender churrasquinho na porta da escola dos meus filhos, vou comprar uma térmica grande para levar café...são só sonhos, mas tem que dar certo.

O que me dói, professora, é a minha filha mais velha ter largado o curso de computador - que ela ganhou de uma patroa - o colégio, para assumir os irmãos...Ela

ainda é uma criança, tem dezoito anos. Eu destruí a minha família, os meus filhos não estão todos juntos, o meu irmão mais velho está me ajudando a pagar o advogado. Como eu fui boba pensando...O que eu fiz da minha vida? Se eu pudesse voltar atrás!

Tomara que eu comece a trabalhar nessa firma nova, aqui dentro...Assim posso aliviar a minha filha: não vou precisar de sacola [às quartas-feiras, à tarde, os familiares têm permissão para levar mantimentos às presas]; com esse dinheirinho poderei comprar o meu material de higiene. Aqui tá difícil...eu sei que na rua está pior, os meus filhos me dizem. Uma funcionária falou que nunca viu tanto 12 [tráfico de drogas] aqui dentro e eu disse que se tivesse emprego para todo mundo lá fora, muitas mulheres não fariam o tráfico como emprego. Foi o meu caso.

A droga dá um retorno bom e rápido, é mais seguro do que roubar na rua, as pessoas é que nos procuram. Consegui arrumar a minha casa, comprei quase tudo novo pra dentro dela...Como eu fui burra, cabeça dura, deveria ter guardado um dinheiro no banco...com certeza ele teria sido útil quando eu fui presa, seria mais fácil de não vir para cá. Eu já disse para o M [marido que está preso pelo mesmo delito], se ele não parar com essa vida de bandido, eu não volto pra ele. Eu não quero mais voltar para cá, nem por sonho.

Eu, hoje, tenho consciência do que fiz...era errado. Mas na época foi o único emprego que me apareceu e eu tenho treze filhos professora, a mais velha tem dezoito anos...Hoje, sabendo o que eu sei, não teria tantos filhos...não, eu amo os meus filhos, mas quem não tem posses não poderia ter tantos filhos assim, a senhora não

acha? Eu quero ver se consigo trazer o meu filho de três anos para a creche, ao menos aliviaria a minha filha. Se tivesse eleição todos os anos, com certeza eu não estaria aqui, estaria fazendo campanha...A senhora está rindo, mas sabe que eu não estou mentindo...

Um dia ainda quero ter o prazer de lhe levar até a minha vila, na minha escola de samba para a senhora ver como eu sou benquista em Alvorada. Eu ainda vou lhe procurar quando eu sair desta, pode ter certeza. Eles [os vizinhos] até fizeram um abaixo-assinado para ajudarem os meus filhos com comida e roupas quentes. Eu quero aproveitar para lhe agradecer as escolas para os meus filhos, assim eles não ficam em casa e muito menos na rua sem fazer nada⁶⁶.

⁶⁶ Quatro filhos desta presa foram encaminhados para escolas próximas a sua casa, por intervenção desta professora junto a SE/RS.

Íris - Art. 157, roubo, assalto à mão armada

Eu tive uma infância boa, muito boa. A minha mãe é paraguaia e meu pai, brasileiro; eu tenho um irmão mais velho. Não posso dizer que sou rica, sou classe média, estudei em colégio particular e estudei inglês em escola de idiomas. O meu pai nos prendia muito, não nos deixava ir a sons, resolvi ir morar com a minha avó materna. Lá as coisas eram mais frouxas...me enturmei com um grupo da pesada e aí começou tudo: maconha por um bom tempo e depois veio a cocaína. Por um bom tempo deu para esconder da minha avó, vendi a metade das minhas roupas e algumas jóias...o meu anel de quinze anos também foi, fico com pena quando lembro disso.

Comecei a faltar as aulas, a minha avó custou a descobrir. Foi uma zorra quando souberam lá em casa. O meu pai culpou a minha mãe por aquilo tudo e me levou para casa...Eles brigavam muito...ele disse que não queria aqueles amigos em casa. Como ele foi tolo! Os amigos não iam lá em casa, mas iam na escola; a "gang" envenenada aumentou. Na turma tinha gente caixa alta: filhos de advogados, médicos e de uma promotora.

Sempre gostei de ir às aulas, tinha facilidade em memorizar as coisas e tirava sempre nota alta em matemática. Cálculos era comigo... acredito que tenha calculado errado a minha vida, hoje estou aqui. Sinto falta da escola, fiz até a 8ª série, completei o 1º grau abaixo do mau tempo; não precisava disso...poderia ter concluído o 2º Grau e entrado em uma faculdade. Mas naquele tempo o meu pai disse que tinha cansado de mim, que não podia mais com a minha vida e eu achei o máximo

aquilo...dezesesseis anos! O Conselho Tutelar deveria tê-los processado! Pena que naquela época eu não tinha esta minha cabeça. Saí de casa e fui morar com duas amigas e um amigo; o meu pai me ajudava a pagar o aluguel, não é incrível? Ele me descartou como se eu não fosse filha dele. Às vezes eu achava que era adotiva...me olhava no espelho e via a minha mãe, sou bem filha da mãe. E a minha mãe nunca transaria com outro homem, aí eu voltava a ter certeza que era filha dele. Como eu era boba naquele tempo...é bem verdade que para algumas coisas. Hoje eu sei que eu dei muito trabalho para eles, eu jurava que não estava me drogando e, muitas vezes, eles me pegavam na calçada muito "louca". Muito eu vi os meus pais chorando, um abraçado ao outro, como eu pude chegar até aqui, professora?

Conheci o meu parceiro na noite, era amigo de um amigo meu. Ele tinha parado de estudar, fez até o 2º ano de Engenharia Química e desistiu. Nessa época ele já fazia roubos de carros... Não, ele não se drogava; comecei o crime...como é que a senhora diz? ...a minha carreira desviante com ele. Diminuí bastante a droga depois que fomos viver juntos. Ele me controlava, vivia dizendo que assalto não combina com drogas, ou uma coisa ou outra...Não, eu não uso drogas aqui dentro. Nunca roubamos de mercadinhos e de pessoas pobres, acho covardia! Casamos e tivemos um casal de filhos...os meus pais têm a guarda deles. Começamos em firmas grandes e depois passamos a bancos. O último assalto que eu fiz foi em uma agência de um banco grande, aqui no RS; o meu marido já estava preso há mais de ano em São Paulo.

Numa noite, eu estava cheia disso tudo e disse às minhas companheiras de galeria que, graças a Deus, eu ia sair daquele lugar, porque o meu marido iria me buscar, que ele tinha fugido do presídio. É claro que eu estava brincando, só que eu não sabia que o tal do Papagaio [refere-se a Cláudio A. Ribeiro, assaltante gaúcho que fugiu da Pasc, em 05.06.99] iria fugir naquele dia. A senhora sabe como as coisas são aqui, quando este assunto chegou na segurança eu já era a mulher desse assaltante gaúcho. Não houve santo que tirasse essa idéia da direção...fui transferida para a Pasc [Penitenciária de Alta Segurança de Charqueadas], dois dias depois. Só fiquei sabendo disso quando estava indo para Charqueadas.

Essa brincadeira me custou muito. Perdi o emprego que tinha aqui, passei um bom tempo naquele presídio, o certo não pode passar pelo errado. Eu preciso trabalhar, não posso ficar o dia inteiro sem fazer nada lá na galeria. Não posso! Com aquela confusão que está lá, eu sei que vou acabar me incomodando com certas presas, eu vou ver se a L.[é uma presa que trabalha na cozinha há mais tempo] me consegue um lugar na cozinha. Ela me disse que é difícil eu ir trabalhar lá porque tem facas, mas professora, pelo amor de Deus, eu trabalhava com navalha para descosturar as pregas das calças. Como eu posso entender tudo isso? Hoje eu posso, amanhã eu não posso. É muita coisa pra minha cabeça!⁶⁷

Estão me vigiando, porque acham que eu quero fugir. Eu quero ir embora daqui com a cabeça erguida, não quero mais confusão. Chega!

Mas ninguém ajuda, professora. As minhas coisas que vieram de Charqueadas ainda estão lá na segurança. Ainda não liberaram, faz quase uma semana. Pedi, berrei para as funcionárias, agora chega. Vou badalar⁶⁸ a porta da minha cela. A casa acha que eu sou a mulher do Papagaio e não tem nada que tire isso da cabeça deles.

Eu tento ser educada com certas agentes, mas algumas são difíceis de se tratar. As minhas roupas foram revistadas, quando saíram da Pasc, depois quando chegaram aqui e agora precisam ser revisadas novamente para subir para a galeria pelos mesmos agentes dessa penitenciária. É possível? Nem Cristo teria paciência para agüentar!

Os presos da Pasc não sabem como te agradar [ela quis dizer que eles são muito solícitos, estão sempre tentando ser agradáveis]. Não foi um castigo de dor ir para lá [significa que a sua permanência naquele presídio não foi tão ruim]. No pátio e na cela eu ficava sozinha, não comia no refeitório...Eu fui maltratada sim, mas psicologicamente. Fiquei quatro dias trancada, sem falar com ninguém, foi horrível! Eu não apanhei de nenhum funcionário, uma funcionária da casa [refere-se a Penitenciária Feminina Madre Pelletier] ficou um tempo por lá para ver se tudo estava bem. Os presos nunca me faltaram com o respeito, nunca me disseram gracinhas como alguns agentes daqui dão para algumas presas, inclusive para mim. Os presos não, no maior respeito, até porque eu sou mulher de bandido [o marido encontra-se em São Paulo,

⁶⁷ Esta aluna constata uma contradição da instituição no fato de ora ela poder trabalhar com objetos cortantes, ora não.

⁶⁸ "Badalar" quer dizer dar pontapés e socos nas portas das celas, fazer muito barulho.

preso no Presídio Carandiru]. Eles até me escreveram que iriam mandar uma carta para o juiz e para os Direitos Humanos para dizerem que eu não era a mulher do Papagaio.

Alguns conhecem a mulher dele, se fosse eu...ele já estaria aqui...quem foge de uma Pasc, foge mais rápido de uma "feminina"! Os presos me emprestaram camisetas e meias para eu usar, pois eu só saí com a roupa do corpo e mais duas mudas de roupas em uma sacolinha. Só fiquei sabendo que estava indo para outro presídio, quando eu cheguei na portaria. Antes, uma agente me chamou na minha cela e disse que o meu alvará de soltura tinha chegado na casa, que eu estava em liberdade. Eu deixei a grande parte das minhas roupas para as colegas que dividiam a cela comigo, dei até o meu rabo-quente [aparelho que serve para esquentar água] para a Gladis. Fiquei tapada de nojo⁶⁹, professora! Ela mentiu para mim e ainda disse rindo que estava me embalando⁷⁰ para a Pasc. Eu chorei de raiva, de ter sido iludida. Eu sei teria que ir, eles me levariam de qualquer maneira, mas não daquela maneira como foi feita: dando as minhas coisas, levando endereços de alguns filhos das presas mais próximas para entrar em contato, sem avisar o meu advogado e toda a galeria pensando que eu estava livre. Foi duro de engolir. Como foi! Eu jurei bagunçar esta casa daqui para frente; eles [os funcionários, principalmente as agentes] gostam de atijar as presas.

Não acredito em recuperação de presa aqui dentro, não dessa maneira. A Dra. Adriana [psicóloga da casa] me deu uma força nessa história toda, a minha mãe falou com ela por telefone; mas tudo é muito demorado aqui dentro. Não estão permitindo que a gente vá aos cultos...poucos funcionários, a fé nos ajuda a levar melhor a nossa

⁶⁹ Expressão usada pelas presas e por alguns funcionários para dizer que não agüentam mais uma determinada situação.

⁷⁰ Embalar é gíria dos agentes penitenciários para dizerem que um preso será transferido para outro presídio, por medida de segurança aos funcionários, presas e da própria instituição.

cruz aqui dentro. Eu vou me lembrar com afeto da senhora, da D. Vera, da D. Delma, da Dra. Adriana, do Dr. Sérgio, da D. Tetê⁷¹ e acho que paro por aí. O ar daqui é muito pesado, as pessoas estão sempre com cara fechada ou, então, debochando da gente. Que pena que a senhora vai se aposentar logo, vai ser uma perda grande para as alunas.

O que eu espero da vida? Sair daqui o mais rápido possível e ser transferida para São Paulo, terminar a minha pena, tentar ser uma boa mãe e se der, voltar a estudar... gostaria de fazer Direito.

71 Monitora, agente, psicóloga, médica, agente penitenciária, respectivamente.

Iraci - Art. 157, roubo, assalto

Desde que eu me entendo por gente, eu tive uma infância muito boa. Minha mãe é quase analfabeta, nunca nos beijaram e nem nos abraçaram...eram pessoas secas, eram trabalhadores. O meu pai bebia muito...não me lembro dos meus pais brigarem...Claro que brigavam quem não briga? Duvido que a senhora nunca tenha brigado com o seu marido. Eu falo de brigar "mesmo"... dele bater nela, como acontecia com a nossa vizinha. O meu pai foi maravilhoso, fazia tudo para não faltar nada para nós...até que arrumou uma mulher e nos deixou. Aí, a porca torceu o rabo, como dizia a minha mãe.

Eu não era muito fanática pela escola. A única escola que eu me lembro é o Visconde de Pelotas, na Auxiliadora. Era colégio para rico, mas nós morávamos em umas peças, em uma casa perto da escola, uma patroa da minha mãe é que conseguiu para nós. A minha mãe era lavadeira, engomava uma roupa como poucas; ela tinha uma freguesia imensa. Naquela época nós ganhávamos o guarda-pó branco com um tope azul-marinho, era obrigatório o uniforme. Ganhávamos tênis marinho, cadernos... todo o material necessário. Naquele época o governo tinha, hoje ele não dá nada, só tira...tanto no país como aqui na prefeitura, estado, tudo é a mesma coisa. São uns políticos danados e podres...

Eu sempre fui uma aluna rebelde, as professoras e a diretora viviam reclamando de mim... A minha irmã era o meu oposto, sempre quietinha. Não me lembro da minha mãe cobrar ida à escola: também eram tantos filhos, nós somos em

sete, eu sou a segunda mais velha. Hoje eu penso diferente e cobro dos meus filhos, eles têm que irem para o colégio. Eu não sei o porquê de não gostar da escola, naquela época... acho que era pura rebeldia. Não tenho boas lembranças da escola e olha, professora, eu nunca fui expulsa. Rodei um ano, é bem verdade. Hoje eu sei que a diretora não me expulsou - eu tinha uma turma de "marginal" como as professoras diziam - por causa da minha mãe. As professoras diziam que eu usava a minha inteligência de maneira errada, eu ficava tapada de nojo [refere-se a estar saturada de ouvir sempre a mesma coisa]. Hoje eu sei que elas tinham razão. Quase que eu fui expulsa na 4ª série [entretanto, tem boas recordações de duas professoras].

Aí surgiu a necessidade de trabalhar em casa de famílias para ajudar em casa. O meu pai era motorista de ônibus e vivia colocando as empresas na justiça... com o tempo ficou difícil de arrumar emprego, a senhora sabe... elas são poderosas[as empresas], os donos são unidos e o empregado é que sai perdendo. O meu pai era muito de lutar pelos direitos dele, ele nos deixou isso de herança...

Eu lembro que o meu pai bebia muito e, muitas vezes, baixava o pau em nós, principalmente quando estava bêbado, mas foi por pouco tempo...É, mas deixou marcas profundas em nós todos. Ele arrumou uma amante e a minha mãe se separou dele. Foi uma época muito difícil para nós, o dinheiro ficou mais curto lá em casa. A minha mãe sempre foi uma grande mulher, apesar de não ter cultura; à noite, ela começou a costurar para aumentar o dinheiro do fim do mês.

Logo depois o meu pai voltou para casa, a amante dele tirou tudo o que ele tinha e o que não tinha; só que não ficou a mesma coisa, já não era igual, como antes. Depois de um tempo ele foi morar com um tio meu, irmão dele.

Eu me arrependo de não ter continuado a estudar, as coisas estão tão difíceis para quem tem estudo, imagina quem não tem....A minha filha, a S., tem curso de auxiliar de nutrição e curso de computação que a mulher do pai dela pagou e hoje está trabalhando como caixa de um supermercado... É um trabalho honesto, mas ela poderia estar na área dela, a senhora não concorda? Não pensa que ela não é batalhadora, ela tentou mas não conseguiu. Como eu estou aqui, ela teve de pegar qualquer coisa.

Eu tive a minha filha S. com menos de quatorze anos e depois vieram os outros três. Depois que o último filho nasceu as coisas ficaram difíceis... o dinheiro estava curto. Trabalhei em casas de família, em firmas, sempre com faxina. Todas as minhas patroas diziam que eu era "um pé de boi" para o trabalho, isso eu aprendi com a minha mãe...ela era muito caprichosa e nunca deixava trabalho para o dia seguinte. O meu marido nos abandonou, e por um bom tempo eu revendia mercadorias roubadas...Não, eu nunca roubei das minhas patroas, elas me ajudavam na escola das crianças e na comida. Jamais eu faria isso...como jamais eu roubaria de pobre, acho covardia. Eu não gostaria que me roubassem o pouco que eu tenho.

Tudo começou quando dois conhecidos meus e mais o meu novo companheiro, que me repassava as mercadorias roubadas, me propuseram assaltar o banco que tinha

dentro de um colégio grande da minha cidade em que nasci, eu não sou daqui. A minha participação seria apenas passá-los pelo portão da escola... Os guardas eram meus conhecidos, eu já tinha trabalhado lá como servente...Fiquei pensando mais de mês... e aí eu não resisti. Topei, maldita hora que eu disse sim! Hoje jamais faria isso de novo. Aquele assalto era para ganhar dinheiro e resultou em mais dívidas para mim: advogado, pena a cumprir, ainda ter que ficar longe dos meus filhos. Claro que eu fui culpada nesse assalto, eu reconheço o meu delito...mas se o guarda do portão da escola tivesse examinado os meus amigos, o assalto não teria saído [o guarda, por conhecê-la, não pediu documentos e nem os revistou. Eles portavam armas]. Claro que eu não disse isso para o juiz, eu fiquei sabendo que a escola demitiu o guarda.

A penitenciária só recupera uma presa dando trabalho, estudo. Se esse mulhero tivesse trabalho e aulas à noite elas não fariam o que fazem, estariam com o corpo cansado. Eu me lembro da época que eu ficava na cela fechada ouvindo um monte de coisas que eu nem sabia que existiam. Que bom que eu estou na cozinha! Quando eu entrei eu nem sabia qual o número do meu artigo, hoje eu sei o meu e os outros e como ser malandra, só que isso não me interessa mais... eu tenho meus filhos me esperando lá fora.

Quem não tem família, não tem emprego, sai sabendo tudo de crimes. A missa é uma coisa importante também, os cultos... Não tenho ido porque não dá tempo lá cozinha, mas nós rezamos todas as noites antes de dormir, na nossa cela. Se apegar a

Deus é uma maneira de nos manter fortes aqui dentro. É uma pena! Eu gostava muito dos cultos.

Se eu não tivesse sido presa, talvez eu ainda continuasse a repassar mercadorias roubadas, a assaltar. Isto foi uma das coisas boas que a penitenciária me deu, aprendi a cozinhar melhor... Aqui também tem gente boa, não são todas bandidas não. Quando eu sair daqui, eu quero ver se retorno para a minha terra natal, pra qualquer lugar, menos pra minha vila...Engraçado, mudança não me incomoda, trocávamos de casa seguido quando era pequena, só me acomodei quando estava casada, antes do meu marido nos deixar...Depois eu me envolvi com este traste e comecei a ficar malandra... mas eu gosto dele, professora. Os meus filhos disseram que depois que eu sair daqui, vamos recomeçar uma vida nova...Imagina, eles vão cuidar de mim!

Eu acho que o homossexualismo está tão grande aqui, porque não recebemos visitas dos nossos parceiros. Não faz a minha cabeça, lá na galeria onde estou a gente se vê apurada, porque estão disputando a gente. Ontem mesmo eu fiz a bainha das calças de uma colega que é chegada a isso. Fiquei sabendo que duas delas brigaram feio, porque aquela para quem eu fiz a costura disse que eu gostava dela e não da outra... Isto nunca me passou pela cabeça! Agora não ajudo mais ninguém que seja daquele time... não quero confusão comigo. Não acredito que o local facilite uma mulher gostar da outra, acho que ela já é chegada nisso. Têm presas que estão aqui há mais de três anos e nunca se envolveram com outra e não estão recebendo visitas

íntimas dos parceiros. Lá na minha galeria se escaparem umas oito presas que não estão no braço⁷² é pouco, o resto todo está amigado. Dá nojo de ver...

O castigo coletivo é injusto, porque dificilmente uma presa vai denunciar a outra. Se a galeria abrisse a boca para dizer quem fez a bagunça, a briga... não iria ocorrer o castigo. Mas dessa vez, com o "D"⁷³ eu acredito que a direção sabe muito

72 As presas usam a gíria "estar no braço" para designar um relacionamento afetivo e sexual com outra presa.

73 A galeria "D" pertence às presas julgadas e condenadas; a "E" pertence às presas provisórias, as que não foram julgadas e nem condenadas. Estão à espera de uma decisão do judiciário.

bem quais são as brigonas... Aliás, eles sempre sabem... podem até fingir que não sabem... as paredes dessa penitenciária parece que têm ouvidos... Não acho justo pagar o castigo junto com aquelas que fizeram a confusão. Foi muito injusto aquela vez no "E": tive depressão, me sentia revoltada... ficamos trinta dias na tranca⁷⁴... foi desumano. Isto é complicado, como a senhora diz. Vou sentir saudades da senhora, os melhores momentos que eu passei aqui dentro, com certeza, foi na escola... Até as flores são mais bonitas aqui.

⁷⁴ Elas usam a expressão "na tranca" quando querem dizer que estão de castigo e com as portas das celas fechadas, não podendo caminhar no corredor da galeria. Só saem às refeições.

Olga - Art. 155, furto simples

Eu roubava por necessidade de comprar coisas para dentro de casa, para os meus filhos. Eu comecei com uma irmã e mais duas amigas. A minha irmã nunca esteve presa e desistiu dos roubos quando eu fui presa pela primeira vez. Ela casou e mudou de vida. Bem que eu tentei fazer o mesmo, mas naquela época as minhas filhas eram bem pequenas e o meu marido estava há um bom tempo desempregado [o marido sempre soube que ela roubava], achei uma maneira fácil de ganhar dinheiro. Não guardei dinheiro, tudo que ganhava ia para dentro de casa: comida, remédio, luz, água...Quando eu quis sair dessa vida o meu marido já estava dentro dela...não deu mais.

Eu tenho três filhas, as mais novas estudam, a mais velha não dá tempo, ela trabalha em casa de família; a patroa não deixa, ou trabalha ou estuda... ela precisa trabalhar, não quer morar de favor como as outras irmãs. É pena, ela parou na quinta série e tem quinze anos. Ela dorme no emprego e trabalha até nos domingos, às vezes ela vêm aqui. Ela cuida de uma guriuzinha e a patroa dela é rigorosa, mas ela prefere estar lá trabalhando do que depender de parentes. Bem dizer ela mora no emprego, lá é a casa dela.

Hoje eu sinto falta do estudo...naquela época os meus pais insistiam para os filhos estudarem e eu não segui os seus conselhos. Eu achava que não tinha cabeça para estudar o que as professoras passavam no quadro...mas acho que era boa aluna,

nunca fui de responder, sempre fiz os temas de casa...foi pena não ter continuado a escola, hoje talvez não estivesse aqui...

A minha vida é boa dentro da penitenciária. Eu tenho que fazer com que a minha vida aqui seja boa...Eu estou sempre na minha...não me meto com ninguém... já me envolvi emocionalmente com uma presa aqui dentro. Só uma vez...As minhas filhas não ficaram sabendo, graças a Deus! Se eu tive aquele relacionamento... eu estava consciente do que eu queria fazer, não tenho porque me arrepender, acho que foi mais por curiosidade. Eu não posso me arrepender do que fiz, eu já fiz, agora não adianta chorar...Eu me arrependo por coisas mais sérias. Capaz que eu vou me martirizar por isso! O local facilita a carência do marido. Aprendi tudo isso aqui dentro, lá fora eu nunca andei com mulher. Eu tenho uma mulher que vem me visitar uma vez por mês, nos dias de visita, é uma ex-presa... A senhora sabe quem é...eu nunca me envolvi com ela, ela me ajuda, está pagando o meu advogado...ela é machorra.

A minha filha já viu ela algumas vezes aqui, acho que ela desconfia, mas nunca falou nada...Ela quer compromisso comigo na rua... eu não quero nem pensar nisso. Acho estranho mulher andar com mulher, e na rua... minhas filhas... eu não quero nem pensar nisso. Ela é traficante, mas não usa mais drogas, quando ela entrou aqui ela usava pouco... Eu não pergunto quanto ela pagou para o meu advogado. Eu não sei o que fazer da minha vida quando sair daqui.

Eu quero é recomeçar a minha vida sem homem e sem mulher. O meu marido me abandonou, eu estou com trauma de marido. Eu tenho medo... ou melhor, pena de dar um basta nas visitas que ela me faz. Ela é a única pessoa a me ajudar financeiramente, eu sou agradecida... Quando eu mais precisei de ajuda foi ela quem esticou os braços pra mim, ela me ajudou de verdade.

Eu tenho medo da rua, principalmente por isso. A vida a dois não é fácil professora. Eu não sei o seu caso, mas eu já tive várias experiências e cada uma pior do que a outra. Nunca dei certo com homem algum...Eu sempre dizia para a minha mãe que queria um marido igual ao meu pai. Eles se davam bem...eles me avisaram para eu não casar com o meu marido, ele bebia e não queria nada com o trabalho...Meu Deus, professora, o que é que o amor faz? Apanhei bastante do meu marido, ele cortou o meu cabelo bem curtinho, chutou muito a minha barriga de grávida.

Eu tento aparentar que tudo vai bem comigo, mas às vezes as coisas despencam... A saudade da família dói muito, principalmente das minhas filhas. Eu fui condenada a oito anos, já tenho direito a progressão de regime, mas a casa ainda não me chamou. Eu lhe digo de coração que eu não quero voltar para aquela vida: eu quero mudar, ter um emprego decente, cuidar das minhas filhas. Eu já não sou mais primária, tive várias entradas aqui nesta casa, só que agora foi por um longo tempo, antes eu entrava e logo saía.

Sofri humilhações nas delegacias, não juntei dinheiro, os meus roubos eram pequenos, para o dia-a-dia da minha casa. Isso que eu não sou drogada, imagina se

fosse. Eu preciso sair daqui regenerada, eu quero muito isso. Chega de cadeia, eu tenho quase quatorze entradas nesta penitenciária, desde o IPF [Instituto Psiquiátrico Forense]: antes eu não tinha sido condenada, agora o juiz somou todas as entradas e roubos e me condenou a oito anos. Eu acho muito, roubei pouca coisa. Ele [refere-se ao juiz] não aceitou a unificação das penas [os furtos foram cometidos em municípios diferentes e cada juiz tem competência, apenas, para atuar dentro da sua Comarca. A unificação das penas diminui o tempo de prisão da apenada]. Tenho bronca desde 90. A cadeia é muito longa... eu cometi seis roubos.

Tem gente que entra por muita cocaína e pega só quatro anos. Eu não entendo essa nossa justiça. Estou começando a ficar revoltada.

Em julho eu participei de uma briga na galeria e perdi o emprego, fiquei quase dez dias de castigo. Só não fui à Pasc [Penitenciária de Alta Segurança de Charqueadas], porque sempre tive bom comportamento. Aqui, se a senhora não diz "sim" sempre, corre o risco de responder sindicância, mesmo que a senhora reclame que já é hora de mudar de regime, um direito seu.

Eu vou sentir a sua falta, não precisa me agradecer...Eu é que lhe agradeço por me ter ouvido, é tão difícil as pessoas nos ouvirem aqui dentro. Vou sentir muito a sua falta, a senhora é uma das poucas pessoas confiáveis daqui de dentro. A senhora e a D. Vera.

Otília - Art. 155, furto simples

A minha vida não foi fácil, professora. Eu fui dada para outra família...A minha mãe teve gêmeos e o meu irmão morreu...ela me criou a pau e corda até os sete anos, não me lembro muito do meu pai e o pouco que me lembro é que quando ele bebia dizia que a minha mãe tinha outro homem. Ela era uma mulher muito bonita...É eu sou parecida com ela, pena que a vida me judiou muito, eu já fui muito bonita quando moça [realmente os traços físicos dessa aluna são muito bonitos]. Eu lembro que apanhava dos dois: o meu pai me batia nas mãos, com uma mangueira e a minha mãe me batia com a cabeça na parede... Eu não poderia ter chegado muito longe disso aqui...eu sabia que um dia viria pra cá... A senhora entende o que eu quero dizer?

A mulher para quem a minha mãe me deu era lésbica...Foi uma época horrível da minha vida., acho que pior do que hoje...Ela me obrigava a ter relação sexual com ela, eu agüentei até os doze anos. Eu sabia que aquilo não era certo, eu contei para a filha dessa mulher que me cuidava e ela disse que eu estava louca...Me internaram em um hospital psiquiátrico de Santa Maria e eu fiquei quase um ano lá dentro até os médicos verem que eu não era louca, que o que eu contava era verdade. Como eu não tinha ninguém, a minha família não veio me procurar, o meu pai tinha se separado da minha mãe um pouco antes de ela me dar...ela se prostituía, eu atrapalhava a vida dela. Hoje eu sei disso, naquela época eu era boba. Acabei indo para a FEBEM. Há bem pouco tempo eu falei com a minha mãe verdadeira e ela disse que me deu pensando

que eu teria uma vida mais digna com aquela mulher...Ela sabia que ela era machorra, mas não imaginava que ela fosse se passar comigo.

Na FEBEM eu me juntei com outras gurias com problemas, mas muito espertas. Lá eu aprendi muito, inclusive a me drogar. Eu nunca tinha fumado maconha. Fugi várias vezes de lá, numa dessas fugas sofri um acidente de carro e quase morri, destruí o meu baço nessa brincadeira. Tudo o que eu sei de malandragem eu aprendi lá dentro: roubar, usar drogas e outras coisas que a senhora nem imagina... mas era o meu refúgio, quando a rua estava ruim, eu dava um jeito de voltar para lá. Logo depois que eu saí da FEBEM, eu conheci o pai da minha guria mais velha, ele era marginal. Foi fácil eu continuar a minha vida antiga, ele também já tinha passado pela FEBEM. Nessa época eu já me picava, vivemos juntos até os meus vinte e dois anos, depois ele me trocou por uma guria de quatorze anos... Eu entrei com essa idade na FEBEM. Logo depois ele sofreu um acidente e ficou parálítico, em uma cadeira de rodas...Eu segurei ele, a nova mulher e a nossa filha lá em casa por um bom tempo... Como eu precisava de dinheiro, não tinha mais cara e nem corpo para me prostituir, fui ser descuidista [ladra] no centro com umas amigas, algumas da época da FEBEM. Eu já roubei muito na vida, professora...tenho medo de não saber fazer outra coisa, além de roubar...eu tenho até vergonha de falar isso, mas a senhora entende, não é?

Eu conheci o pai da minha segunda filha no centro, ele também roubava. Vivemos um tempo juntos, ganhei a minha segunda filha e não demorou muito para ele

ser preso...Muito eu fui ao Presídio Central para levar sacola [mantimentos] para ele. Ele não acreditava que eu pudesse ser fiel a ele, pensava que eu estava querosando⁷⁵,

⁷⁵ Fingir ser uma mulher honesta, de um homem só. Sustentar o parceiro preso com o dinheiro de outro. Realmente essa presa tem os traços bonitos, apesar dos maus-tratos da vida.

que tinha outro parceiro na rua, ele tinha ciúmes de mim, dizia que eu era uma mulher bonita para estar sozinha na rua. Essa agonia levou um tempo para terminar, saiu da prisão e logo foi morto.

Aí conheci o pai do meu filho mais moço, uma pessoa boa, professor que nem a senhora, nunca lecionou, ele cuida da chácara da família...Ele tem uma irmã contadora e a outra advogada: nenhuma delas me aceitava. Até que elas tinham razão, eu sou uma marginal. Apesar dele gostar de mim e eu sei que é verdade, ele não segurou essa barra... Continuamos amigos, ele vem aqui de vez em quando, manda cigarros, dinheiro quando preciso, mas como casal não dá mais.

Eu perdi amigos, filhos, marido, tudo pelas drogas, pelo roubo. Eu roubava para sustentar o meu vício...Nessa época eu troquei umas mercadorias por um revólver, só que eu não sabia que tinha uma bala dentro dele...ainda bem que o tiro pegou no armário da cozinha, quase matei a minha filha mais velha. Depois disso ela saiu de casa, foi morar com o namorado, nunca me perdoei pela minha desatenção, descuido...eu fico triste quando lembro disso, destruí a vida da minha filha...não, ela não é feliz com ele, mas é bem-casada. O marido dela é muito trabalhador, ele deu uma máquina de lavar roupas para ela; a minha filha mais moça mora com eles. Ela me cobra aquele tiro, em função dele é que eles foram morar juntos.

Essa filha é muito ajuizada, ela é a estrutura da nossa família, se é que posso chamar família...A filha do meio é muito revoltada, brigona. Não tenho netos, ainda bem. Eles têm que se acertarem antes de vir filhos. Rezo para que ela seja feliz!

Ela está fazendo o 2º grau, à noite, e trabalha em uma casa de família durante o dia, ela é muito fechada, quieta, uma filha muito boa. A do meio rodou no ano passado, vai repetir a 5ª série; com o menino eu não me preocupo, o pai e as tias cobram o estudo dele. Ele passou para a 4ª série, ele vai fazer nove anos.

Quando eu sair daqui, desta vez, tenho que mudar, mas eu preciso de uma força. Aqui a gente tem serviço, quase tudo nas mãos...é fácil da gente mudar, mas na rua sempre se recebe um não ...principalmente eu que sou HIV e mais presidiária. É difícil dizer não para as coisas fáceis.

Mas eu não posso mais errar, eu amo os meus filhos, nunca dei nenhum deles. Já morei embaixo do viaduto com a minha filha mais velha, naquela época eu só tinha ela...Eu não sei dar carinho, beijinhos...eu nunca tive isso quando criança, os meus filhos estão mais carinhosos comigo.

Eu precisei deste tempo aqui dentro da penitenciária...Eu comecei a gostar de mim, a acreditar em mim. Eu quero mostrar para os meus filhos e para mim mesma que eu vou conseguir, que eu consigo ser outra pessoa. Se eu me modifiquei aqui dentro - não agito mais, não badalo mais as portas - por que não posso ver o mundo diferente? Eu preciso mudar, professora! Se eu errar novamente, eu sei que a minha filha mais velha não me dará um novo arrego!

Eu penso muito neles, tenho medo que caiam na vida....depois que se cai é difícil de levantar. Eu conheço bem essa vida, professora. Agora que eu estou vendo o que eu fiz com a minha vida! E com a vida deles.

Eu me lembro muito pouco da escola, tenho pouca instrução, o pouco que sei, reaprendi com a senhora. Já não como tanto as letras. Mas eu ficava feliz quando ia para a escola e lembro da minha primeira professora; ela era bonita como a senhora, mas muito gorda. Eu repeti a 2ª série, mais tarde, eu já era maior... e lembro que tentei voltar para o colégio, durou pouco...A minha turma era pesada e a diretora nos proibiu de entrar na escola...Não, era outra escola e outra diretora. Eu fui grande para a escola, fui registrada com dez anos, por aquela mulher que a minha mãe me deu. Ela vivia dizendo que poderia me matar, porque eu não existia no cartório. Ela me registrou com o nome da minha mãe e pai desconhecido. Essa é a minha vida: a minha filha mais velha não tem mais o pai; a do meio tem um pai pela metade, porque ele não pode mais andar e o menino tem um pai que não toma atitude nenhuma, mas que ama muito o filho.

Eu rezo todos os dias, preciso de paz para não me meter em briga nenhuma aqui dentro, esperança que nada de ruim vai acontecer com um filho meu. Esse mundo está terrível, professora!

Estou sentindo a sua falta aqui dentro [a pesquisadora estava em férias escolares], pena que a senhora vai se aposentar e a professora Graça não vem mais. Vou sentir falta desta sala...da senhora, das nossas conversas...A senhora viu que as nossas violetas estão morrendo? Elas sentem quando estamos tristes e de mal com a vida. Foi muito bom ter lhe conhecido, aprendi a ler a Zero Hora toda... não só a parte

da polícia, a não me deixar ser usada, a acreditar mais em mim...obrigada...posso lhe dar um abraço?

Úrsula - Art. 121, homicídio

A minha infância foi boa, tenho boas lembranças. Os meus pais nos cobravam muito a ida à escola; só não estudei mais porque eu casei aos quinze anos e o meu marido era muito ciumento. Deixei de ir ao colégio. Tentei o supletivo, mas não consegui; terminei o 2º ano do 2º antes de casar, ainda bem.

Eu sou natural do interior e o meu marido nasceu no litoral norte, veio moço para a minha cidade. Quando eu o conheci ele trabalhava em uma indústria de máquinas, ele era humilde, de família pobre...depois que ele conseguiu juntar dinheiro, comprar terras em General Câmara. Ele teve a ajuda de um irmão que tinha e ainda tem uma fábrica de sapatos, é da família da mulher dele...eles exportam. Eles têm muito dinheiro.

Levei quatro anos para engravidar da minha filha, ele era bem mais velho do que eu, tinha quinze anos a mais. Era muito ciumento, talvez em função da idade...Depois disso, as brigas aumentaram. Eu também era muito ciumenta, acho que fiquei só com essa filha em função desses ciúmes, controle, eu tinha medo dele, ele me batia muito. Ele bebia muito. A nossa relação, hoje eu vejo isso, era muito doentia, como era...

A minha irmã, que está cuidando da minha filha, comentou que ela está com o mesmo comportamento de ciúmes que nós tínhamos, eu e pai dela, com o namoradinho. Ela está agressiva, liga o som do quarto dela a todo volume, ela está dando trabalho à minha irmã, isso que ela é bem rígida, diferente de mim.

O relacionamento entre nós, como mãe e filha, sempre foi muito difícil. Ela tem desconfiança de que mandei matar o pai dela, inclusive ela me acusou perante o juiz... foi muito triste! Ela estava fazendo terapia, mas desistiu. Não gosta mais da terapeuta; tentamos outra, mas ela não quer. Acredito que seja uma maneira de nos agredir. Ela está começando a mentir à minha irmã. Estou muito preocupada com todo esse contexto. O sobrinho do meu marido é que está tocando a fazenda, a minha filha recebe uma parte do lucro que vem de lá. O irmão do meu marido e o sobrinho têm me apoiado muito. Eles procuram muito a minha família.

Infelizmente eu fui aquele dia à fazenda, por teimosia. Não precisava. Tínhamos uma audiência já marcada para a nossa separação. Fui até lá para buscar algumas fotografias e ele foi atrás de mim. Aí, aconteceu o que não deveria ter acontecido: ele morreu. Antes de sair da minha cidade à fazenda eu liguei para a minha cunhada, irmã do meu marido, para ir junto comigo. Foi uma pena ela não ter ido. Talvez isso não tivesse acontecido.

A penitenciária precisa de mais psicólogas, assistentes sociais... mais trabalho para nós, presas. Como está, ela recupera muito pouco, precisamos de mais professoras "Elzas" aqui dentro que conversem, que nos orientem e que nos escutem... O único local saudável que eu vou levar de lembrança daqui é a sala de aula. Eu gosto muito de vir para a aula, me dá uma paz muito grande, eu saio mais tranqüila.

Eu tenho dois irmãos, sou a caçula. Professora, parece incrível mas eu aprendi aqui dentro que sou uma pessoa corajosa...Viver aqui, já é ser forte. Às vezes eu

penso que tudo isso é mentira, que é um sonho, mas eu vejo que é real, que é um pesadelo. Eu não precisava ter me envolvido nisso tudo, estar passando por isso. A nossa vida muda em segundos, quando que eu pensaria que um dia, eu seria uma presa. Eu não tenho claro o que farei da minha vida, quando sair daqui...acho que vou me internar numa clínica para esquecer todo esse tempo...mas no fundo eu sei que estou marcada que nem gado da minha fazenda: eu serei sempre uma ex-presa, mesmo depois de morta.

Eu estou com medo da vida, da minha filha. Ela nunca veio me visitar, eu sei que ela não me perdoará nunca. Eu estraguei a minha vida e a dela também, eu daria tudo o que ainda me resta para poder voltar ao passado. Infelizmente, ele não volta: nem as coisas boas e nem as ruins. A nossa vida, professora, é o agora; aprendi isso aqui dentro. Obrigada pela ajuda, eu não vou esquecer dos seus conselhos.

5 ANÁLISE

Do ponto de vista do investigador importa, na análise que faz no processo de investigação, detectar o ponto de partida dos homens no seu modo de visualizar a objetividade, verificando se, durante o processo, se observou ou não alguma transformação no seu modo de perceber a realidade. (Freire 1970, p. 99).

O depoimento de cada uma dessas mulheres delinqüentes deve-se muito à relação estabelecida com a pesquisadora durante o trabalho educacional, exercido como professora estadual na Penitenciária Feminina Madre Pelletier (p. 42).

A vida é um ato de composição, e as das alunas e professora foram compondo-se paralelamente. Um número significativo de alunas aprendeu que o conhecimento é construído no dia-a-dia de cada uma delas. Paulo Freire (1988, p. 36) afirma: *“Dizer que os homens são pessoas e, como pessoas, são livres, e nada concretamente fazer para que esta afirmação se objective, é uma farsa”*.

A carreira desviante das oito presas selecionadas é aqui analisada segundo Howard S. Becker, e utilizando-se nove dimensões, conforme foram apresentadas no final capítulo 3 (p. 68). Elas são apresentadas e discutidas ao longo deste capítulo.

A **primeira dimensão** refere-se ao meio social de onde provêm pessoas com carreiras desviantes, sendo postulado teoricamente um meio desestruturado, parca escolaridade, falta de perspectiva de ocupação no mercado de trabalho, intensas experiências negativas no meio social imediato – identificado pelo nível sócio-econômico do bairro, os índices de desemprego e de delinqüência (Howard S. Becker, apud Delas & Milly, 1997).

Os dados coletados permitem verificar quanto ao meio social da detenta: tanto o nível de escolarização, quanto o meio familiar, como também a situação de emprego/desemprego das presas-alunas anterior ao delito.

Comparando-se as cinco detentas que tiveram uma situação escolar considerada positiva: Ada, Eva, Íris, Olga e Úrsula, todas receberam apoio dos pais para irem à escola, a ida ao colégio era um ato prazeroso e consideravam-se boas alunas. O grupo ficou com boas lembranças dos seus professores, nenhuma passou pela experiência da reprovação ou expulsão escolar. Uma presa freqüentou escola particular e não houve, entre elas, aluna egressa da FEBEM.

Em sua fala Eva⁷⁶, como as outras quatro, tece considerações positivas sobre a escola:

Eu tenho boas lembranças das minhas professoras, eu sou do interior, como já lhe disse; fui uma boa aluna, desenhava muito bem. Mas apanhava nas contas e nos ditados, quando criança trocava o "g" por "q" e "d" por "t", até que uma professora conseguiu com que eu não fizesse mais isso. A minha irmã me disse que ela já morreu. Pena, era uma boa professora. Ela me incentivou para terminar o 1º grau, Deus a tenha no céu.

⁷⁶ As falas das presas-alunas serão apresentadas sem parágrafo, isto é, da margem esquerda à margem direita, letra Comic Sans MS, tamanho 11, espaço simples.

A aluna Olga respondeu positivamente a todas as perguntas do questionário relativas tanto ao contexto escolar quanto ao familiar na infância e adolescência; o mesmo ocorreu com a aluna Úrsula, presa por homicídio, conforme relatos abaixo. Os contextos escolar e familiar são assim descritos pelas duas:

Eu sempre dizia para a minha mãe que queria um marido igual ao meu pai. Eles se davam bem...Hoje eu sinto falta do estudo...naquela época os meus pais insistiam para os filhos estudarem e eu não segui os seus conselhos. Eu achava que não tinha cabeça para estudar o que as professoras passavam no quadro...mas acho que era boa aluna, nunca fui de responder, sempre fiz os temas de casa...foi pena não ter continuado a escola, hoje talvez não estivesse aqui....

A minha infância foi boa, tenho boas lembranças. Os meus pais nos cobravam muito à ida à escola, só não estudei mais porque eu casei aos quinze anos e o meu marido era muito ciumento. Deixei de ir ao colégio. Tentei o supletivo, mas não consegui; terminei o 2º ano do 2º grau antes de casar, ainda bem.

Eva é a aluna cuja vida familiar apresentava mais desencontros dentre as cinco presas com experiências positivas escolares: exemplifica uma experiência negativa quanto ao contexto familiar. Leia-se o que ela fala sobre sua experiência:

Eu acho que tive uma infância razoável, nunca nos faltou o que comer e os meus pais nunca foram rudes com a gente, nem eram de bater nos filhos. O nosso relacionamento... como a senhora fala... sempre foi complicado... a vida dela com o meu pai não foi fácil...ele era alcoólatra e muitas vezes eu vi a minha mãe apanhar dele. Jurei que homem nenhum iria me bater. Nunca ouvi a minha mãe reclamar do meu pai, nem quando ela apanhava dele, ele era o homem ideal para ela. Ela nunca brigou com ele, sempre dizia amém para as coisas que ele falava ou dizia.

Os dados em relação a estas cinco alunas ilustram que durante a infância e a adolescência tiveram experiências escolares positivas, que apenas uma atingiu o menor nível de escolaridade, 1º grau incompleto; o meio familiar, com exceção de Eva, também apresentava-se estruturado, contrariamente ao pressuposto de Howard S. Becker.

Entre as três presas-alunas que tiveram experiências negativas no sistema escolar anterior à detenção - Eneida, Iraci e Otília, identificou-se a mesma escolaridade baixa, ou seja, não tinham 1º grau completo, como também, não houve incentivo dos pais para irem à escola, não se consideravam boas alunas e uma delas não guardou lembranças positivas de nenhum professor. Todas passaram pelo fracasso escolar por meio da reprovação e uma delas foi expulsa da escola. Do grupo das oito presas-alunas, aqui analisadas, essa mesma aluna expulsa, Otília, foi a única egressa da FEBEM:

Eu me lembro muito pouco da escola, tenho pouca instrução, o pouco que sei, reaprendi com a senhora. Já não como tanto as letras. Mas eu ficava feliz quando ia para a escola e lembro da minha primeira professora... Eu repeti a 2ª série, mais tarde, eu já era maior... e lembro que tentei voltar para o colégio: durou pouco...A minha turma era pesada e a diretora nos proibiu de entrar na escola...Não, era outra escola e outra diretora.

Naquela época Otília estudava em uma escola pública estadual à noite, e foi expulsa como relatou.

A aluna Iraci faz parte do grupo das presas que não guardaram recordações positivas da escola e nem dos professores, apesar do bom vínculo que sua mãe mantinha com a direção e corpo docente do colégio, conforme relato abaixo:

Eu sempre fui uma aluna rebelde, as professoras e a diretora viviam reclamando de mim. Não me lembro da minha mãe cobrar ida à escola: também, eram tantos filhos, nós somos em sete, eu sou a segunda mais velha. Eu não sei o porquê de não gostar da escola, naquela época... Acho que era pura rebeldia. Não tenho boas lembranças da escola e olha, professora, eu nunca fui expulsa. Rodei um ano, é bem verdade. Hoje eu sei que a diretora não me expulsou - eu tinha uma turma de "marginal" como as professoras diziam - por causa da minha mãe. As professoras diziam que eu usava a minha inteligência de maneira errada, eu ficava tapada de nojo [gíria que elas usam para dizer que estão saturadas de alguma coisa]. Hoje eu sei que elas tinham razão.

A aluna Eneida relata o seu afeto à sua primeira professora e o não incentivo dos pais à ida do colégio:

Os meus pais não incentivavam os filhos a estudarem...Nunca fui boa aluna, repeti a 3ª série e ainda me lembro da professora Rosa, eu aprendi a ler com ela.

A aluna Otília constitui o caso mais extremo tanto em relação ao meio escolar quanto ao familiar, ambos desestruturados:

A mulher para quem a minha mãe me deu era lésbica...foi uma época horrível da minha vida... Acho que pior do que hoje...Ela me obrigava a ter relação sexual com ela, eu agüentei até os doze anos, eu sabia que aquilo não era certo... .

Os dados dessa pesquisa indicam com relação a essa dimensão, que as alunas que tiveram experiências positivas na família - a Eva é a exceção, também tiveram experiências positivas na escola. Os três casos contrários acumulam experiências menos positivas (Tabela 7) tanto no meio familiar como no escolar. Examinando-se o conjunto das oito presas-alunas infere-se que o delito não está associado necessariamente à experiência escolar ou familiar, ele ocorre tanto no caso de uma infância com boas experiências familiares e escolares quanto com experiências negativas. No entanto, deve-se considerar com muita atenção o meio ocupacional dessas mulheres. Das oito presas, apenas uma estava na situação de dona-de-casa ao cometer o delito, as demais – *todas* estavam desempregadas. Eva e Eneida, respectivamente, relatam:

Eu sei que vender drogas é errado, mas tentei procurar emprego, saía cedo de casa e nada...bem na época em que o meu marido foi para rua [ficou desempregado]. Achei melhor vender drogas do que assaltar alguém, só usa drogas quem quer...Eu penso assim...quem quer e quem tem grana para manter o vício.

Uma funcionária falou que nunca viu tanto 12 [tráfico de drogas] aqui dentro e eu disse que se tivesse emprego para todo mundo lá fora, muitas mulheres não fariam o tráfico como emprego. Foi o meu caso.

A **segunda dimensão** da carreira desviante, na concepção de Howard S. Becker, refere-se à assimilação progressiva das regras de um grupo marginal por identificação com o mesmo.

Na presente pesquisa, os dados (Tabela 7) apresentam quatro aspectos: a) identificação com um grupo marginal, b) persuasão do parceiro, c) possuir parente preso: o companheiro, d) possuir outro parente preso. Analisando esses aspectos pode-se observar que entre as cinco alunas que tiveram passagem positiva na escola, três delas, a Ada, a Íris e a Olga estabeleceram uma identificação com um grupo marginal, conforme a fala de Ada:

A escola onde estudei o primeiro grau ficava perto de casa, era municipal. Eu gostava muito da minha professora de Educação Física, ela era jóia; eu sempre gostei do colégio, fui uma boa aluna, era muito dedicada e detalhista, as coisas tinham que ficar bem feitas. Eu comecei a mudar de vida quando mudei de escola, fui para uma maior, o Carlos Chagas [maior escola estadual de Canoas]. Boa escola, professores excelentes, o erro foi eu ter transferido as minhas aulas para a noite; comecei a andar com uma turma pesada, conheci o meu marido.

A aluna Íris confirma que criou laços de amizade com colegas, na escola, os quais resistiam às normas da mesma. Tratava-se, nesse caso, de uma escola particular que poderia ter comunicado à família sua infreqüência.

Comecei a faltar as aulas, a minha avó custou a descobrir. Foi uma zorra quando souberam lá em casa. O meu pai culpou a minha mãe por aquilo tudo e me levou para casa...Eles brigavam muito...disse que não queria aqueles amigos em casa. Como ele foi tolo! Os amigos não iam lá em casa, mas iam na escola; a "gang" envenenada aumentou. Na turma tinha gente caixa alta: filhos de advogados, médicos e de uma promotora.

A aluna Olga expressou a vontade em parar com os roubos, alegando, no entanto, a impossibilidade de fazê-lo porque o marido se encontrava desempregado naquela época, conforme fala abaixo:

Eu comecei com uma irmã e mais duas amigas. A minha irmã nunca esteve presa e desistiu dos roubos quando eu fui presa pela primeira vez. Ela casou e mudou de vida. Bem que eu tentei fazer o mesmo, mas naquela época as minhas filhas eram bem

pequenas e o meu marido estava há um bom tempo desempregado [o marido sempre soube que ela roubava], achei uma maneira fácil de ganhar dinheiro.

Dentre essas presas citadas anteriormente, somente Ada e Íris sofreram persuasão do companheiro para iniciar a carreira desviante, os parentes presos dessas alunas são os companheiros.

Conheci o meu parceiro na noite, era amigo de um amigo meu. Ele tinha parado de estudar, fez até o 2º ano de Engenharia Química e desistiu. Nessa época ele já fazia roubos de carros... Não, ele não se drogava; comecei o crime...como é que a senhora diz? ...a minha carreira desviante com ele..

Nenhuma das cinco alunas com passagem positiva pela escola teve parente preso, que não fosse o companheiro. Não havia história de presídios na família dessas mulheres; o início foi com o delito de cada uma delas. Duas delas, Ada e Íris relataram ter sido influenciadas pelos companheiros; Olga não deixou a carreira desviante porque o marido estava desempregado há bastante tempo, ele sempre soube que ela roubava.

Comparando as três presas que tiveram passagem negativa pela escola, todas elas tiveram uma identificação com um grupo desviante, iniciaram essa carreira com o companheiro, o qual tem/teve passagem pela prisão. Eneida confirma com sua fala esse processo:

A droga dá um retorno bom e rápido, é mais seguro do que roubar na rua, as pessoas é que nos procuram. Consegui arrumar a minha casa, comprei quase tudo novo pra dentro dela...Como eu fui burra, cabeça dura, deveria ter guardado um dinheiro no banco...com certeza ele teria sido útil quando eu fui presa, seria mais fácil de não vir para cá. Eu já disse para o M[marido que está preso pelo mesmo delito], se ele não parar com essa vida de bandido, eu não volto pra ele. Eu não quero mais voltar para cá, nem por sonho.

Por meio do relato da aluna Iraci percebe-se que, apesar de ter cometido outros delitos mais leves, somente com a sua participação no assalto a um banco, com o companheiro, é que a sua prisão realmente efetivou-se:

Tudo começou quando dois conhecidos meus e mais o meu novo companheiro, que me repassavam as mercadorias roubadas, me propuseram assaltar o banco que tinha dentro de um colégio grande da minha cidade em que nasci, eu não sou daqui. A minha participação seria apenas passá-los pelo portão da escola... Os guardas eram meus conhecidos, eu já tinha trabalhado lá como servente...Fiquei pensando mais de mês... e aí eu não resisti. Topei, maldita hora que eu disse sim! Hoje jamais faria isso de novo. Aquele assalto era para ganhar dinheiro e resultou em mais dívidas para mim... advogado... pena a cumprir... .

A história de Otília confirma que o desviante procura outros indivíduos também à margem da sociedade para interagirem socialmente:

Logo depois que eu saí da FEBEM, eu conheci o pai da minha guria mais velha, ele era marginal. Foi fácil eu continuar a minha vida antiga, ele também já tinha passado pela FEBEM. Nessa época eu já me picava, vivemos juntos até os meus vinte e dois anos, depois ele me trocou por uma guria de quatorze anos... .

Das oito presas investigadas, sete tiveram um parente preso: o próprio companheiro. Entretanto, esse processo não foi o mesmo para as outras dezenove entrevistadas, dentre essas, quatro alunas sem filhos iniciaram-se sozinhas a infringir as leis estabelecidas em sociedade. No grupo das presas-alunas sem filhos, nenhuma sofreu a persuasão do companheiro para seguir conduta transgressora às normas sociais e três delas tinham outros parentes presos. Como já foi citado na Tabela 2, do total das vinte e sete presas, doze – independentes de serem mães, disseram que tinham/tiveram parente preso, conforme a fala de uma delas:

Tenho mais três irmãos que estão por aí...um está no Presídio Central; o mais moço deu sorte, é funcionário público. (aluna n.º 13, drogas).

Pode-se inferir em relação a essa dimensão que a carreira desviante das presas-mães está associada a uma assimilação das normas do grupo marginal via interação com outros desviantes mais experientes e, na maioria dos casos (sete de oito casos), o companheiro. Muitas carreiras desviantes foram iniciadas assim, perpetuando-se com o decorrer do tempo.

A **terceira dimensão** da carreira desviante, segundo Howard S. Becker, refere-se à progressão na carreira desviante de um ato isolado a atos desviantes repetidos.

Entre as cinco presas-alunas que tiveram passagem positiva pela escola, três delas – Ada, Íris e a Olga tiveram uma construção progressiva em seus delitos.

A progressão das técnicas delinqüentes aprendidas por Olga já foi referida na página 144, as de Íris e as de Ada serão relatadas, respectivamente, nas páginas 150 e 151. //////////////

Entre as três alunas que tiveram passagem negativa na escola antes da detenção, duas passaram pela experiência de atos desviantes repetitivos, apenas Eneida não passou por esse processo. A presa Otília fala desse aprendizado:

Como eu precisava de dinheiro, não tinha mais cara e nem corpo para me prostituir, fui ser descuidista [ladra] no centro com umas amigas, algumas da época da FEBEM. Eu já roubei muito na vida, professora...tenho medo de não saber fazer outra coisa, além de roubar...eu tenho até vergonha de falar isso, mas a senhora entende, não é?

A aluna Iraci descreve o seu avanço no crime: da venda de roupas roubadas a assalto em um banco, conforme relato na pág. 146.

Os dados coletados possibilitam inferir que a passagem gradual de um ato desviante a outros repetitivos ocorreu, nesta pesquisa, tanto entre as cinco alunas com passagem positiva como entre as três alunas com experiência negativa na escola. Cinco das oito alunas tiveram passagem gradual de um ato desviante isolado a atos repetidos. Eva, Eneida e Úrsula foram presas no primeiro delito.

A **quarta dimensão**, segundo Howard.S. Becker, refere-se à *“atribuição do rótulo de desviado das normas sociais, ao que se iniciou na carreira desviante e*

ao processo de estigmatização – como ele está presente e constitui o autoconceito marcado negativamente. (Veit, 2000, texto não-publicado).

Os dados coletados permitem apontar que as oito presas-alunas analisadas, independentemente de terem tido uma passagem positiva ou negativa pela escola, indicaram estar conscientes que passar por uma penitenciária é um processo difícil de ser esquecido, deixando marcas profundas na detenta e nos seus familiares, principalmente nos filhos. O estigma de ser uma ex-presa é um rótulo perene na vida da pessoa.

Por meio das falas das presas-alunas pode-se ver como elas interpretam o processo de estigmatização ligado ao delito cometido. Entre as cinco presas com passagem positiva pela escola, três expressaram esse processo de rotulação da seguinte maneira:

Eu queria tanto mudar a minha vida, acompanhar o dia-a-dia do meu filho, ser uma mãe normal, mas eu não segurei o meu destino e aqui estou presa...Ele sabe que estamos presos, eu e o pai dele... A minha cunhada que está cuidando dele explicou direitinho ... ele está com uma psicóloga... .

Apesar de saber que o estigma existe para a pessoa que já passou por uma casa prisional, Eva assume esse delito perante o seu meio circundante, conforme fala abaixo:

A escola, os professores sabem que eu estou presa, eu pedi para a minha filha avisar. Eu não posso esconder isso da minha vida, nem eles. Toda a Restinga [bairro pobre da periferia de Porto Alegre] sabe que eu estou aqui...Depois que eu sair daqui vou ter de levar os meus filhos em um psicólogo para eles voltarem a ser normais, como eram antes.

No entanto, Úrsula define esse processo como sendo uma passagem indelével para ela e seus familiares:

Mas no fundo eu sei que estou marcada que nem gado da minha fazenda: eu serei sempre uma ex-presa, mesmo depois de morta.

As alunas Íris e Olga não verbalizaram na entrevista preocupação com o rótulo que a penitenciária possa deixar no autoconceito delas, enquanto pessoas, porém Íris expressou, em sala de aula, receio dos filhos demonstrarem vergonha em tê-la como mãe, por ser uma mulher presa. Acredita que a figura dos avós possa dar respaldo à identidade das crianças. Olga relatou que somente a patroa de sua filha sabe que ela é uma presidiária, o marido da empregadora e a criança desconhecem essa realidade da mãe da empregada.

Entre as três alunas com passagem negativa pela escola, apenas Iraci não verbalizou, na entrevista, o medo da estigmatização; entretanto, em outros momentos demonstrou-se temerosa desse processo, no futuro. Eneida manifestou a extrema dificuldade que terá em conseguir um emprego quando estiver em liberdade:

Quando eu sair daqui eu vou retomar a minha vida, aquela de trabalhadora... A senhora pode mostrar essa gravação... Eu quero distância do crime... Eu sei que será muito difícil arrumar um emprego decente, mas tenho que conseguir.

Otília refere-se aos maus tratos como fortes condicionantes de estar na prisão e, indiretamente, pode-se concluir que está consciente do processo de rotulação, conforme depoimento abaixo:

Eu lembro que apanhava dos dois: o meu pai me batia nas mãos, com uma mangueira e a minha mãe me batia com a cabeça na parede...Eu não poderia ter chegado muito longe disso aqui...eu sabia que um dia viria pra cá... A senhora entende o que eu quero dizer?

Além do estigma ligado ao delito cometido, como foi relatado acima, os funcionários da penitenciária e as próprias presas se auto-rotulam como “assassinas”, para as que cometeram homicídio; “ralés”, para as presas por furto; “entendidas”, para aquelas que assumem o papel masculino nas relações homossexuais (págs. 100 e 107) ; “dormir no braço” (pág. 125) para as presas que mantêm relações com as “entendidas” (lésbicas); “portadora do vírus” para

quem é portadora do HIV (pág. 100) e “alcagüete” (p. 117), para aquela que repassa à direção da casa o que acontece nas galerias. Percebe-se que a instituição reforça algumas rotulações mais do que outras.

A **quinta dimensão** da carreira desviante, segundo Howard S. Becker, refere-se à aprendizagem dos atos que caracterizam a conduta marginal, do menor delito ao mais significativo, isto é, do roubo de uma bicicleta ao assalto à mão armada, seguido de morte.

Os três casos de único delito, sem que houvesse experiência de infração anteriormente em suas histórias de vida, são representados por Eva, Eneida e Úrsula, nesse grupo de oito detentas. As outras cinco presas-alunas relatam essa aprendizagem da seguinte maneira: a aluna Iraci discorreu sobre essa progressão de delitos na pág. 146 e Íris apresentou o seguinte depoimento:

Diminuí bastante a droga depois que fomos viver juntos, ele me controlava, vivia dizendo que assalto não combina com drogas, ou uma coisa ou outra...Não eu não uso drogas aqui dentro. Nunca roubamos de mercadinhos e de pessoas pobres, acho covardia! Começamos em firmas grandes e depois passamos a bancos.

A **sexta dimensão** da carreira, segundo Howard S. Becker, refere-se à possibilidade de a detenta ter passado por condenações anteriores por delitos leves e jactar-se por tais condenações. Entre as oito mulheres aqui analisadas, não apareceu nenhuma presa que tenha visto validade ou prestígio no delito ocorrido, ao contrário, se pudessem voltar ao tempo, não os cometeriam novamente.

A **sétima dimensão** da carreira desviante, segundo a perspectiva de Howard S. Becker, refere-se às *“conseqüências da passagem pela prisão, também chamada a “escola do crime”, no autoconceito da pessoa; a aprendizagem também é socializada na delinqüência: a) pela interiorização de normas de*

comportamento, principalmente da violência, e b) pela aprendizagem das regras que regem as relações com policiais, advogados, magistrados, etc. (Veit, 2000, texto não-publicado).

Os dados coletados permitem verificar que das oito presas analisadas, algumas sinalizam em suas falas as marcas que a instituição penal deixou em suas vidas. Dentre as que tiveram passagem positiva pela escola, na infância e na adolescência, podemos citar três falas; iniciando-se com Ada e Eva, respectivamente:

Aprendi muitas coisas ruins: a não confiar em todo o mundo, a selecionar as pessoas para contar um segredo, a pedir ajuda...Têm pessoas traiçoeiras...aprendi como se passa 171 [refere-se ao estelionato: obter, para si ou para outrem, vantagem ilícita, em prejuízo alheio] nas pessoas ingênuas, como se rouba uma carteira e como se assalta um banco... mas são coisas que eu nunca quero fazer... Quero mudar de vida, cuidar do meu filho.

Eu aprendi a maldade entre as pessoas, as pessoas mostram ser sua amiga para ganhar algo em troca e depois que a pessoa sai, ficam falando mal daquela pessoa que ajudou a outra. É difícil conviver aqui, atrás das grades...

Eva enfatizou, também, a importância das presas serem separadas pela infração cometida, para que não haja o aprendizado de outros delitos desconhecidos pelas demais presas:

Não acredito em recuperação de mulheres aqui dentro, a gente fica revoltada com o tempo de espera de uma audiência para a outra audiência. A justiça é muito demorada e durante esta espera aprendemos coisas incríveis... a senhora nem imagina. Quem quer sai formada daqui no crime, roubos, assaltos ...com certeza sairá com um diploma. Seria bom se a direção separasse as mulheres... daquelas que são entendidas, lésbicas. Separar as presas por delito também seria uma boa.

Olga confirma o poder que a instituição tem sobre o comportamento da presa, muitas vezes reforçando a conduta desviante dessa mulher. Elas aprendem rapidamente como devem postar-se perante uma situação:

Em julho eu participei de uma briga na galeria e perdi o emprego, fiquei quase dez dias de castigo. Só não fui à Pasc [Penitenciária e Segurança Máxima de Charqueadas], porque sempre tive bom comportamento. Aqui, se a senhora não diz "sim" sempre, corre o risco de responder sindicância, mesmo que a senhora reclame que já é hora de mudar de regime, um direito seu.

Úrsula, ao tecer comentários sobre essa dimensão, admite esse poder institucional em sua vida, embora tenha aprendido a reconhecer em si qualidades até agora desconhecidas por ela:

Professora, parece incrível mas eu aprendi aqui dentro que sou uma pessoa corajosa...Viver aqui, já é ser forte. Às vezes eu penso que tudo isso é mentira, que é um sonho, mas eu vejo que é real, que é um pesadelo.

No grupo das presas-alunas que tiveram passagem negativa pela escola temos as falas respectivas das alunas-presas Eneida e Iraci:

Muitas das agentes querem o nosso respeito à força, mas elas não sabem ter respeito pela gente... se elas têm emprego agradeçam a nós que estamos aqui. Tenho horror a pessoa grossa, chinelona, mal-educada. E isso a gente vê seguido aqui dentro, não só pelas presas. As pessoas que trabalham aqui deveriam ser mais educadas, não é porque somos presas que não merecemos respeito, às vezes, as coisas da vida da gente faz com que venhamos aqui para dentro. Quem tá livre de ter um parente preso?

Eu me lembro da época que eu ficava na cela fechada ouvindo um monte de coisas que eu nem sabia que existiam. Que bom que eu estou na cozinha! Quando eu entrei eu nem sabia qual o número do meu artigo, hoje eu sei o meu e os outros e como ser malandra. Só que isso não me interessa mais... Eu tenho meus filhos me esperando lá fora. Quem não tem família, não tem emprego sai sabendo tudo de crimes.

A **oitava dimensão** da carreira desviante, na concepção de Howard S. Becker, refere-se à cautela e ao preconceito que a sociedade tem em oportunizar um emprego à pessoa que foi/é egressa de uma prisão, exceto quando há a participação das instituições de inserção.

Essa dimensão oportuniza examinar o papel da experiência escolar dentro da penitenciária voltada à reinserção dessas presas na sociedade.

Partindo-se da premissa que educar presas não é um processo fácil, também em decorrência da falta de uma política educacional que contemple essa população carcerária com mais professores e com ensino profissionalizante para que a penitenciária, como instituição de segurança e ressocialização, realmente dê conta de prepará-las para a reintegração na sociedade quando terminarem de cumprir a pena estabelecida pelo juiz. Dessa forma, busca-se em Paulo Freire os fundamentos da ação pedagógica possível para se analisar a experiência educacional vivida no ano de 1999.

Freire (2000, p. 96) afirma que é importante o professor ou professora acreditar que o processo educativo acarretará mudanças positivas em seus alunos, as quais poderão ocorrer tanto no início como durante o processo, mesmo sabendo o quão difícil é mudar.

A educação sozinha não modifica o mundo, entretanto, sem ela a sociedade não muda. Freire (2000, p. 40) afirma:

A educação tem sentido porque mulheres e homens aprenderam que é aprendendo que se fazem e se refazem, porque mulheres e homens se puderam assumir como seres capazes de saber, de saber que sabem, de saber que não sabem. De saber melhor o que já sabem, de saber o que ainda não sabem.

Buscou-se relatar a experiência educacional, segundo quatro dimensões a partir das contribuições de Paulo Freire.

A **dialogicidade** foi a âncora de todo o meu trabalho docente e de pesquisa; pelo diálogo pude estabelecer uma interação de confiança e respeito com as alunas. É nesse processo que o ser-sujeito se cria e se recria, momento em que o educador tem voz e dá voz ao outro, ao educando.

A aluna Olga verbaliza esse processo, conforme relato abaixo:

Eu vou sentir a sua falta, não precisa agradecer...eu é que lhe agradeço por me ter ouvido, é tão difícil as pessoas nos ouvirem aqui dentro. Vou sentir muito a sua falta, a senhora é uma das poucas pessoas confiáveis daqui de dentro.

Em continuidade ao processo pedagógico trabalhei o filme “Os últimos passos de um homem”, cuja temática relata a história de um preso que nega ter matado um casal de namorados, que estavam dentro do carro em um parque retirado da cidade, à noite. Esse crime foi amplamente divulgado pela imprensa local da cidade onde ocorreu o delito. O rapaz nega o crime e tenta culpar o parceiro que também participou dessa chacina. Eles foram presos e o companheiro, por ter tido um bom advogado, consegue provar a sua inocência nessas mortes. O outro preso, o personagem principal, ao ser condenado à pena de morte, pede um conselheiro espiritual e uma irmã propõe-se a fazer essa tarefa. Muitas alunas não conseguiram ver o filme até o fim, só o fazendo um tempo depois.

A religiosa, principal personagem feminina, consegue interagir como mediadora entre a família do preso e as famílias enlutadas, mas o relevante dessa película foi a conscientização do prisioneiro em reconhecer-se como delinqüente e se colocar no lugar do outro, dos pais que perderam os filhos. Freire (1970, p. 78) afirma que “*o mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar*”. A aluna Ada assume o delito cometido:

Eu não matei, mas poderia sim, ter evitado aquela morte...se eu pudesse voltar ao tempo, tudo seria diferente, com certeza...Como eu pude ajudar alguém a tirar a vida de alguém? E por coisas materiais... Meu Deus, o que eu fiz com a minha vida? Não foi nada bom ver uma pessoa morrendo na tua frente[...] e tu não fazendo nada para impedir[...] Parece que eu não tinha nada dentro da minha cabeça e do meu coração. Professora, como eu preciso da sua ajuda para mudar, dar uma nova guinada na minha vida. Às vezes, parece que eu vou enlouquecer... aí eu penso... ele vai reviver? Vou carregar esse peso para o meu caixão... .

As aulas dadas sempre foram pontuadas pelo diálogo, valorizando e respeitando a participação da presa-aluna. Eu chegava às 8h na instituição, pegava a chave da sala de aula com a supervisora do dia, uma agente penitenciária, e aguardava a troca de plantão realizada entre elas. Às 8h30min, subia para a sala de aula e entregava à agente penitenciária, que ficava no posto do andar da escola, a relação com o nome das alunas. Primeiro, as presas-trabalhadoras desciam das galerias para o trabalho das firmas existentes na penitenciária e, após, as presas-alunas à sala-de-aula. As aulas terminavam às 11h30min, início do almoço das presas. As alunas já traziam colher e caneca de plástico para poderem comer, pois iam direto da sala de aula para o refeitório.

O turno da tarde era das 13h30min às 17h e as aulas noturnas, das 18h às 21h. Eu cumpria sete turnos na instituição: 2ª, 3ª e 6ª pela manhã; 2ª, 3ª e 6ª à tarde e 5ª à noite. As turmas foram divididas por séries: no turno da manhã as alunas do 2º grau; à tarde, as do 1º grau e à noite, para as alunas trabalhadoras, independente de estarem no 1º ou 2º grau. Essa divisão não era rígida, às vezes, alunas da manhã assistiam à aula à tarde, ou vice-versa.

Relato, então, um dia de aula com as alunas na penitenciária.

As presas-alunas vão chegando aos poucos, normalmente em grupos, por galeria. Sentam-se conforme o grau de afinidade ou sentimentos que nutrem entre si. Percebeu-se não ser produtivo ter na mesma aula alunas inimigas, tanto para elas como para as demais alunas. O fator segurança é elemento relevante nessa situação. Ocorreram somente dois casos em sala de aula, durante esses sete anos de ação pedagógica, em que a inimizade ferrenha foi fator de atrito entre elas.

As alunas que não desceriam à aula naquele dia, mandavam recados orais ou escritos pelas colegas de cela, justificando-se. Normalmente elas tinham essa atitude de atenção comigo. Primeiramente, eu as cumprimentava e perguntava como tinha sido o dia anterior de cada uma, possibilitando uma melhor interação entre elas. Cada aluna expunha o seu dia com alguns apartes das colegas, sendo que muitas também questionavam como tinha sido o meu dia, longe dali. Logo após, elas liam a Zero Hora e o Correio do Povo do dia anterior, levados por mim.

A intencionalidade dessa tarefa era atualizá-las, quanto aos acontecimentos da nossa realidade social; a leitura dos jornais objetivava, também, aumentar o vocabulário de cada uma, já que deveriam procurar no dicionário as palavras que não conheciam. Elas transcreviam nos cadernos os vocábulos desconhecidos, criavam frases, estruturavam parágrafos e produziam textos. Essa tarefa era realizada após a leitura dos jornais e corrigida por mim, individualmente.

Logo após, desenvolvia-se o conteúdo programado para aquele dia, utilizando-se sempre o quadro-negro; na perspectiva das presas-alunas o escrever na lousa, pela professora, é fundamental para um bom aprendizado. Ao término de cada aula, despedia-me das alunas desejando uma noite tranqüila, sem conflitos. Quase sempre elas se despediam desejando-me um bom descanso, acrescentando, sempre, para eu abrir bem os olhos na rua, trancar o carro e ter cuidado com a minha bolsa.

A fé nos homens (Freire, 1970, p. 81) sustenta essa dialogicidade, que por sua vez nos remete a duas dimensões que não podem ser dicotomizadas: a ação

e a reflexão. O diálogo só se estabelece com a presença dessa fé, ação-reflexão-ação, que origina a confiança entre os sujeitos. E assim se reconstruem.

Iraci confirma em sua fala o novo olhar que dirige à escola:

Vou sentir saudades da senhora, os melhores momentos que eu passei aqui dentro, com certeza, foi na escola...até as flores são mais bonitas aqui.

A **críticidade**, segundo Freire (1970, p. 90), possibilita ao indivíduo dar-se conta quando está sendo usado ou manipulado por outra pessoa – tanto pode ser pelo companheiro de cela como pelo Estado, pela sociedade. Esse processo não muda a história da presa, mas possibilita que ela, com outro olhar, enxergue os mecanismos de opressão a que está submetida.

Analisou-se a reportagem “O filho de um governo padrasto” (*Zero Hora*, 20.04.1997, p. 4) onde o professor Roberto Silva, ex-menino da FEBEM e ex-presidiário, que teria todos os requisitos para manter-se à margem da sociedade, entretanto direcionou-se para o lado bom da vida, conforme relato abaixo:

Eu percebi o aparato criado pelo estado para os presídios como uma máquina, onde eu e os outros éramos apenas um dente e onde cada delito, cada crime, botava a máquina em movimento. Eu não parei de cometer crimes porque achava errado, mas por uma atitude política. Eu não queria ser o dente que colocava a máquina em movimento.

A presa-aluna Eneida consegue, aos poucos, aperceber-se das relações sociais e de poder que norteiam, algumas vezes, a conduta de alguma agente:

A senhora não sabia que os negros são mais racistas do que os brancos? A minha mãe já dizia isso...Quando é o dia dela de plantão eu nem olho para ela, passo de cabeça baixa, eu sei que ela não gosta de negros, me deu vontade de perguntar se ela já tinha se olhado ao espelho! Mas não vale a pena...não quero encrencas...não posso quebrar o meu bom comportamento [Eneida também é negra].

As presas-alunas assistiram aos filmes “Um sonho de liberdade” e “Ática I - A solução final”, ambos tendo como espaço físico a prisão mais segura dos

Estados Unidos. No primeiro filme elas viram que o personagem principal, um banqueiro acusado de ter matado a mulher e o amante, tinha curso superior, fazia parte da elite dominante e conhecia o discurso oficial. O segundo filme apresenta a mesma temática que o anterior, a mazela do sistema prisional, entretanto o personagem principal vem de uma camada social baixa, filho de um agente penitenciário aposentado e tem pouca escolaridade. Mais uma vez trabalhou-se com a redação, onde elas elencaram as diferenças e as semelhanças entre os dois filmes. As alunas citaram a educação e o conhecimento como elementos relevantes para que o preso do primeiro filme conseguisse executar com êxito o seu intento: buscar a liberdade sem precisar voltar à prisão.

Pelas mensagens dos filmes elas puderam perceber que a educação, o domínio da cultura e do discurso oficial pedagógico são recursos que colaboram com o indivíduo para que ele tenha várias perspectivas sobre uma mesma situação.

Busca-se em Freire (1997, p. 113), mais uma vez, respaldo para essa prática pedagógica:

Meu papel fundamental, ao falar com clareza sobre o objeto, é incitar o aluno a fim de que ele, com os materiais que ofereço, produza a compreensão do objeto em lugar de recebê-la, na íntegra, de mim. Ele precisa de se apropriar da inteligência do conteúdo para que a verdadeira relação de comunicação entre mim, como professor, e ele, como aluno se estabeleça.

As oito presas analisadas demonstraram vontade que o tempo passasse rapidamente para poderem retornar à família, marido e principalmente aos filhos. Ao contrário, a fala da aluna vinte e seis, presa por roubo, reincidente e sem filhos revela que para ela a liberdade até aquele momento não era relevante. O seu mundo ainda era a penitenciária:

Eu queria ter a fé daquele cara pela minha liberdade [refere-se ao filme “Um sonho de liberdade”], mas não tenho professora...eu acho que estou que nem aquele que morreu...aquele que trabalhava na biblioteca, como se chama?...É “institucionalizada”?...Que nome comprido, só com a ajuda da senhora eu consigo repetir...escreve no quadro, por favor, que eu passo para o meu caderno. A senhora pode repetir de novo o que isso quer dizer?

Essa aluna iniciou-se muito cedo na criminalidade: aos quinze anos. Aos dezessete anos foi recolhida para a FEBEM e, a partir daí, sua vida foi marcada por muitas entradas e saídas em instituições penais. A família não a visita com tanta freqüência; a penitenciária tornou-se a sua segunda casa. Inexiste um sentido forte de vida e de esperança, por enquanto, que a faça aspirar ao “sonho de liberdade”.

Deve ser relatado também, nesta seção, a não-aceitação por parte da educadora, perante a direção da casa, do processo de inauguração da biblioteca da penitenciária (Anexos D e E), sem a presença das muitas presas que colaboraram para que esse espaço pudesse existir, restringindo o evento a um número muito pequeno de presas. Freire (2000, p. 81) assevera:

É preciso porém que tenhamos na resistência que nos preserva vivos, na compreensão do futuro com problema e na vocação em processo de estar sendo, fundamentos para a nossa rebeldia e não para a nossa resignação em face das ofensas que nos destroem o ser. Não é na resignação mas na rebeldia em face das injustiças que nos afirmamos.

É no contraditório da educação popular que o professor reconhece a sua **incompletude** e a **incoerência** que perpassam a sua atuação/vida de educador popular. Freire (1997, p. 46) afirma que uma das tarefas mais importantes da prática crítico-educativa é dar condições ao educando e ao professor de passarem pela experiência profunda de assumirem-se como seres sociais e históricos, seres pensantes, comunicantes, transformadores, criadores e

realizadores de sonhos, seres capazes de ter raiva porque são capazes de amar, de interagirem pedagogicamente. Segundo Freire (1997, p. 46), é importante assumir-se como sujeito porque se é capaz, também, de reconhecer-se como objeto. Freire (1997, p. 46) afirma que *“a assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a “outredade” do “não eu”, ou do tu, que me faz assumir a radicalidade de meu eu”*.

Essa incompletude foi sentida pela primeira vez, quando soube que a loja de uma pessoa a quem sou ligada afetivamente foi roubada por três mulheres que fazem parte do grupo da “gorda do centro”, como são chamadas pela imprensa e pelos policiais. Algumas já estiveram presas na penitenciária e uma delas foi minha aluna; vivenciei, por alguns dias, um sentimento de indignação, fracasso e inutilidade em relação a esse trabalho. Sentimento que será retomado na conclusão dessa pesquisa.

O fato ocorreu em uma sexta-feira, à tarde, e não tinha nenhum policial por perto. Nessa mesma tarde elas roubaram três comerciantes. Na segunda-feira, pela manhã, foi difícil dar aula às presas-alunas por furto.

E mais uma vez fundamentou-se em Freire (2000, p. 54) o engajamento necessário para continuar esse trabalho:

Os sonhos são projetos pelos quais se luta. Sua realização não se verifica facilmente, sem obstáculos. Implica, pelo contrário, avanços, recuos, marchas às vezes demoradas. Implica luta. Na verdade, a transformação do mundo a que o sonho aspira é um ato político e seria uma ingenuidade não reconhecer que os sonhos têm seus contra-sonhos.

A **humildade no professor** foi outra categoria ressaltada nesse processo educativo. Freire (1997, p. 23) afirma que o professor também aprende com o aluno. Como educadora, a pesquisadora sabe que um trabalho como esse,

isolado, não mudará a trajetória de vida da presa, entretanto, ele poderá fazer com que as alunas deixem de ter uma conduta de ingenuidade pelo fato de ignorarem outros aspectos sócio-econômico-políticos da nossa sociedade.

A fala da aluna Otilia, apesar de ter tido passagem negativa pela escola quando criança, refere-se às aulas dadas na penitenciária como uma passagem positiva:

Estou sentindo a sua falta aqui dentro [a pesquisadora estava em férias escolares], pena que a senhora vai se aposentar e a professora Graça não vem mais, vou sentir falta desta sala...da senhora, das nossas conversas...a senhora viu que as nossas violetas estão morrendo? Elas sentem quando estamos tristes e de mal com a vida. Foi muito bom ter lhe conhecido: aprendi a ler a Zero Hora toda... não só a parte da polícia, a não me deixar ser usada, a acreditar mais em mim...Obrigada...posso lhe dar um abraço?

O **rigor pedagógico** é outra categoria afirmada por Freire em seus ensinamentos. A procura do curso de pós-educação em Educação deu-se pela necessidade de buscar maior aporte teórico e um novo olhar para o trabalho que estava sendo feito desde 1993. Leituras e trabalhos feitos nesse Mestrado deram respaldo à pesquisadora para aceitar, como afirma Freire (1997, p. 26) que *“ensinar é algo mais que um verbo transitivo-relativo”*, é muito mais: é fazer com que a presa-aluna cultive o gosto e a curiosidade pelo aprender, por “re-criar” e “re-fazer” o que lhe foi ensinado em sala de aula.

Portanto, as presas-alunas precisam apreender o seu mundo, produzirem conhecimento sobre essa realidade e constatarem criticamente que ainda não é tempo para a acomodação, para a inércia. O aprendizado dos “saberes da prisão” é um processo dolorido e de adaptação lenta: perda de alguns bens materiais e espirituais importantes na vida extramuros, perda do poder de administrar a sua trajetória de vida. Várias vezes o discurso oficial desta

instituição contradiz o discurso praticado no dia-a-dia – apesar de serem sujeitos, muitas vezes são tratadas como objetos. Refazer esse mundo perverso necessita de vontade política e do comprometimento de toda sociedade. Ainda há tempo!

A presa-aluna Eneida, apesar de ter tido passagem negativa pela escola, debruça um olhar positivo à escola existente dentro da penitenciária:

A senhora tem razão quando diz que o mundo precisa de mais solidariedade, de mais equilíbrio [...] vou sentir falta dessa escola, da senhora, dos textos que a senhora nos traz, das conversas, da tolerância, dos conselhos...das músicas e dos filmes, pena que eu não lhe conheci lá fora. A senhora, a D. Vera e o Dr. Sérgio são as únicas pessoas que eu vou levar de recordação dessa coisa [...] desse horror, desse sufoco, professora!

A produção textual desenvolvida pelas alunas eram subsidiadas por crônicas que tivessem relação com o seu mundo: amor, desamor, filhos, violência, crimes e religiosidade, entre outras.

Ada expressa-se da seguinte maneira:

Eu gosto da escola. Aprendi muito com a senhora [...]: a ler as notícias do jornal, não só a parte policial, a ver o mundo de uma maneira diferente; gostei dos textos, das conversas sobre a vida, sobre os filhos...É uma pena a senhora se aposentar antes de eu ir embora desse lugar.

O trabalho textual que exigiu mais tempo para ser concluído foi a oração que elas criaram à Santa Maria Eufrásia Pelletier, apresentada à direção, funcionários e demais presas na missa de final de ano, em 1999.

Oração à Madre Pelletier

Foi na França que nasceste,
mas pelo mundo viveste.
É a ti que glorifico
pelo zelo e pelo afincio
que a nós ofereceste.

Oh! Madre Pelletier!
que desde o início da tua vida religiosa,
sempre olhaste com carinho às mulheres excluídas,
e por isso, como presas, aqui nos incluímos.

Hoje, ao mundo inteiro te lembramos,
e a ti bem-aventuramos!
É com muito carinho e gratidão
que de "Madre Esperança",
também te aclamamos!

Que o teu rosário de fé, perseverança e justiça
seja a partir de agora,
o nosso modelo de vida.
Que o nosso eterno Divino Mestre
continue olhando com carinho
à Congregação do Bom Pastor!

Dai-nos esperança de uma liberdade breve [que venha logo], mas duradoura.
Afastai todos os jovens das drogas, assaltos e roubos.
Fortalecei as nossas famílias, principalmente os nossos filhos.
Ajuda-nos a não retornar mais para este lugar.

E hoje, esperança é só o que nos resta.
Dai-nos paz para suportar esta cadeia,
e atendei ao que vos pedimos.
Misericórdia, Mãe!

A **esperança** é outro ensinamento deixado por Freire, em todos os seus livros, aos educadores progressistas. Sem ela, os professores não poderiam acreditar em uma educação mais humana e mais justa. É através dela, da esperança, que a nossa ação político-pedagógica poderá vir a ser concretizada, mesmo que poucos avanços e muitos recuos ocorram: mas pressupõe-se que a mudança é possível.

Os depoimentos possibilitam inferir que a escola foi indicada como o local mais saudável dessa casa prisional, por todas as oito alunas analisadas. Para Freire (1997, p. 108) o espaço pedagógico representa um texto que é lido, interpretado, escrito e reescrito incessantemente.

Eva e Úrsula expressam as suas falas assim:

A escola é o melhor lugar desta penitenciária, gosto muito de vir às aulas... quando a senhora não vem, a gente sente falta da sala de aula; hoje, nós estávamos falando disso lá na cozinha... Gostamos dos seus conselhos, dos seus textos, das suas aulas. Precisamos de mais professores, mais psicólogos ou então pessoas que nos orientem como viver aqui dentro. Acredito que a cadeia ficaria mais leve, teria menos broncas, menos brigas. Talvez mais tolerantes, mais jogo de cintura [refere-se a ter diplomacia para lidar com as pessoas].

A nossa vida, professora, é o agora; aprendi isso aqui dentro. Obrigada pela ajuda, eu não vou esquecer dos seus conselhos, o único local saudável que eu vou levar de lembrança daqui é a sala de aula. Eu gosto muito de vir para a aula, me dá uma paz muito grande, eu saio mais tranqüila.

Com base nesses dados coletados, pode-se concluir sobre a importância da interação professora-alunas na trajetória de suas vidas dentro da penitenciária. Freire (1997, p. 109) afirma:

Minha presença de professor, que não pode passar despercebida dos alunos na classe e na escola, é uma presença em si política. Enquanto presença não posso ser omissão mas um sujeito de opções. Devo revelar aos alunos minha capacidade de analisar, de comparar, de avaliar, de decidir, de optar, de romper. Minha capacidade, de fazer

justiça, de não falhar à verdade. Ético, por isso mesmo, tem que ser o meu testemunho.

A penitenciária deixa uma marca perene no autoconceito do indivíduo. Ela sempre será uma ex-presidiária para a sociedade, mas a reflexão proporcionada pela ação educativa redefine a situação da presa: ela já não é a mesma da época em que deu entrada pela primeira vez em uma penitenciária.

Freire (2000, p. 35) reafirma a necessidade dos pais e educadores assumirem que autoridade e liberdade fazem parte da educação que objetiva a *boniteza do homem no mundo*, a rigorosidade ética, o respeito às diferenças, a justiça e a solidariedade.

Há algo ainda de que me convenci ao longo de minha longa experiência de vida, de que a educação é importante parte. Quanto mais e mais autenticamente tenhamos vivido a tensão dialética nas relações entre autoridade e liberdade tanto melhor nos teremos capacitado para superar razoavelmente crises de difícil solução para quem tenha se entregue aos exageros licenciosos ou para quem tenha estado submetido aos rigores de autoridade despótica.

Em relação ao tratamento dispensado às presas pelos funcionários dessa instituição do ponto de vista legal, psicológico, de assistência social e educacional afirma que deveria ser conduzido de maneira mais igualitária, entretanto, não é isso o que acontece. Íris mostra em sua fala o descomprometimento de alguns funcionários em relação a elas, atuando antagonicamente ao papel de agentes ressocializadores que deveria ser assumido:

Não acredito em recuperação de presa aqui dentro, não dessa maneira. A Dra. Adriana [psicóloga da casa] me deu uma força nessa história toda, a minha mãe falou com ela por telefone; mas tudo é muito demorado aqui dentro. Não estão permitindo que a gente vá aos cultos...poucos funcionários, a fé nos ajuda a levar melhor a nossa cruz aqui dentro. Eu vou me lembrar com afeto da senhora, da D. Vera, da D. Delma, da Dra. Adriana, do Dr. Sérgio, da D. Tetê e acho que paro por aí. O ar daqui é muito pesado, as pessoas estão sempre com cara fechada ou então, debochando da gente.

Que pena que a senhora vai se aposentar logo, vai ser uma perda grande para as alunas.

Freire (1997, p. 161) diz que a prática educacional é formada pela *“afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje”*. O trabalho pedagógico que aqui relatei foi fundamentado em práticas pedagógicas que se opuseram aos mecanismos de exclusão a que as presas estão sujeitas dentro do sistema penitenciário. Esses sete anos de prática formadora sempre tiveram por objetivo principal o resgate da cidadania de cada presa-aluna, e isso só foi possível quando se criou espaço para que elas tivessem condições para fazer uma nova leitura de vida. Reafirmo: mudar é difícil, mas não impossível.

A **nona dimensão** da carreira desviante, na concepção de Howard S. Becker, assevera que as condenações tornar-se-ão mais severas à medida que houver reincidência, isto é, quando o indivíduo deixa de ser réu primário.

Com relação ao grupo das oito presas analisadas, apenas duas mulheres não são réis primárias: Olga e Otília.

Algumas presas cometeram outros delitos antes deste pelo qual estão cumprindo pena, entretanto, nunca foram presas por causa daqueles delitos. Em contrapartida, há presas que foram detidas em sua primeira infração, como foi o caso de Eva, de Eneida e de Úrsula.

Olga fala sobre essas penas acumulativas na sua trajetória de vida à margem da sociedade:

Chega de cadeia, eu tenho quase quatorze entradas nesta penitenciária, desde o IPF [Instituto Psiquiátrico Forense]: antes eu não tinha sido condenada, agora o juiz somou todas as entradas e roubos e me condenou a oito anos. Eu acho muito, roubei pouca coisa. Ele [o juiz] não aceitou a unificação das penas [os furtos foram cometidos em municípios diferentes e cada juiz tem competência apenas para atuar dentro da sua

Comarca. A unificação das penas diminui o tempo de prisão da apenada], tenho bronca desde 90. A cadeia é muito longa... eu cometi seis roubos.

Otília também expressa esse medo e demonstra a intenção de mudar a trajetória da sua vida, percebendo que o seu retorno à sociedade não será um processo fácil:

Quando eu sair daqui, desta vez, tenho que mudar, mas eu preciso de uma força. Aqui a gente tem serviço, quase tudo nas mãos...é fácil da gente mudar [ela refere-se a ter comida, banho, cama para dormir, médicos, dentista e escola], mas na rua sempre se recebe um não [...] principalmente eu que sou HIV e mais presidiária. É difícil dizer não para as coisas fáceis.

Tendo descrito a carreira desviante das presas-alunas objeto de pesquisa, segundo as nove dimensões postuladas a partir dos estudos de Howard S. Becker, passa-se à interpretação desses dados.

6 MULHERES EM BUSCA DE NOVA OPORTUNIDADE

A interpretação dos resultados, nesta seção, foi dividida em três partes: primeiro, realiza-se a comparação dos depoimentos das oito presas-alunas com o teor de cada uma das dimensões da carreira desviante segundo Howard S. Becker (Tabela 8); em segundo lugar, comparam-se os momentos históricos da Penitenciária Feminina Madre Pelletier – religioso e o laico, antes e depois de 1981, explicitando-se o trabalho educacional e a experiência da educadora nesse contexto prisional; em terceiro lugar, tematiza-se a experiência da desviante, que é presa em uma sociedade na qual a probidade e a verdade deveriam ser valores fundamentais neste país verde-amarelo. Os meios de comunicação mostram quase diariamente que o desvio – principalmente aquele que envolve verbas públicas, também é praticado por pessoas que deveriam ser espelho de boa conduta para os demais cidadãos: vereadores, deputados, ex-ministros e juízes. A impunidade para esse grupo social parece ser uma teia muito bem tramada: difícil saber onde estão as pontas do nó que formam este meio globalizante.

Retoma-se, nessa **primeira parte**, Howard S. Becker e as nove dimensões que caracterizam, segundo o autor, a trajetória de um indivíduo na carreira desviante. Quanto à dimensão 9 da Tabela 7 – reincidência, optou-se por

investigar em profundidade a carreira de presas-alunas (1) mães e (2) não-reincidentes; seis dos oito casos incluem-se nestes dois critérios. Por não existirem entre as presas-alunas por “roubo” mães que fossem rés primárias (não-reincidentes), considerou-se a maternidade o critério prioritário e incluíram-se duas mães reincidentes. Portanto, tal dimensão (nona) tornou-se não relevante por razões de seleção do grupo. Outro fator de relação foi a passagem positiva/menos positiva na escola das presas-alunas ao frequentarem-na, quando crianças. Nos casos de “drogas”, “assalto” e “furto” selecionaram-se mães com passagem positiva e menos positiva. Na categoria “drogas e assalto” havia na população apenas casos de passagem positiva na escola quando crianças, sendo uma selecionada; no caso de “homicídio”, havia uma detenta com passagem positiva na escola. Prevaleceu na amostra (oito casos), a tendência observada na população de vinte e sete presas entrevistadas⁷⁷: passagem positiva na escola em cinco dos oito depoimentos (Quadro III, Anexo R).

Confrontando-se as respostas das presas da Penitenciária Feminina Madre Pelletier com as referidas dimensões, ressalta a confirmação de duas delas: meio ocupacional desestruturado e o processo de rotulação. Quanto ao meio ocupacional (Tabela 7; Item 1.3), observou-se que o desemprego ocorreu antes do delito em sete dos oito casos, estando fortemente relacionado à criminalidade: sete estavam desempregadas no momento em que cometeram o delito que as levou à prisão; a exceção é Úrsula que sempre foi dona-de-casa. Cinco relataram ter entrado no mundo do crime por ser esse um acesso fácil à subsistência própria e para a família, e duas relataram o desejo de uma melhor vida financeira.

78 Ver Quadro III, Anexo R, e Tabela 5, p. 87. Dentre as 27 presas-alunas, 16 referiram-se a excelentes relações

O processo de rotulação (Tabela 7; Item 4) também foi vivenciado e relatado por cada uma delas; sabedoras que essa estigmatização é muito forte no meio social, elas também demonstraram vontade em transformar o seu destino para uma vida melhor, cientes de que o processo exige mudanças, desafios e muita perseverança.

Duas dimensões (Tabela 7; Itens 6 e 8) não se manifestaram relevantes para caracterizar a carreira desviante deste grupo de presas: a) condenações por pequenos delitos e prestígio ligado às condenações e b) intensificação da marcação social. Entre as falas das presas não se manifestou uma apreciação positiva do crime praticado. Nenhuma aluna, em momento algum, relatou o seu delito de forma arrogante e ufanante, ao contrário, querem fazer deste delito um sinalizador para não mais infringirem as normas estabelecidas pela sociedade.

Quanto à intensificação da marcação social, a escola e as outras atividades ressocializadoras existentes dentro dessa casa prisional – firmas que oferecem oportunidade de emprego, bem como os cultos ecumênicos, as atividades promovidas pelo setor de Psicologia/Serviço Social e Valorização Humana operacionalizaram um conjunto de atividades facilitadoras de futura inserção social, o que as conduziu a um novo olhar à realidade em que vivem. Seis das oito presas investigadas beneficiaram-se dessas atividades acima referidas, além de participarem das aulas.

As presas-alunas com uma consciência social mais clara e fundamentada buscam, hoje, perspectivas de mudanças para o lado bom da vida. Elas têm consciência de que a sociedade não é injusta só com elas; a exclusão também ocorre com o indivíduo que ganha o salário-mínimo, com o analfabeto, com o

desempregado, com o sem-terra e com o sem-teto. Sabem, outrossim, que novas transgressões às suas regras implicará, implacavelmente, nova punição. Elas já não fazem uma leitura ingênua da sociedade, da violência, do crime e do sistema prisional: são sabedoras de que o custo-presença é alto em relação ao que é oferecido a elas quanto à ressocialização. E a sociedade falha em não cobrar da Assembléia Legislativa uma fiscalização mais severa desse sistema prisional que não cumpre, muitas vezes, com uma das suas principais obrigações: ressocializar e capacitar essa mulher, para que, ao retornar a essa mesma sociedade, não mais transgrida as suas normas. Entendendo melhor a sociedade em que vivem e as pessoas com quem interagem, elas não se vêem mais como únicas vítimas desse contexto: sabem que o convívio social é composto por direitos e deveres.

Conforme os depoimentos das presas-alunas, a escola foi indicada como o local em que elas foram mais bem acolhidas dos setores existentes na penitenciária. As aulas ministradas às alunas (descritas nas pp. 42-51 e 152-166), tiveram como objetivo contextualizá-las ao meio em que vivem atualmente: a penitenciária, acreditando-se na ressocialização de cada uma. Buscou-se, em Paulo Freire (1998, p. 113-114), os subsídios necessários para abarcar o processo educativo aqui relatado:

O papel do educador ou da educadora progressista, que não pode nem deve se omitir, ao propor sua "leitura do mundo", é salientar que há outras "leituras de mundo", diferentes da sua e às vezes antagônicas a ela.

[...] Os educadores e as educadoras progressistas coerentes não têm que esperar que a sociedade brasileira global se democratize para que eles e elas comecem também a ter práticas democráticas com relação aos conteúdos. Não podem ser autoritárias hoje para ser democratistas amanhã.

Elas têm clareza sobre o momento em que o Brasil vive: desemprego, violência, corrupção, crime organizado, assaltos e drogas; contudo, acreditam que o delito praticado não trouxe as vantagens esperadas. O custo a ser pago dentro de uma prisão: a vida na prisão bem como o processo de estigmatização associado é muito alto, principalmente, quanto às conseqüências nas relações familiares. Acreditam que ainda há tempo para redefinirem a sua inserção social – *serem mais*, conforme a visão antropológica de Freire. Buscam oportunidades para resgatar a cidadania perdida por meio da recuperação da dignidade humana. Reincidir não faz parte dos depoimentos de nenhuma delas.

Concluiu-se que as duas dimensões (Tabela 7; Itens 6 e 8) da carreira desviante – prestígio ligado às condenações e intensificação da marcação social, não se confirmaram em virtude de as oito presas-alunas analisadas serem mães, predominantemente rés primárias e terem tido a experiência do acolhimento. A subsistência da família foi uma das razões de elas entrarem no mundo do crime; entretanto, a desagregação familiar após o seu aprisionamento - principalmente vendo os filhos com parentes, vizinhos ou internados na FEBEM é um dos motivos positivos para não quererem reincidir.

Na primeira dimensão da carreira desviante, segundo Howard S. Becker, o meio escolar revelado por essas presas (Tabela 7; Item 1.1) não aparece como determinante do desvio. A entrada no mundo do crime – “drogas”, “assalto” e “furto”, ocorreu tanto com detentas com passagem positiva como com passagem negativa pela escola; salienta-se que os delitos “drogas e assalto” e “homicídio” (único caso) ocorreram com alunas que tiveram passagem positiva pela escola. Portanto, se a passagem menos positiva na escola não é condicionante do delito, a passagem positiva por ela não o impede.

Quanto ao meio familiar (Tabela 7; Item 1.2) não apareceram indicadores fortes relacionados à carreira desviante deste grupo de presas-alunas: os delitos ocorreram tanto em lares estruturados como nos menos estruturados. A maior parte das detentas referiram um meio familiar estruturado. As presas-alunas que cometeram os delitos “drogas e assalto” e “homicídio” vieram de lares bem-estruturados, isto acentua o que já foi dito nas páginas anteriores de que, na população presa de mães, o desemprego foi fator que fortemente condicionou o delito. Portanto, se os meios escolar e familiar das presas aqui analisadas negam a relação estreita de um meio escolar e familiar desestruturados com o desvio das normas, o mesmo não acontece com o meio ocupacional que confirma tal dimensão (a primeira) de Howard S. Becker: em sete dos oito casos o delito foi imediato ao desemprego.

Com relação à segunda dimensão da carreira desviante, segundo Howard S. Becker, a maioria das presas identificou-se com um grupo marginal (Tabela 7; Item 2), exceto uma apenas por “drogas” e o caso de “homicídio”. Quanto à influência do parceiro (Tabela 7; Item 2.1) e parceiro na condição de presidiário (Tabela 7; Item 2.2), notou-se que cada presa respondeu a essas duas perguntas com as mesmas respostas: sim para as duas perguntas ou, então, não para as mesmas. A maioria delas recebeu forte influência do parceiro e esse mesmo parceiro foi preso pelo crime praticado por ambos. Interessante apontar aqui também a importância do parceiro na carreira desviante dessas presas: cinco de um total de oito detentas creditam a ele o seu ingresso no mundo do crime; as três alunas que responderam negativamente a essas perguntas tiveram passagem positiva pela escola. Nenhuma das oito presas analisadas teve outro

parente preso⁷⁸ que não o parceiro (Tabela 7; Item 2.3), o que leva a concluir que a assimilação progressiva das normas desviantes foi por intermédio do próprio companheiro.

A passagem gradual (Tabela 7; Item 3) e a aprendizagem de técnicas desviantes (Tabela 7; Item 5) também se mostraram dimensões relevantes na descrição da trajetória dessas mulheres: tanto ocorreu com presas com passagem positiva como com vivências negativas na escola nos casos de “drogas e assalto”, “assalto” e “furto”. Responderam negativamente a essas perguntas as duas detentas por “drogas” e o único caso por “homicídio”. As duas presas – reincidentes – levaram a que tais dimensões fossem confirmadas. Estas foram as dimensões cuja conclusão seria alterada, se fossem retiradas da amostra as duas presas-alunas, reincidentes, por “furto”.

Duas presas, uma com passagem positiva (condenada por “assalto”) e, outra com passagem negativa pela escola (condenada por “furto”), não vêem a prisão como “escola do crime” (Tabela 7; Item 7); em contrapartida, seis alunas acreditam que a penitenciária pode maximizar a revolta, a indiferença e a violência entre as presas, entre presas e funcionários, presas e sociedade e, inevitavelmente, delas consigo mesmas.

Em resumo, pôde-se constatar com esta pesquisa, como já foi dito anteriormente, que as presas-alunas analisadas em profundidade tiveram tanto um meio familiar estruturado quanto menos estruturado – correspondendo a lares menos estruturados uma passagem menos positiva pela escola. Se as relações familiares e aquelas na escola enquanto crianças não confirmaram a primeira dimensão da carreira desviante como associada ao delito (Tabela 8), encontra-se

78 Esta categoria apareceu no conjunto das vinte e sete presas-alunas.

forte comprovação da presença de um meio desestruturado associado ao meio ocupacional. A falta de emprego e, automaticamente, a falta de dinheiro, do respeito, da dignidade e a baixa auto-estima levam à degradação humana. E chegar até a criminalidade é questão de tempo. Apenas a presa que nunca trabalhou fora de casa, entre as oito mulheres aqui analisadas, não estava desempregada antes de cometer o delito que a levou à Penitenciária Feminina Madre Pelletier. O desemprego foi fator relevante nessa investigação sobre a carreira desviante de mulheres presas.

A segunda dimensão (Tabela 8) confirma a concepção da carreira desviante de Howard Becker: houve identificação das presas-alunas com um grupo marginal. Nesta pesquisa⁷⁹ as categorias 2.1, 2.2 e 2.3 (Tabela 8) foram acrescentadas especificando essa segunda dimensão. A influência do parceiro foi um elemento preponderante na trajetória da carreira desviante da presa-aluna, o mesmo não ocorrendo com outros familiares dessa mulher; nenhuma das oito apenas teve/tem um familiar preso que não seja o companheiro. O parente indicado por elas era o parceiro que as iniciou no crime.

As demais dimensões (Tabela 8): processo de passagem gradual e aprendizagem de técnicas desviantes, rotulação e prisão como “escola do crime”, (dimensões 3,5,4 e 7 respectivamente) confirmam a relevância da concepção de Howard S. Becker na caracterização do grupo investigado; entretanto, se as duas presas-alunas por “furto”, mães e reincidentes, não participassem desta amostra, o resultado das últimas dimensões (Tabela 8; Itens 3 e 5), citado acima, poderia ser diferente. Elas responderam afirmativamente a essas dimensões, contribuindo para que a teoria da carreira desviante fosse confirmada. A

dimensão reincidência foi desconsiderada, como já foi descrito em folhas anteriores, porque o processo de seleção do grupo privilegiou mães que fossem rés primárias.

As dimensões 6 e 8 (Tabela 8) não confirmaram a teoria de Howard S. Becker, provavelmente pela intervenção da escola prisional no dia-a-dia das presas-alunas. O trabalho pedagógico utilizado em sala de aula facilitou e proporcionou reflexões profundas na história de vidas dessas mulheres: conseguiram se colocar no lugar do outro, daquele que sofreu o delito praticado por elas. Por outro lado perceberam que elas, mulheres, fazem muita falta aos filhos; sentiram no corpo e no coração quanto vale uma saudade, um lar, uma família. Que a liberdade não tem preço.

Zaluar (1994, p. 127) vê a prisão como lugar onde se completam os circuitos da revolta por ser pobre, onde o trabalho existe para poucos, onde o ócio é quase permanente e o aprender de coisas ilícitas é constante. Essa antropóloga (1994, p. 70) responsabiliza a falta de emprego aos jovens como problema grave e difícil de ser resolvido, a não ser que haja modificação na nossa Legislação. A falta de estrutura familiar e a escola que o exclui, segundo ela, também são fatores que impulsionam o jovem a trilhar o caminho mais fácil de ganhar dinheiro: a criminalidade.

O nó da questão parece estar, portanto, na própria postura diante da pobreza...por estar preso à lógica da necessidade que obriga a manter-se indefinidamente na luta pela sobrevivência, o pobre aceita o que lhe é oferecido de modo imediato e particularista.

79 Estas dimensões foram propostas pela professora Maria Helena Degani Veit, durante orientação individual a essa dissertação.

Segundo o olhar de Alba Zaluar, a falta de emprego é fator preponderante para o indivíduo iniciar-se na carreira do crime; percebe-se, aqui, a convergência do que afirma esta pesquisadora com o que ocorreu com as presas neste estudo: à falta de trabalho segue-se o delito. Sem contraposição ao que nos comunica esta antropóloga, com relação à escola freqüentada quando crianças, deve-se dizer que, mesmo aquelas cuja escolarização não foi um sucesso, todas demonstraram uma relação estreita com seus antigos professores, levando a concluir que relação pedagógica não foi condicionante do delito. Também observou-se que o ócio não prevaleceu nesse grupo que freqüentou a escola prisional e teve oportunidades de trabalho.

Reforça-se, por fim, com os dados acima, que a falta de emprego e a persuasão do parceiro foram elementos fortes e desencadeadores da carreira desviante desse grupo de mães-presas.

Nessa **segunda parte**, é quase um dever cívico desta pesquisadora referir o trabalho de acolhimento que as irmãs da Congregação do Bom Pastor dispensaram às presas, na época em que administraram essa penitenciária. Após a laicização dessa instituição penal, percebe-se, lamentavelmente, que a construção desse trabalho – como um todo, não é tão comprometida do ponto de vista social, educacional e religioso como o era na época das irmãs da Congregação do Bom Pastor; e o descaso aos direitos das presas parece ser uma constante nas relações intramuros.

Estabelecendo-se um paralelo entre esses dois momentos – o religioso e o laico, na Penitenciária Feminina Madre Pelletier, nota-se que as condições de comprometimento, resgate da auto-estima, profissionalização e coerência que existiam no processo educacional daquelas irmãs, amparado nos princípios ético-

morais para com as presas, perdeu-se no tempo. Alguns trabalhos isolados, intermitentes, de cunho religioso ainda persistem nessa casa prisional; destaca-se a presença das religiões que professam a sua fé em cultos ecumênicos aos sábados pela manhã, embora o culto só seja realizado quando há efetivo de funcionários suficientes para essa atividade. Ultimamente, o número de agentes penitenciários era bem aquém do necessário para que essa atividade ocorresse semanalmente. Na escola dessa penitenciária persiste a busca da transformação da conduta das alunas por meio do processo pedagógico: tenta-se desenvolver os princípios da educação libertadora de Paulo Freire - na busca da transformação do ser humano num processo contínuo e intencional. Não basta, porém, apenas compreender o “modus vivendi” de cada uma delas, todos têm que aprender a “manejar” a realidade concreta dessa casa prisional com uma visão político-pedagógica. Ainda, devemos considerar: a) o perfil da mulher presa que já não é o mesmo dos anos setenta; b) a sociedade que convive constantemente com o medo da violência criminal e c) o Estado, o qual como instituição responsável pela ressocialização dessas mulheres presas, não preservou a qualidade desse trabalho -- que condicionava a que a reincidência fosse baixíssima.

A presença da mulher criminosa não é recente em nossa sociedade: mudaram a condição da mulher, valores e definições do que é desvio social. Santa Eufrásia começou o seu trabalho religioso atendendo penitentes – prostitutas [sedução], adúlteras e praticantes de aborto; a mulher criada na submissão era menos propensa à violência e era educada para ser dona-de-casa. Mudou a sua inserção no mundo social exercendo, hoje, cargos de chefia que antes eram ocupações exclusivas do homem. Concomitantemente, muda sua inserção no mundo do crime. Atualmente, as mulheres já não matam só por amor.

A ex-madre Maria Elisabete afirma que, na época entre 1963 e 1977, os crimes existentes eram por homicídio [passional] e delitos mais leves, não existia registro de presas por assalto. Após o final da década de 70, a penitenciária recebeu as primeiras presas por roubo e logo após, por drogas.

Quanto às condições de reclusão, na época das irmãs da Congregação do Bom Pastor, as presas eram proibidas de ficar em suas celas durante o dia, todas desciam pela manhã e só retornavam aos quartos à noite. Elas trabalhavam em torno de 8 horas por dia e recebiam mensalmente o salário correspondente; a ociosidade não fazia parte da vida de nenhuma delas. Hoje, a maior parte das presas fica nas celas sem ter o que fazer, somente um número muito pequeno de mulheres tem trabalho – dentre as quais, seis das oito analisadas neste estudo

De um modo geral, ainda que a Lei de Execução Penal assegure trabalho ao preso, dificilmente isso acontece nas casas prisionais, onde a ociosidade é companheira constante da massa carcerária. Assim se manifesta o Dr. Carlos Roberto G. de Oliveira Paula (1999, p. 37), Juiz de Direito da Comarca de São Domingos – Maranhão:

O Estado tem que facultar ao preso (ainda que provisório) condições para que ele possa trabalhar e remir a sua pena, obviamente em caso de condenação. E não há que se falar que esse direito só ocorreria após o trânsito em julgado, pois quem deu causa à demora foi o Estado. Então trate o Estado de julgá-lo dentro do prazo que a lei estabelece. A partir deste momento deve ser facultado ao preso as condições de trabalhar e conseqüente remição.

Atualmente, a sociedade observa, à luz de holofotes, o consumo e tráfico de drogas e os crimes contra a propriedade – roubo [assalto] e furto; a nossa Assembléia Legislativa, inclusive, constituiu a CPI do Crime Organizado. Muitas presas vêm no delito tráfico de drogas um maior “status” que nos demais delitos;

o mesmo ocorre com o assalto, principalmente a bancos: exige meses de planejamento e conhecimento da rotina bancária. Exige, como elas dizem, “cálculos matemáticos”. Essas atividades, por absurdo que pareça aos de fora da situação, são realmente definidas como trabalho, meio de onde resulta dinheiro para manterem a família. A atual geração de mulheres muito contribui para o orçamento familiar, sendo, muitas vezes, os “cabeças” da casa. Infelizmente, algumas mulheres, para manterem esses compromissos familiares, utilizam-se de meios ilegais: roubam, assaltam ou traficam. Com isso, permite-se fazer a leitura de que a violência criminal, para muitas presas, obtém a manutenção e consolidação da sobrevivência; sem essa vida à margem da sociedade muitas já estariam mortas por outras “gangs” que cobram fidelidade, ou de fome, ou por drogas.

A presente pesquisa confirma tal leitura, visto que, com exceção de uma, as mulheres aqui analisadas, quando foram presas, estavam desempregadas. Muitas das presas deixaram de ser “mulheres de bandido” para se tornarem, como elas mesmo dizem, “mulheres bandidas” perante a sociedade.

As aulas ministradas às presas-alunas estiveram em consonância com aqueles valores postulados e perpassados às presas pela educação evangelizadora das irmãs da Congregação do Bom Pastor. E essa ênfase no processo educacional só foi possível de ser realizada, porque a diretora dessa instituição penal, em 1993, tinha sido secretária-geral das freiras nos anos 70, período em que as religiosas se encarregavam dessa ressocialização. Aprendeu-se com ela a se ter um olhar mais fraterno e de acolhimento com as mulheres recolhidas na Penitenciária Feminina Madre Pelletier, a se acreditar nas potencialidades do ser humano e a se ter esperança de uma sociedade mais

consciente, mais solidária e mais humana. Ela comunicava a confiança de se realizar um trabalho positivo mesmo dentro de uma casa prisional.

Nesse contexto, a educação expressa na obra “Pedagogia da Esperança”, de Paulo Freire, foi fundamental para que o trabalho fosse construído da maneira como o foi – por meio de argumentos da prática educativa progressista: confiança, diálogo, credibilidade e esperança em um sistema penal mais justo. Acredita-se que o nosso futuro também é feito por nós mesmos, exigindo lutas, avanços e recuos na direção da transformação social. A partir dessa perspectiva, avalia-se que as histórias de delitos e crimes na penitenciária são intermináveis e inimagináveis. Quando o elemento confiança ainda não existia entre as presas e a professora, a maioria não se assumia como culpada; sentiam-se injustiçadas por estarem presas, culpavam intensamente os pais e a sociedade pela situação que estavam passando. A postura é inversa hoje, sete anos passados, quando cada uma relata os momentos da trajetória por elas vivida. Inclusive, muitas disseram que, se pudessem voltar no tempo, certamente não cometeriam o crime que as trouxe à penitenciária. As presas-alunas fizeram, no transcurso das aulas, uma reflexão sobre os valores dessa mesma sociedade que colaborou para empurrá-las à detenção. Todas relataram, em suas falas, que a escola prisional foi o lugar em que conseguiram ter um encontro consigo mesmas, que as levou a refletirem sobre o delito cometido e a perceberem qualidades positivas dentro de si próprias. Conseguiram acreditar mais em si e aprenderam que a construção da cidadania não é coisa que se faça em um só dia: é um processo demorado, exige *“que se refaçam os laços de confiança com um outro significativo, o primeiro elo podendo ser construído na relação pedagógica, ou com outro agente ressocializador”*. (Veit, texto não- publicado, 2000).

Exemplifica-se essa postura positiva de algumas alunas com o caso de uma presa que achava estar sendo prejudicada em um direito seu: não pôs fogo nos colchões e nas cobertas da sua cela, em revanche, como as demais presas queriam e como ela já o fizera em situação precedente. Não causou, portanto, danos à coisa pública; e a direção da casa soube respeitar a manifestação de protesto escolhida pela presa naquele momento: a greve de fome. A conscientização gritou mais forte dentro dela e a negociação, para que aquele direito fosse realizado, ocorreu de maneira mais madura: aprendeu que é importante construir pontes para um bem-viver.

No decorrer desses sete anos de observação, percebeu-se que a situação jurídica da presa é relevante para que ela tenha disposição de se desenvolver no trabalho de ressocialização. Faz-se necessário que o Estado regularize a situação jurídica de cada presa em tempo hábil (aliás, problema que não é exclusivo do sistema prisional gaúcho), para que não perpassse à presa a sensação de injustiça por parte daquele que tem por obrigação fiscalizar a lei, de verificar se a norma penal está ou não sendo cumprida. A cidadania também passa por soluções desses entraves, sem o que o processo de ressocialização é mais lento e difícil. A fala do Dr. Carlos R.G. de Oliveira Paula (1999, p. 37), Juiz de Direito da Comarca de São Domingos – Maranhão, confirma essa realidade carcerária:

O preso, não sendo julgado dentro dos prazos processuais – e aí não importa a questão que o acusado tenha recorrido, pois é inteiramente natural que os acusados objetivem a busca de sua liberdade - terá direito a remição retroativa de pena. [...] Então trate o Estado de julgá-lo dentro do prazo que a lei estabelece.[...] O que não pode é preso ficar a bel-prazer do Estado [...] O que se nos afigura uma violação ao princípio constitucional da dignidade da criatura humana.

A penitenciária, hoje, não mais cultiva os elementos basilares da época religiosa: com um passar rápido de olhos pelo espaço físico da mesma, vê-se que suas paredes estão malcuidadas; o chão, muito sujo. Na época das freiras, essa casa prisional poderia ser comparada a duas escolas tradicionais de Porto Alegre: Sévigné e Bom Conselho. Um meio físico em decadência agride o ser humano, esteja ele preso ou seja funcionário da instituição.

O compromisso selado por Santa Eufrásia Pelletier com as penitentes que desejassem a própria reabilitação, feito em 1852, era o de convertê-las e instruí-las para não as deixar cair em ruína certa. Executá-lo, requer uma parceria forte e muito séria entre Estado e sociedade. Exige o resgate das falas de pessoas – algumas ex-diretoras dessa penitenciária, professoras, funcionários e das senhoras da Sociedade do Bom Pastor, que construíram e conseguiram manter um local de comprometimento com aquelas mulheres delinqüentes. Precisa-se, com urgência, considerar-se os saberes acumulados na História dessa instituição penal. Antes de tudo, necessita-se de que a educação seja mais dialógica e de que as relações humanas sejam mais sadias entre os “ressocializadores” e “ressocializantes” dessa casa prisional. Requer-se um modelo carcerário à altura da dignidade da pessoa humana, para que haja justiça.

Zaluar (1994, p. 121) afirma que a prisão não favorece a criação de confiança mútua entre presos e seus guardiões. Ela também relata em suas pesquisas ser comum os presos queixarem-se das condições quase desumanas em que cumprem pena: falta de trabalho, de assistência jurídica e de médicos, além de viverem dentro de celas sujas e com superpopulação. No entanto, este estudo afirma mostrando que isso pode ser diferente.

Lembro-me do quão difíceis foram para mim os primeiros dias de aula dentro da penitenciária: alunas novas, trabalho desafiador e funcionários que, na maioria das vezes, não compartilhavam essa perspectiva do acolhimento.

O relacionamento entre esta investigadora e as presas deu-se paulatinamente: precisei mostrar em atitudes e falas que era uma pessoa confiável. E a confiança, como dizem as alunas, é um sentimento que precisa do tempo para se mostrar verdadeiro e manter-se duradouro. Aprender a confiar nas pessoas é um ato difícil de ser praticado, principalmente dentro de um presídio, em que o risco de ser traído é fácil de acontecer, embora toda a presa saiba que traição é crime imperdoável dentro de tal instituição. Acredito que o aprender passa, primeiramente, pelo afeto. E não se trai a pessoa da qual gostamos, essa é a lógica da mulher-presa. E com a confiança surge a lealdade: ouvir o outro, não criticar apenas pelo criticar, mas mostrar possibilidades de acertos e superação do erro praticado. A postura do educador é fundamental.

Com as leituras de Freire aprende-se que escrever/reescrever a nossa história não é coisa fácil de se fazer, mas, mesmo assim, elas “escreveram” oralmente a sua história. Esses oito depoimentos só foram possíveis de serem analisados, porque elas permitiram que fossem gravados; no processo, buscou-se construir novos projetos de vida. Esta pesquisa também possibilitou o resgate e o reconhecimento do trabalho das irmãs da Congregação do Bom Pastor com as presas da Penitenciária Feminina Madre Pelletier. Segundo a ex-madre Elisabete, o trabalho das religiosas era em cima da confiança: “*elas acreditavam em nós e nós acreditávamos nelas*”. Práticas educacionais que deram certo tanto para as presas como para a sociedade.

Finalmente, a **terceira parte** mostra o contexto de um Brasil vivendo uma guerra civil: violência criminal exacerbada, impunidade para o indivíduo que pertence à camada social de “colarinho branco”, juízes envolvidos em negócios ilícitos, governos estaduais omitindo-se de cumprir com suas obrigações, corrupção sem punição, concentração de renda para poucos, o “jeitinho” brasileiro para alguns privilegiados. O aviltamento ético e moral ocorre quase que diariamente na vida do cidadão comum brasileiro, banalizando-se. Muitos perdem a sua capacidade de indignação. Toda essa estrutura decadente perpassa a nós, cidadãos, com plena cidadania, e às presas, cidadãs impossibilitadas de exercerem a sua cidadania plena, uma sensação de importância. Como administrar todos esses tropeços sociais?

Streck (1999, p. 98) aponta que a lei não é igual para todos os cidadãos, que, enquanto um indivíduo sonegador - de impostos ou de contribuições sociais, fica isento do crime de sonegação, desde que pague o valor sonegado antes do recebimento da denúncia, o mesmo não acontece com o sujeito que furta uma galinha; embora a devolva ou pague o prejuízo causado a outrem, será preso.

Segundo Oliven (1989, p. 16), as grandes metrópoles brasileiras mostram com mais evidência a miséria e a opulência dos seus cidadãos, possibilitando que as contradições sociais se tornem mais flagrantes. E isso possibilita um aumento significativo de assaltos e roubos na cidade, em relação ao campo.

Adorno (*Zero Hora*, 1998, p. 50) credita, como uma das causas do aumento da criminalidade no Brasil a dificuldade de o indivíduo, que cometeu um primeiro delito, parar nesse único crime. Ele (1994, p. 319) ainda afirma:

É certo que o cidadão comum, sobretudo os procedentes das classes populares, não tem assegurado o princípio constitucional da isonomia legal. Onde quer que se encontre,

ele está sujeito a tratamento mais ou menos arbitrário por parte desta ou daquela agência que compõe o sistema da justiça criminal.

Apesar do artigo 3º, da Declaração dos Direitos Humanos definir que “*todos os indivíduos têm direito à vida, à liberdade e à segurança*”, o assalto e o furto são corriqueiros e diários, já não surpreendem às pessoas como antigamente. Os cidadãos assaltados ou furtados contentam-se, quando não há agressões físicas a sua pessoa. E a instituição penal, como se apresenta hoje, ressocializa um número muito pequeno de presos:

Alguns se sujeitam, obedecem, crêem na eficácia judiciária, na certeza e retidão da punição e na esperança de dias melhores em liberdade. Outros se sujeitam de modo diverso, se mostrando arredios, inconvenientes, insubordinados. Portanto, é de todo provável que a construção diferencial de identidade e de carreiras institucionais subjetivas tenha muito mais a ver com a disciplina e a segurança, paradigma que parece estruturar a vida das prisões, do que qualquer outra dimensão da vida prisional. (Adorno e Bordini, 1989, p. 92)

A antropóloga Zaluar, em uma das suas falas (1994, p. 255), diz que, apesar de todas as mazelas do Brasil, acredita que os brasileiros ainda encontrarão mecanismos que sustentem mudanças sociais, desde que alguns conceitos possam ser mudados e sabiamente entendidos pelo cidadão. Zaluar prega a necessidade de a sociedade apreender que a presença física e, muitas vezes, simbólica da autoridade na pessoa do pai e da mãe, do professor e da polícia são necessárias para estabelecer ou manter a ordem entre os membros envolvidos nesse processo.

Indaga-se, neste momento, quais as perspectivas positivas que essas mulheres terão quando terminarem de cumprir a pena prevista pelo juiz?

Os depoimentos feitos no decorrer desta pesquisa desvelam: que a penitenciária deixa marcas profundas nas mulheres que por lá passam; que a ressocialização é mais fácil de acontecer quando há uma relação de confiança entre funcionário e presa⁸⁰; que a família ainda é a instituição que fornece os laços possíveis – os motivos para a ressocialização do indivíduo. As políticas sociais deveriam desenvolver um trabalho mais sério, em que o justo, a ética e o profissionalismo preponderassem na ressocialização da presa. Faz-se necessário que a instituição penal profissionalize e oportunize uma mudança nos saberes e habilidades dessas mulheres tuteladas, momentaneamente, pelo Estado. A Secretaria da Educação e a Secretaria da Justiça e da Segurança, em parceria, deveriam supervisionar as ações educacionais das pessoas que trabalham diretamente com as presas, de uma maneira mais acurada e constante. Com tais medidas evitar-se-ia uma realidade cruel institucionalizada: a de serem chamados de padrastos ou madrastas⁸¹ incompetentes dessas infratoras, privadas de liberdade.

O Estado tem por obrigação punir o indivíduo que comete atos ilícitos previstos no nosso Código Penal, embora também tenha outros compromissos com essa mesma cidadã encarcerada: prevenir que novos delitos sejam praticados e regenerá-la para que possa ocupar um lugar na nossa sociedade, para que se torne uma egressa com trabalho, com um emprego. É relevante criar uma política social direcionada a essas egressas, para evitar que elas retornem ao crime, caso contrário será difícil de desmanchar esse emaranhado de contradições. É preciso reafirmar que a reincidência muitas vezes ocorre, porque

81 Craidy (1996, p. 71) confirma esse processo de aprendizagem com os meninos de rua em sua tese, a interação pedagógica só ocorre quando surge o comprometimento entre educador e educando.

a presa não consegue ocupação após a sua saída da penitenciária, vivendo, na sua existência, o estigma da exclusão.

Na direção de uma sociedade mais justa, e conhecendo as conseqüências desta forma de exclusão – a não existência do trabalho digno para uma ex-apidada, as instituições sociais têm a possibilidade de planejarem positivamente suas ações, tendo em vista mais este grito de alerta. Vai aí, a minha fé na educação e na transformação.

Nesta direção, pergunta-se, como se configura a função social do Estado moderno?

ÀS PESSOAS DE BOA-VONTADE

Deve ficar muito claro para nós que um trabalho como este, no meu entender, só é válido na medida em que serve de engrenagem substitutiva, em que desafia os grupos a se assumirem num processo de transformação da realidade, de que resulta a mudança das pessoas e não apenas num processo de purificação das almas. (Freire,1985:02).

Ao finalizar este trabalho que, longe de pretender esgotar a temática, tem a intenção de oportunizar novas questões e ressaltar alguns aspectos que se mostraram relevantes durante o processo, detenho-me no que segue.

Primeiramente, o Estado precisa abrir novas veredas no sistema penitenciário viabilizando condições de ressocialização, principalmente, à presa que não mais quer delinquir. Embora seja responsabilidade desse mesmo Estado instrumentalizar o cidadão na construção da sua cidadania, nem sempre ele cumpre com os compromissos que lhe são inerentes, para que esse processo seja realizado.

É paradoxal, mas como a mulher-presa poderá reconstruir sua cidadania com dignidade se, enquanto sob tutela, não é preparada e qualificada

profissionalmente para que tenha condições de enfrentar o mercado de trabalho, quando retornar à sociedade? De outra feita, poder-se-ia também perguntar, de parte da sociedade, haveria empregos para ex-presidiárias que viessem a ser qualificadas?

A detenção de uma pessoa tem por objetivo puni-la pelo delito cometido; coibir, pelo caso exemplar, outras pessoas de cometerem o mesmo crime e, finalmente, ao término, conduzi-la ressocializada à sociedade. Entretanto, sabe-se que esse processo de ressocialização não acontece em todas as casas prisionais do país, nem é permanente numa mesma instituição penal.

Há necessidade que o sistema prisional se instrumentalize constantemente, capacite o seu quadro funcional e que o setor educacional tenha uma atuação transformadora no ser-sujeito: a apenada. Faz-se necessário que o governo oriente ações que possibilitem à Penitenciária Feminina Madre Pelletier reconquistar o apoio da comunidade gaúcha, como em épocas anteriores.

Reverter essa mazela não é utopia: precisa-se, antes de tudo, de vontade política. Apesar da Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados, na IV Conferência Nacional de Direitos Humanos de 1999, ter como slogan “Sem direitos sociais não há direitos humanos”, os avanços têm sido lentos nessa área.

Como pode um país, que professa a religião católica como oficial, não oportunizar às presas freqüência ao culto ecumênico por falta de agentes penitenciários para fazer a segurança? Não é atribuição do padre, pastor ou irmão oportunizar a transformação moral da presa? Que tipo de presa o Estado quer formar? Ou não quer? Onde fica a solidariedade por um mundo mais fraterno e menos violento? Por que o governo federal não cumpre o pagamento

do Fundo Penitenciário⁸²? Certamente essa receita possibilitaria a viabilização de muitos projetos suspensos por falta de verbas.

Embora o espaço físico da escola, na infância e adolescência, tenha oportunizado às presa-alunas conhecerem alguns colegas, que mais tarde seriam os parceiros que a iniciariam no crime, ratifica-se que a relação pedagógica não foi elemento desencadeador na carreira desviante dessas mulheres. Muito pelo contrário, poucas do universo investigado, não guardaram recordações positivas e agradáveis das aulas assistidas quando crianças e adolescentes, contrariamente ao que se pensa muitas vezes, de que a escola exclui o aluno (ver p.176), e que, por isso, ela delinqü. Isso não significa que as instituições não possam vir a ter preponderante papel no processo de inclusão dessas pessoas estigmatizadas na sociedade trabalhando no sentido de que todos devam ter “um lugar ao sol”. É só acrescentar na formação de professores a importância do acolhimento a mais numa minoria – a de população ex-apenada.

Para concluir, o desemprego mostrou-se de um risco social muito alto que induziu a mulher ao delito.

O projeto “Diga não à violência, você pode” deveria ter sido lançado concomitantemente com outro projeto em parceria entre a sociedade e governo, tendo por objetivo criar laços de comprometimento para fomentar empregos para egressas de presídios. Sem isso, o contraste entre os estratos sociais aprofundar-se-á. E também a violência.

⁸² O Tesouro Nacional deve repassar 3% do lucro da Loteria Federal à segurança pública e à construção de presídios.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ADORNO, Sérgio. A criminalidade urbana violenta no Brasil: um recorte Temário. In: *Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 35, 199.
2. _____; BORDINI, Eliana B. Reincidência e reincidentes penitenciários em São Paulo, 1974 -1985. In: *Boletim informativo e bibliográfico de ciências sociais*, São Paulo, v 9, 199.
3. _____. Cidadania e administração da justiça criminal. In: *O Brasil no rastro da crise*, ANPOCS, São Paulo, 1994.
4. BARATTA, Alessandro; STRECK, Lênio Luiz; ANDRADE, Vera Regina. P. de (Org. Carmen Hein de Campos). *Criminologia e feminismo*. Porto Alegre: Sulina, 1999.
5. BARRANTES, J. Enrique Castillo. Becker y Chapman, criminólogos interacionistas: el interaccionismo simbólico en criminología, visto en dos de sus representantes. *Instituto Latinoamericano para la prevención del delito y tratamiento del delincuente. Naciones Unidas*, 1980.
6. BECCARIA, Cesare. *Dos delitos e das penas*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1997.
7. BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari Knopp. *Investigação qualitativa em educação*. Portugal: Porto Editora LDA, 1994.

8. BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
9. BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Difel, 1989.
10. CASTRO, C.P., Ped. Jerônimo P. de. *Santa Maria Eufrásia Pelletier*. Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda, 1941.
11. COULON, Alain. *Etnometodologia e educação*. Petrópolis: Vozes, 1995.
12. CRAIDY, Carmem Maria. *O analfabetismo do menino de rua como produção simbólica da exclusão social*. Porto Alegre: PPGEDU/UFRGS, 1996.
13. DELAS, Jean-Pierre; MILLY. *Historie des pensées sociologiques*. Paris: Éditions Dallaz, 1997.
14. DIAS, Jorge de Figueiredo; ANDRADE, Manuel da Costa. *Criminologia. O homem delinqüente e a sociedade crimonógena*. Portugal: Coimbra Editora Limitada, 1992.
15. EDUCAÇÃO, *subjetividade e poder*. Unijui, Ijuí, v. 04, n. 4, jan/jul. 1997.
16. EDUCATIONAL Theory, *Board of Thistees of the University of Linois*, Llinois, v. 36, n. 4, 1986.
17. ELZIRIK, Marisa Faermann. *Ética e cuidado de si: movimentos da subjetividade*. Porto Alegre: Mimeo., 1996.
18. _____. *Morin e o problema epistemológico da complexidade*. Porto Alegre, Mimeo., 1994.
19. FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
20. _____. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1987.
21. FREIRE, Paulo. *Professora sim, tia não*. 2ª ed. São Paulo: Olho D'água, 1993.
22. _____. *À sombra desta mangueira*. São Paulo: Olho D'água, 1995.
23. _____. *Educação na cidade*. São Paulo: Cortez, 1991.
24. _____. *Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
25. _____. *Pedagogia da esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

26. _____. *Pedagogia da indignação*. Cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.
27. _____. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.
28. _____. *Professor Paulo Freire e os educadores de rua: Tópicos da reunião realizada em Campinas, 1985*. Porto Alegre: Mimeo.
29. _____.; BETO, Frei. *Essa escola chamada vida*. São Paulo: Ática, 1991.
30. _____.; MACEDO, Donaldo. *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
31. _____.; NOGUEIRA, Adriano. *Quer fazer: teoria e prática em educação popular*. Petrópolis: Vozes, 1991.
32. _____.; SHOR, Ira. *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
33. GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 1961.
34. _____. *Estigma*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
35. _____. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1985.
36. GRAMSCI, A. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A, 1968.
37. HIRSCHI, Travis. *Causes of delinquency*. Los Angeles: University of California Press, 1972.
38. MARRE, Jacques Léon. História de vida e método biográfico. *Cadernos de Sociologia - UFRGS*, Porto Alegre, v. 3, n. 3, jan/jul, 1991.
39. MARTINI, Rosa Maria F. Antecipação de Kant ao problema das vertentes epistemológica e ética da educação. In: *Revista Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 18, nº2, 1993.
40. MEAD, George Hebert. *Espiritu, persona y sociedad*. México: Paidós Studio, 1993.
41. OLIVEN, Rubem. *Violência e cultura no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1989.

42. PAVARINI, Massimo; PEGORARO, Juan. *El control social en el fin del siglo*. Buenos Aires: Oficina de Publicaciones, 1993.
43. QUEIROZ, Maria Isaura. Relatos Oraís: Do indizível ao dizível. In SIMSON, Olga de Moraes (org). *Experimentos com histórias de vida*. São Paulo: Vértice, 1988.
44. QUINTANA, Mario. *Nariz de vidro*. 10^a ed. São Paulo: Moderna, 1994.
45. RUCHEL, Robson Jesus. *Educação de adultos presos: uma proposta metodológica*. São Paulo: FUNAP, 1995.
46. SAFIFIOTI, Heleieth I.B.; ALMEIDA, Suely. *Violência de gênero: poder e impotência*. Rio de Janeiro: Revinter, 1992.
47. SALGADO, Joaquim Carlos. *A idéia de justiça em Kant*. Belo Horizonte: Poed, 1981.
48. SILVA, Jenifer K. Leal da; RODRIGUES, Suzana. Um estudo sobre a formação do estigma do presidiário considerado da alta periculosidade. Porto Alegre: *Revista da Escola do Serviço Penitenciário*, ano 1, n°1, 1989.
49. THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
50. VEIT, Maria Helena Degani. Sucesso e fracasso escolar no processo de alfabetização: uma abordagem sociológica. *Revista Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 17, n° 1, 1987.
51. VELHO, Gilberto. *Desvio e divergência: uma crítica da patologia social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.
52. ZALUAR, Alba. *Teleguiados e chefes*. Rio de Janeiro: Iser, 1990.
53. _____. Quando o malandro dança. In: Natureza, história e cultura: repensando o social. *Cadernos de Sociologia*. Porto Alegre: PPGS/UFRGS, v 4, 1993.
54. _____. *Condomínio do diabo*. Rio de Janeiro: Revan, 1994.

RELAÇÃO DOS ANEXOS

- ANEXO A - ENTREVISTA COM A EX-MADRE ELISABETE
- ANEXO B - ENTREVISTA COM A PRIMEIRA PRESIDENTE DA SOCIEDADE BENEFICENTE BOM PASTOR
- ANEXO C - NOVA CHANCE COMEÇA NA SALA DE AULA - REPORTAGEM DE ZERO HORA RELATANDO QUE HAVERÁ REMIÇÃO ÀS PRESAS-ESTUDANTES
- ANEXO D - CORRESPONDÊNCIA ENVIADA AO NOES, SECRETARIA DA EDUCAÇÃO/RS
- ANEXO E - CORRESPONDÊNCIA À SUSEPE, SECRETARIA DA JUSTIÇA E DA SEGURANÇA/RS
- ANEXO F - APENADAS LIBERTADAS PELA FÉ - REPORTAGEM DE ZERO HORA RELATANDO O RESGATE DA HISTÓRIA DA MADRE PELLETIER PELAS PRESAS-ALUNAS
- ANEXO G - CANÇÃO DA PRIMAVERA - MÁRIO QUINTANA
- ANEXO H - SOCORRO - MILLÔR FERNANDES
- ANEXO I - FOLDER DO CONCURSO DE REDAÇÃO
- ANEXO J - SER MÃE-PRESA - TEXTO COLETIVO DAS ALUNAS DO ENSINO FUNDAMENTAL
- ANEXO L - SER MÃE-PRESA - TEXTO COLETIVO DAS ALUNAS DO ENSINO MÉDIO
- ANEXO M - EM NOME DO PAI E DA MÃE - MARTHA MEDEIROS
- ANEXO N - QUESTÕES DA ENTREVISTA
- ANEXO O - QUESTIONÁRIO DO SETOR EDUCACIONAL - ESCOLA (TRIAGEM)
- ANEXO P - QUADRO I - CARACTERÍSTICAS SÓCIO-OCUPACIONAIS DAS DETENTAS
- ANEXO Q - QUADRO II - CONTEXTO FAMILIAR DAS DETENTAS QUANDO CRIANÇAS
- ANEXO R - QUADRO III - CONTEXTO EDUCACIONAL PRÉVIO À DETENÇÃO

ANEXO A

ENTREVISTA DA SR^a ANGÉLICA DOS ANJOS, EX-MADRE ELISABETE

Eu trabalhava em cima da confiança mútua, elas acreditavam em nós e nós acreditávamos nelas.

Comecei a trabalhar com as presas gaúchas em 1961 até 1963, depois retornei ao Rio de Janeiro, eu sou carioca, para cursar a faculdade de Serviço Social. Após seis anos, ou seja, em 1969 eu retorno, desta vez assumindo a direção da casa; fiquei até 1977. Houve uma época em que o maior índice de delitos era o homicídio. Naquele tempo não existiam assaltos. Logo após veio o roubo e depois veio a droga.

Montamos a estrutura administrativa, organogramas, funções de cada irmã: a valorização humana, a saúde, o administrativo e o penal, que era a segurança, como elas chamavam. Começamos com meia dúzia de funcionários da Secretaria da Segurança, com muito pouco, todos CCs⁸³. Logo após, recebemos agentes penitenciários concursados pela SUSEPE⁸⁴. Quando eu saí de lá, em outubro de 1977, tinha em torno de quarenta funcionários, incluindo a equipe técnica.

Foi uma pena as freiras terem saído da penitenciária. Elas saíram em 1981. Eu saí antes para cuidar da minha mãe, porque o meu irmão faleceu e ela tinha muita idade. Achávamos que ela não iria resistir por muito tempo, que iria morrer logo e que eu poderia retornar em breve à Congregação. A minha mãe viveu treze anos e aí, não tinha mais condições de eu voltar à penitenciária.

Meu primeiro contato com uma penitenciária foi com dez anos de idade. Meu pai era da polícia federal, no Rio de Janeiro. Quando fundaram a Penitenciária Feminina em Bangu, o meu pai foi selecionado entre os policiais da polícia federal para ser o assessor das irmãs do Bom Pastor. Elas foram para prestar serviço, a casa era do governo, mas sentiram necessidade de terem um funcionário em que tivessem confiança para ajudá-las nesse serviço. No primeiro Natal daquela penitenciária as irmãs insistiram para que o meu pai me levasse até lá.

83 CCs – Cargo de Comissão: pessoas que trabalham em um órgão público sem prestarem concurso público, mas são da confiança do chefe ou partido do governo no poder.

84 SUSEPE – Superintendência do Serviço Penitenciário Penal é a sigla do órgão que coordena e controla todos os presídios gaúchos.

Eu fiquei deslumbrada com as freiras, mas eu acho que o meu deslumbramento maior foi com as presas. Ali nasceu a vontade de trabalhar com todas elas.

O presídio tinha um diretor que era um militar gaúcho, o Sr. Caneppea, e a sua esposa encontrava-se naquele local para distribuir presentes às presas. Eu estava junto às irmãs, sentadinha, com os olhos esbugalhados e encantada com tudo aquilo: era uma casa muito grande, toda pintada, com os móveis novos, nunca tinha visto uma coisa tão grande. A Sra. Maria Caneppea chamou-me e me deu um abraço, dizendo que não sabia que teria uma menininha naquele local, caso contrário ela teria trazido um presente para mim. Ela se desculpou pedindo que eu escrevesse para ela, dizendo o que eu queria ganhar de presente, que ela o enviaria pelo meu pai.

Chegando em casa, a mamãe perguntou-me qual era a minha impressão e eu relatei o pedido da Sra. Maria; falei que achava que iria pedir um emprego para ela. Eu achei que era o máximo a minha mãe ir trabalhar naquela casa. Mamãe falou com o papai e eles chegaram a um denominador comum, de que não seria mau ela ir trabalhar lá. Nós já estávamos taludinhos para seguir a vida, já estudando. Eu escrevi a carta, dizendo que eu não queria brinquedos, que tinha bastantes bonecas, e queria que a minha mãe trabalhasse lá. Três dias depois a mamãe já estava contratada. Ela trabalhou mais de trinta anos na Penitenciária de Bangu.

Eu trabalhava aqui, e ela, no Rio; ela vinha passar o fim do ano comigo, o Natal, Ano Novo e ficava aqui até chegar o inverno; ocupava-se muito com as presas. A mamãe foi trabalhar no presídio, e o meu contato começou a ser mais direto com esse trabalho, achando tudo aquilo uma beleza, já vendo como as irmãs trabalhavam e dentro de mim eu só pensava assim: como eu gostaria de trabalhar com elas, mas para trabalhar com elas eu vou ter que ser freira, eu achava que trabalhar como funcionária não era a mesma coisa, na minha cabeça já tinha essa idéia, não sei... acabei entrando na congregação. Eu tinha vinte anos.

Na minha época, o meu relacionamento era direto com o governo, já não passava pela superiora geral da congregação, como era antigamente na Europa.

Na organização administrativa da PFMP⁸⁵, o Dr. Danton exigiu que as irmãs recebessem honorários como agentes de segurança e a diretora como os diretores dos demais presídios. Nós recebíamos um ordenado, mas não éramos funcionárias públicas; percebíamos em folhas separadas pelo trabalho prestado à comunidade e ao governo.

A política de boa vizinhança sempre foi muito boa com os governantes, nós não saímos dali em função da política. De maneira alguma. Todas as festas da Secretaria da Justiça eram feitas no salão da penitenciária. As irmãs saíram por “n” motivos, mas delas, da congregação; elas resolveram trabalhar de uma maneira diferente, sem exclusividade de horários, de permanência em local de trabalho. Chegaram à conclusão de que não estavam no caminho da Igreja de hoje, daquele tempo, queriam uma coisa mais aberta. Lamento essa saída que não foi só daqui, saíram do presídio de São Paulo, de Recife. A Congregação do Bom Pastor ainda existe aqui no nosso Estado: a casa ao lado da Penitenciária Feminina Madre Pelletier e em Caxias do Sul elas trabalham com mães solteiras. A Congregação do Bom Pastor não trabalha mais com mulheres presas. Elas mudaram a finalidade inicial dessa congregação religiosa.

Nós tínhamos um tipo de trabalho assim: individualizar a pessoa, cada um é cada um e ao mesmo tempo eu insistia no trabalho de grupo. Nós fazíamos reuniões todas as semanas com as irmãs, com os funcionários e com a equipe técnica; todos os domingos de manhã eu fazia reunião com todas as presas. Eu dava liberdade para elas falarem tudo o que elas queriam, inclusive dos funcionários. Nenhuma delas poderia faltar e ali programávamos as festas.

Não tínhamos esse tipo de regime fechado que hoje acontece dentro da Penitenciária Feminina Madre Pelletier⁸⁶, fechávamos os quartos pelas manhãs quando elas iam para o trabalho. Todas desciam para o café e só voltavam à noite. Os quartos já ficavam limpos e organizados, cada uma varria o seu quarto e deixava o lixo na porta, porque depois passava uma presa encarregada de varrer os corredores e os banheiros. Existia privacidade entre elas, ninguém entrava no quarto da outra. Elas trabalhavam o dia inteiro, não ficavam ociosas e recebiam o salário no fim do mês.

85 PFMP – Penitenciária Feminina Madre Pelletier.

86 Atualmente só descem da galeria fechada as presas que estão ligadas a algum serviço, caso contrário, ficam o tempo todo fechadas nas suas respectivas galerias.

Elas tinham aulas de cabeleireiro durante a semana e nos sábados enfeitavam umas as outras. Tínhamos um salão montado dentro da penitenciária. Havia a rouparia⁸⁷: as mesas onde elas arrumavam as roupas, tinha tábua para passar, uma máquina para consertar e todo o material necessário ao conserto. As roupas saíam prontas daqui.

Quanto ao tema das visitas íntimas achamos, naquela época, que era muito cedo para partirmos para um negócio desse vulto e aí resolvi conversar com o juiz das execuções. Seleccionamos um grupo de doze presas que tinham parceiros, companheiros ou maridos fixos e uma vez por mês eles, os maridos, vinham buscá-las aqui na PFMP e se responsabilizavam pelo seu retorno. No início elas saíam domingo pela manhã e retornavam à tarde; mais tarde, quando a experiência deu certo, nada de errado, elas iam sábado à tarde e voltavam no domingo, às 17h.

Uma vez, uma delas brigou com o marido e voltou primeiro para a PFMP; às 17h do domingo o marido estava na minha sala muito preocupado, porque ele não sabia onde estava a sua mulher, acreditando que ela tivesse fugido. Informei-lhe que já sabia da briga deles e que ela se encontrava naquele presídio. O coitado do homem respirou aliviado, o compromisso era dele comigo!

Eu entendo por parceiro fixo aquele homem que vivia há anos com a presa, tinham filhos juntos e que continuava visitando-a na prisão. Hoje, eu não sei se seria assim. Tenho dúvidas.

Estas saídas continuaram por muito tempo, até dois anos antes de eu sair da PFMP e nunca houve fuga. As mulheres eram diferentes. Tem algumas que de repente se viram em uma situação dessas, difícil e delinqüiram.

No meu tempo nós tínhamos uma psicóloga, um psiquiatra, um médico clínico, um pediatra, uma ginecologista, dois dentistas e uma advogada. Nunca chegamos a mais de oitenta presas. A parte jurídica estava sempre em dia. Tínhamos um bom relacionamento com o juiz das execuções. Todos os profissionais cumpriam a sua carga horária na íntegra e iam diariamente à penitenciária.

87 Tive a oportunidade de ver o álbum com fotografias da época em que ela foi diretora.

Uma vez chegamos a fazer um baile misto. O diretor do Presídio de Mariante⁸⁸ tinha um sonho que eu levasse as meninas até lá, eu propus que ele trouxesse os guris dele para cá. Elas prepararam um local para receberem os rapazes, foi uma semana de esfrega chão, limpa vidros, lava lençóis. O diretor trouxe uma turma de dez presos, teve desfile de fantasia e eles foram jurados; o baile foi até as 22h, no refeitório. Após o jantar, eles ajudaram a lavar a louça. Dançaram, namoraram. Foram duas noites de baile de carnaval.

As cursilhistas⁸⁹ levavam as fantasias e elas cortavam, montavam um pedaço de uma e de outra e faziam as suas próprias fantasias. Ficavam lindas. O comportamento deles foi muito bom, houve respeito; entretanto, um funcionário que veio acompanhando o diretor para garantir a segurança dos apenados apaixonou-se por uma presa, chorou, deu o seu rádio para ela; ele foi o único a criar caso. O diretor ficou envergonhado. Nenhuma presa apareceu grávida após esse baile.

Nós também fomos a Mariante. Elas foram jogar vôlei com os meninos de lá. A irmã arrumou calções pretos para elas irem jogar e uma delas disse: “irmã a senhora não acha que era melhor a gente ir com uma meia calça por baixo por que vai ser perna demais para eles?” Achei graça porque o que é que a meia-calça iria impedir alguma coisa?

Também fomos a Mariante para fazer um dia de Pastoral com os presos e elas foram para dar testemunho do que aprendiam aqui conosco. Por quatro anos nós as levamos à praia de mar, Capão da Canoa⁹⁰; fazíamos piquenique aqui no Lami⁹¹. Nunca houve fugas.

88 Cidade gaúcha, fica perto de São Jerônimo.

89 Cursilhistas eram pessoas que faziam parte de um movimento católico. Elas ajudavam a recuperar as presas, tinham um grupo de oração e colaboravam com as finanças da casa.

90 Praia do litoral norte, fica a 60 km de Torres.

91 Bairro de Porto Alegre, perto de Belém Velho. Antigamente podia-se tomar banho no rio, hoje, está poluído.

Tínhamos padaria, elas abasteciam todo o consumo da casa com pães e biscoitos de maisena, uma delícia! Malharia, existiam convênios com o SENAC e com o SENAI; nós vendíamos esses produtos na ARCA⁹².

Elas bordavam muito bem. A casa era muito limpa, eu fazia questão que elas andassem limpas, penteadas, pintadas e cheirosinhas; antigamente elas eram uniformizadas, com o passar do tempo se relaxou o uso do uniforme. Quando a madre-geral, uma inglesa, veio nos visitar pela primeira vez, a Tânia⁹³, a secretária da casa, preparou com elas um coralzinho cantando em francês, uma homenagem à Santa Eufrásia Pelletier. Elas estavam orgulhosas por estarem aprendendo o francês.

O uniforme para esta festividade foi comprado por mim, em São Paulo. Elas estavam muito bonitas e bem vestidas.

A reincidência era baixíssima, era mínima. Sempre programávamos alguma coisa para o fim-de-semana, assim elas ficavam ocupadas a semana inteira para o passeio. Uma das vezes em que íamos para a praia uma delas me interfonou⁹⁴, na véspera. Eu disse que estava muito ocupada, mas assim que me desocupasse a chamaria, e foi o que fiz. Ela foi até o meu gabinete e eu perguntei o que tinha acontecido e ela pediu desculpas, que eu a perdoasse mas ela não queria ir à praia e aí quem ficou surpresa fui eu: como que você não quer ir à praia? A gente pede para o juiz, consegue a autorização, consegue um ônibus e você não quer ir? Ela me respondeu: “não quero ir, porque se eu for eu vou fugir. Não quero deixar nem a senhora e nem as minhas colegas mal!” Eu achei isso lindo e logo me abracei a ela e perguntei o que ela ficaria fazendo, ela disse que ficaria com as funcionárias da casa e iria nos esperar com um sopão. A sopa estava um delícia.

As funcionárias sensibilizaram-se com essa presa. Era outro tipo de funcionária, eu não admitia falta de respeito com as presas; elas entravam rapidamente no nosso ritmo, com as reuniões semanais. Nós selecionávamos muito bem os funcionários e tínhamos muita autoridade. Com reuniões semanais as coisas funcionam, era um trabalho desgastante para a direção, mas valia a

92 ARCA era uma feira beneficente que vendia produtos que as sociedades faziam.

93 Essa funcionária foi diretora da penitenciária no ano em que comecei a trabalhar como professora, em 1993.

94 Naquele tempo, as presas podiam falar com a diretora por meio de um interfone que existia nas galerias.

pena. Trabalhávamos em um clima de muita confiança entre direção, funcionários e presas.

Uma vez ouvimos uma choradeira, gritos no pátio, eram mais ou menos 19h e as irmãs correram até lá. Estávamos no refeitório. Madre, falaram as presas, a fulana está chorando porque ela não pode fumar, ela não tem mais cigarro. Parecia a mulher adúltera, sendo carregada por todos. Aí eu disse: como é que eu vou fazer, se eu também não fumo? Mas eu vou ver o que eu posso fazer por você. Fica sentada aí e vocês vão embora, já entregaram o assunto, agora podem ir embora. Eu fui na minha sala, peguei o dinheiro e disse a ela: “olha, você vai atravessar a rua, vai até lá procurar uma birosca (armazém) e compra o cigarro; vai num pé e volta no outro, porque senão você não vai fumar, porque eu não fumo, ninguém mais tem cigarro”. Ela levou um susto, estremeceu toda, não teve nem tempo para falar, pegou o dinheiro e enquanto eu estava falando com o guarda para ele ficar de olho nela, ela já estava de volta com o cigarro. Ela contou o relato às colegas e elas não quiseram acreditar, uma a uma veio perguntar-me se era verdade. Tive que chamar o guarda para ele confirmar. Aí, elas bateram palmas e cantaram.

Uma vez, houve um encontro de promotores do Brasil aqui no RS e vieram várias esposas também. Eles vieram visitar a PFMP, a penitenciária era o cartão de visitas do governo e as pessoas ficaram maravilhadas. Tinha uma senhora que queria adotar uma criança da creche de qualquer maneira, de tão linda que era a nenen. A creche era um sonho, uma realização da minha vida⁹⁵. A inauguração da creche foi muito bonita. A creche, quando inaugurada, era isso que está nas fotos: num lado tinha os bercinhos maiores e no outro tinha os bercinhos de vime para as nenens. A copa, os banheirinhos com vasos pequenos, os chuveirinhos, tudo muito limpo.

Olha as fotos das crianças, este é o Joãozinho⁹⁶ que já está no presídio Central, o Janjão. Essa é a Denise que está por aí, vagando pelas ruas.

O estabelecido era que as crianças ficariam de zero a três anos, mas se a mãe fosse sair quatro, cinco ou seis meses após, por questão de bom-senso a

95 A creche foi inaugurada em 11.03.1971.

96 Ela soube que ele estava preso por intermédio de um agente penitenciário.

criança permanecia na creche. Naquela época tínhamos muitas crianças, chegamos a ter dez crianças.

A Marina foi uma criança que ficou até grandinha na creche, ela não incomodava, a mãe era do interior e não tinha parentes para ficar com ela. Conseguimos um jardim de infância para ela freqüentar, mas foi uma tragédia, porque ela não podia ver o pai das outras crianças. Ela se agarrava nas pernas dos pais e as crianças gritavam dizendo que o pai era delas, e não da Marina. Foi uma confusão. Ela foi a única criança privilegiada a ficar mais tempo na creche da penitenciária, por não ter parentes.

Numa dessas reuniões de domingo programamos um churrasco, eu tenho a impressão que era carnaval, a gente ocupava muito o carnaval para que elas não ficassem “inventando”...E depois de tudo organizado, isto é, quem iria se encarregar do churrasco, quem iria ficar de recolher os pratos, quem iria lavá-los, enfim, quando tudo estava organizado a Ritinha⁹⁷ levantou a mão e todo mundo ficou olhando quando disse: “eu acho que para um churrasco deste devia ter uma caipirinha”. Todas bateram palmas e seguraram a Ritinha no colo...eu achei que era coisa encomendada, mas enfim, foi muito bem encenado e eu fiz de conta que não entendi.

Disse que se elas garantissem que não iriam abusar, passarem da conta, que uma não iria tomar no lugar da outra, que não iria acontecer nada, eu garantiria a caipirinha. Elas disseram que se garantiam; eu comprei aqueles copinhos descartáveis e nada de mal aconteceu. Era uma confiança mútua, um trabalho, uma construção.

Eu me lembro de um dia que ela ia fazer exame no IPF⁹⁸. Chovia muito e as presas a arrumaram bem e disseram: desta vez a Ritinha passa, hoje ela vai passar. Ritinha dizia que não voltava mais à penitenciária, que lá só tinha doidos, eu não venho mais para cá. De noite, ainda chovia muito, eu fui recebê-la na porta e disse: voltaste, Ritinha? E ela me respondeu: “devido ao mau tempo, madre!”

⁹⁷ Cheguei a conhecê-la na PFMP, em 1993. Ela deu entrada na PFMP no dia 12.09.69 por determinação do Juiz de Direito da Comarca de Taquara; foi condenada a 15 dias de prisão simples e 6 meses de medida de segurança no Instituto Psiquiátrico Forense em 23.12.70. No momento do delito ela estava bêbeda e gritou com um policial, foi presa por desacato à autoridade. Era portadora de deficiência mental, tinha a idade mental de uma criança de seis anos; e por isso nunca conseguia passar nos exames que lhe dariam a liberdade. Em 22.11.94, com a ajuda da diretora da PFMP daquela época, pôde ser transferida para a Sociedade Porto-Alegrense de Auxílio aos Necessitados - SPAAN. Chama-se Maria Olinda da Conceição, a Ritinha, por devoção à Santa Rita.

Era outro tempo. Estes detalhes que eu comentei aqui, não são possíveis hoje em dia. O nosso caso, como congregação era diferente, era dedicação exclusiva, eram vinte e quatro horas ali com elas; elas faziam parte da vida da gente, era o ideal do nosso trabalhar, era muito diferente. Mas trabalhá-las com uma maneira mais humana, eu acredito que é o mínimo para uma ressocialização.

ANEXO B
ENTREVISTA DA SR^a DÉLNI, SENHORA DA SOCIEDADE BENEFICENTE
BOM PASTOR

A senhora Delnia Bertaso foi a primeira presidenta da Sociedade Beneficente Bom Pastor⁹⁹ e até hoje atua nessa atividade ajudando as presas, principalmente as crianças da creche.

Acredito que nem tanto ao mar e nem tanto a terra, que a PFMP (Penitenciária feminina madre Pelletier) não fosse o hotel cinco estrelas como era antigamente; mas atualmente a cadeia tem o regime do medo, todo mundo tem medo de todo o mundo. Não há um trabalho integrado: de que adianta passar anos reclusa sem uma recuperação? Gasto para o governo e para a sociedade.

Os dentistas colocavam próteses, dentaduras nas presas que não tinham dentes. Elas pagavam o material e quando não tinham dinheiro eu pagava. Se existisse assistência jurídica constante e rápida, talvez 20% delas poderiam já estar liberadas e a penitenciária menos cheia. Infelizmente o objetivo é trancá-las. Por que não pedir auxílio à OAB¹⁰⁰? Tem tantos advogados, desembargadores, juízes aposentados, por que não pedir ajuda a eles?

Que mulher maravilhosa foi a mãe da Angélica, ela ensinava as presas a costurarem, a fazerem crochê. Uma pessoa maravilhosa, ela tinha um carisma muito grande com as presas. Foi lastimável a saída das irmãs de dentro da PFMP. Perda para elas e para nós, sociedade. O Dr. Danton era uma pessoa fantástica, muito preparada. Foi uma espécie de guru daquela casa; a sua esposa, a D. Duzi, foi maravilhosa para a creche.

Tudo era muito justo naquela época, até uma presa disse à Madre Medianeira: aqui é muito bom, a única coisa que está faltando é homem. Quando a gente entrava lá, não sabia se estava entrando no Sévigné, no Bom Conselho ou no Bom Pastor. Era tudo igual, limpo, cheio de folhagens. Bons tempos!

Era uma vida de colégio, era um internato. As presas saíam preparadas para assumirem uma casa. A Salete foi a minha melhor cozinheira, por anos. Excelente. Uma ex-presas. Ela era fumante, mas jamais fumou na minha frente. A

99 Essa Sociedade foi fundada em 05.05.1981.

100 OAB - Ordem dos Advogados do Brasil/RS.

primeira vez que ela foi presa, foi injustamente, só porque ela deu uma surra no marido; ele era BM¹⁰¹, bebia e dava muito nela. Na audiência o juiz perguntou se o marido estava dormindo quando ela deu nele. Ela confirmou e disse: claro doutor, pois um bruto homem, se ele não dormisse eu não poderia dar nele. Ela foi condenada.

Era um estabelecimento que se equiparava a um hotel cinco estrelas em limpeza, organização, justiça e respeito. Uma verdadeira ressocialização! A inauguração da creche foi linda. Houve época que tivemos até dezessete crianças, porque elas podiam ficar até os seis anos¹⁰². O Bom Pastor pagava o colégio São Luís para algumas crianças da creche. As irmãs deixavam a gente pagar como podia, quando tínhamos dinheiro.

Está faltando um atendimento, por parte da SUSEPE, para os funcionários. Acredito que seria um problema a menos se eles tivessem apoio, inclusive emocional. Havia um entrosamento muito bom entre os funcionários e a direção com as senhoras da Sociedade Bom Pastor. Estou cansada de pedir um funcionário para ser o ponto de ligação entre a sociedade e a direção da PFMP¹⁰³. Eu digo sempre que a Sociedade Bom Pastor não é um talão de cheques, muito menos um guichê de banco!

Elas [as presas] faziam peças de teatro no anfiteatro ajudadas por funcionários da casa. Agora a penitenciária só quer segregar, segregar. É um mal nacional.

Numa ocasião, eu ganhei um garrafão de cachaça que o meu genro trouxe de Gravatal¹⁰⁴, eu preparei inúmeras garrafinhas de licor de bergamota, enfeitadas com fitas, para serem vendidas no chá anual da penitenciária.

Elas ficaram expostas nas barracas para serem vendidas à comunidade presente e nenhuma garrafa foi pega pelas presas. Havia confiança e respeito.

Era um verdadeiro trabalho de ressocialização humana. Eu não me conformo com esse tratamento dado em nossas penitenciárias¹⁰⁵. Eles acham que vão conseguir recuperar os presos com tijolo e argamassa? Não recuperam ninguém!

101 BM é a sigla da Brigada Militar.

102 Essa determinação ficou acordada após criação da Sociedade Beneficente Bom Pastor.

103 Ela refere-se à atual direção da casa.

104 Gravatal é uma cidade catarinense, com águas termais.

105 Ela faz parte da FAESP – Fundação de Amparo ao Egresso Penitenciário.

O tempo que se está lá tem-se que tentar ver se acontece a reintegração, mesmo que não se consiga, tem-se que tentar...tem-se que ser humanos... o que não está acontecendo hoje. Eu falo, falo sempre que tenho oportunidade, sou uma das pessoas mais antigas do sistema penitenciário, sou voluntária, antes de 69. Eu freqüentei o Bom Pastor do Bairro Menino Deus, aquela casa que hoje é o almoxarifado do Correio do Povo, quase na esquina da Rua Bastian (atualmente, o supermercado Zaffari ocupa este local), tu conheces, Elza?

A igreja deveria assumir mais, precisamos de mais católicos nos cultos. A fé precisa ser constante na vida dessas mulheres.

ANEXO C
“NOVA CHANCE COMEÇA NA SALA DE AULA”

ANEXO D
CORRESPONDÊNCIA ENVIADA AO NOES EM 04.11.99

Porto Alegre, 04 de Novembro de 1999.

Ilma. Sra. Professora Nedli M. Valmórbida
Coordenadora do NOES – Presídio Central
Porto Alegre

Senhora Coordenadora:

Não posso ser professor se não percebo cada vez melhor que, por não ser neutra, minha prática exige de mim uma definição. Uma tomada de posição. Decisão. Ruptura. (Paulo Freire)

Esta correspondência tem por objetivo, em primeiro lugar, expressar o meu descontentamento em não ter sido convidada para a inauguração da biblioteca da Penitenciária Feminina Madre Pelletier. É relevante salientar que, desde março de 1993, pertenço ao quadro deste subnúcleo.

Questiono-me onde está a prática dos ensinamentos do Paulo Freire, referencial teórico do meu trabalho de dissertação na Faculdade de Educação – UFRGS e da Secretaria de Educação, principalmente do Departamento de Educação de Jovens e Adultos, em não ter sido comunicado ao grande grupo de presas que um local de prazer, lúdico, de diálogo com o outro mundo – o mundo dos livros, teria um patrono e, conseqüentemente, uma inauguração.

Por que não oportunizar que elas, como cidadãs-alunas, escolhessem o nome dessa biblioteca? Onde está a participação democrática das pessoas envolvidas, efetivamente, nesse processo de emancipação a que se propõe esse NOES?

Acredito ser, este, um momento importante para estudar, esmiuçar o que Paulo Freire quis dizer com a “*concepção bancária*”. As presas são o “*ser-sujeito*” desta penitenciária. Elas representam a “*praxis*” desse trabalho educativo.

A educação para o exercício consciente da liberdade não assume que o ensino é a principal força da mudança social. Todavia, nas múltiplas tarefas – grandes e pequenas da transformação da sociedade – o professor é um dos seus agentes necessários e isso, tanto mais, quando ele próprio é sabedor dessa possibilidade. (Veit).

Muitas presas vieram questionar-me o porquê de não terem sido comunicadas sobre a inauguração da biblioteca *Lya Luft*. Disse a elas, que eu também não tinha sido informada de tal evento. Como diz Adorno, *o problema da violência não pode ser reduzido ao crime como faz a mídia de forma geral. Há muitos fenômenos de violência que nada têm a ver com o crime* (1998:9).

Conforme combinado com o professor Dilo, em decorrência da alteração dos dias dos exames supletivos, comunico:

recesso escolar: 07.12 a 21.12.99;

férias referentes a 1999: 03.01.2000 a 01.02.2000;

pedido de aposentadoria: 17.03.2000.

Para finalizar, agradeço à colega Hercília a mensagem, criativa e poética, pelo dia do professor.

Atenciosamente,

Elza Eliana Lisbôa Montano

ADORNO, Sérgio. *A criminalidade urbana violenta no Brasil: um recorte temário*. São Paulo: B.I.B. de Ciências Sociais, 1998.

VEIT, Maria Helena Degani. *Success and failure in first grade: a sociological account of teachers perspectives and practice in a public school in Brazil*. McGill University, 1991.

ANEXO E
CORRESPONDÊNCIA ENVIADA À SUSEPE EM 25.11.99

Porto Alegre, 25 de Novembro de 1999.

Ilmo. Sr.
Dr. Airton Michels
Superintendente de Serviços Penitenciários

Prezado Senhor:

Esta correspondência tem por objetivo pedir providências para a retirada da placa com o nome da biblioteca da Penitenciária Feminina Madre Pelletier, amparada nas leis anexas, evento ocorrido em 20.10.99.

Acredito ser importante salientar que nada tenho contra a pessoa da Lya Luft, escritora a quem admiro muito, inclusive, trabalho os seus livros com os meus alunos do 3º grau.

Apenas, a maneira como esse processo foi conduzido dentro daquela instituição é que me deixou decepcionada, mesmo acreditando não ser este o discurso do Partido dos Trabalhadores.

No entanto, essa decepção não me deixou impotente a ponto de não me declarar, mais uma vez, uma professora freireana, convicta e confessa:

O que é notável na obra de Paulo Freire é que, ao mesmo tempo em que é nitidamente dirigida a educadores e alfabetizadores, continua a ser vigorosamente empregada por docentes em inúmeras disciplinas: teoria literária, composição, filosofia, etnografia, ciência política, sociologia, teologia, etc. Ele deu à palavra “educador” um novo significado, flexionando o termo de modo a abraçar múltiplas perspectivas: intelectual fronteiriço, ativista social, pesquisador crítico, agente moral, filósofo radical, revolucionário político. Mais do que qualquer outro educador deste século, Freire conseguiu desenvolver uma pedagogia de resistência à opressão. Além disso, ele viveu aquilo que ensinava. Sua vida foi uma história de coragem, padecimentos, perseverança e crença inquebrantável no poder do amor. (Peter McLaren)

Atenciosamente,

Elza Eliana Lisbôa Montano

MCLAREN, Peter. *Utopias provisórias*. São Paulo: Vozes, 1999.

ANEXO F
“APENADAS LIBERTADAS PELA FÉ”

ANEXO G
CRÔNICA “CANÇÃO DA PRIMAVERA” (Mário Quintana)

Um azul do céu mais lindo,
Do vento a canção mais pura
Me acordou, num sobressalto.
Como a outra criatura...

Só conheci meus sapatos
Me esperando, amigos fiéis,
Tão afastado me achava
Dos meus antigos papéis!

Dormi, cheio de cuidados
Como um barco soçobrando,
Por entre uns sonhos pesados
Que nem morcegos voejando...

Quem foi que ao rezar por mim
Mudou o rumo da vela
Para que eu desperte, assim,
Como dentro de uma tela?

Um azul do céu mais alto,
Do vento a canção mais pura
E agora...este sobressalto...
Esta nova criatura!

ANEXO H

CRÔNICA “SOCORRO” (Millôr Fernandes)

Ele foi cavando, cavando, cavando, pois sua profissão – coveiro – era cavar. Mas, de repente, na distração do ofício que amava, percebeu que cavara demais. Tentou sair da cova e não conseguiu. Levantou o olhar para cima e viu que, sozinho, não conseguiria sair. Gritou. Ninguém atendeu. Gritou mais forte. Ninguém veio. Enrouqueceu de gritar, cansou de esbravejar, desistiu com a noite. Sentou-se no fundo da cova, desesperado.

A noite chegou, subiu, fez-se o silêncio das horas tardias. Bateu o frio da madrugada e, na noite escura, não se ouvia um som humano, embora o cemitério estivesse cheio de pipilos e coxares naturais do mato. Só pouco depois da meia-noite é que lá vieram uns passos. Deitado no fundo da cova o coveiro gritou. Os passos se aproximaram. Uma cabeça ébria apareceu lá em cima, perguntou o que havia: “O que é que há?”

O coveiro então gritou desesperado: “Tire-me daqui, por favor. Estou com um frio terrível!” “Mas, coitado!” – condeu-se o bêbado. – “Tem toda a razão de estar com frio. Alguém tirou a terra de cima de você, meu pobre mortinho!” E, pegando a pá, encheu-a de terra e pôs-se a cobri-lo cuidadosamente.

ANEXO I
FOLDER DO CONCURSO DE REDAÇÃO

ANEXO J
POEMA SOBRE “SER MÃE-PRESA”
TEXTO COLETIVO DAS ALUNAS DO ENSINO FUNDAMENTAL (1º GRAU)

SER MÃE-PRESA

O início é igual a qualquer mãe: ao sentir na barriga e no coração o gerar de um filho.

É fortalecer vínculos afetivos de amor, compreensão e de afeto por este novo pequenino, gerado por nós.

Somos responsáveis por ele, desde o momento em que veio a este mundo.

Mundo este que, quando éramos pequenas, acreditávamos ser igual para cada cidadão.

E hoje, aqui dentro, enxergamos que ainda não aprendemos tudo o que a vida nos cobra.

Onde se encontrava a sociedade que nos deu “*educação, emprego, moradia, alimentação e saúde*” quando estávamos à beira de cometer o nosso primeiro delito?

Por que ela não nos deu a mão?

Filhos, a vida não é igual para todos.

Esta mesma sociedade que nos vira o rosto, foi a que nos educou. E hoje, só nós fomos condenadas.

Oramos a Deus, todo o entardecer, para que este mundo reserve um caminho diferente do nosso, a vocês.

Momentaneamente os muros desta cadeia nos separam fisicamente, mas o coração e os nossos pensamentos estão juntos.

Estejam onde estiverem, nós estaremos juntos, porque continuaremos sendo a mãe de vocês.

ANEXO L
POEMA SOBRE “SER MÃE-PRESA”
TEXTO COLETIVO DAS ALUNAS DO ENSINO MÉDIO (2º GRAU)

SER MÃE-PRESA

É ter o mesmo sentimento de amor, de uma mãe qualquer, pelos seus filhos.

É sentir o coração sufocado, por não conviver o dia a dia com os nossos filhos.

É esperar o dia da visita, com a esperança de que eles apareçam.

Se os filhos não aparecem no sábado ou no domingo, nos entristecemos e ficamos a esperar pelo próximo fim de semana.

E assim, o nosso tempo vai passando.

E a nossa esperança aumentando.

Pedimos a Deus que o projeto político deste nosso imenso Brasil, crie um modelo carcerário mais justo para as mulheres.

Porque apesar de estarmos aqui dentro, presas, ainda somos mães.

Daqueles filhos que estão lá fora.

ANEXO M

CRÔNICA “EM NOME DO PAI E DA MÃE” (Martha Medeiros)

Uma coisa é certa: os pais são cúmplices do crime dos filhos

Não é preciso entrar em detalhes: todos estão por dentro da tragédia que aconteceu nos Estados Unidos, quando dois meninos, de 11 e 13 anos, dispararam contra os colegas na saída do colégio, matando quatro alunas e uma professora. Dispensam-se os detalhes. A discussão resume-se agora numa pergunta: por quê?

Múltiplas respostas. Porque muitas famílias guardam armas em casa, acessíveis à curiosidade infantil. Porque os meios de comunicação glamourizam a violência e banalizam a morte. Porque os pais trabalham demais e não têm tempo de acompanhar o crescimento das crianças. Todas as alternativas estão corretas, mas uma delas é infinitamente mais relevante do que as outras. Todo pai e mãe é cúmplice do filho.

Tema delicado, esse. Uma mãe que tenha um filho bandido tem culpa? Um filho ladrão, um filho corrupto, tem culpa? Seria injusto responsabilizar os pais por um destino que não é moldado apenas pela educação, mas também pela competitividade, pelo desemprego, pela depressão, pelas más influências, pela impunidade e por outras armadilhas sociais.

Também somos frutos do meio. Também. Mas nada é mais decisivo do que o exemplo de casa. Aquele mundinho entre quatro paredes em que passamos a infância, em que os membros da família formam uma espécie de sociedade anônima, tem força, poder de persuasão e carga emocional suficientes para determinar o futuro de qualquer cristão. É ali, nos primeiros anos de vida, que se determinará o quanto podemos ser corrompidos pelo que vem de fora e o quanto de integridade sobreviverá. E apesar de isso ter a concordância teórica de todos, na prática, tem gente deixando as crianças se virarem sozinhas, com a desculpa de estimular sua independência, quando na verdade estão empurrando-as para uma prisão. Não necessariamente com grades e algemas, mas uma prisão cultural. E perpétua.

Tem gente que faz olho branco para filhos que afanam dinheiro, que matam aula, que são agressivos. Acham que isso passa, é coisa de guri. Tem gente que acha educativo criticar o próprio filho na frente dos outros, debochar de seus erros, usá-lo como bobo da corte para distrair os convidados. Tem pais que nunca festejaram um aniversário, não comparecem às reuniões da escola, não estimulam a leitura. Tem pais que baixam o nível, contam vantagens, valorizam trapanças e picaretagens e assim vão formando sua imagem de super-heróis. Todos eles têm uma tremenda culpa no cartório, sim, senhor, e a ausência de casa não serve como atenuante. Maternidade e paternidade se exerce de onde se estiver, 24 horas por dia.

O parto é o lado mais fácil dessa história, mas muitas mães dão por encerrada, ali mesmo, no hospital, a sua missão. Por egoísmo, preguiça ou ignorância, enchem a boca para dizer “meu filho não é propriedade minha, é filho do mundo”. Poético, mas incoseqüente. Eximir-se da responsabilidade de criá-los com amor e decência deveria ser crime previsto pelo Código Penal.

Antes de jogá-los no mundo ao qual pertencem, devemos armá-los não com pistolas automáticas, mas com o mínimo de conhecimento sobre as regras básicas de convivência e alguma noção sobre valores. Dá trabalho? Dá, mas dá certo.

ANEXO N

QUESTÕES DA ENTREVISTA

Manifestações Pessoais:

1. Como tu te descreverias como pessoa?*
2. Quais as qualidades que mais admiras em ti?
3. Em que momentos tu te consideras inútil e sem valor nenhum?*
4. Tu achas que se “doar” a alguém sem qualquer outra intenção, a não ser a de ajudar, é coisa que não tem mais vez na nossa sociedade?
5. Tu costumavas mudar de opinião sozinha ou com ajuda de outra pessoa?*
6. Se tu tivesses “poderes e magia” em retornar ao tempo em que eras criança, o que não farias de novo?
7. Tu tomas remédio para dormir?
8. Apesar de estares presa, tu te sentes uma “pessoa de bem com a vida”?
9. Quais são os teus sonhos para o futuro?
10. Como tu estás fisicamente: mais gorda ou mais magra, desde o tempo em que entraste nesta penitenciária?
11. Tu te julgas uma pessoa afetiva, carinhosa? Tu achas que a penitenciária mudou estes sentimentos?
12. Tu te achas uma pessoa corajosa?
13. Tu és uma pessoa difícil de se conviver?
14. Tu és uma pessoa pessimista?
15. Qual a melhor época da tua vida? *
16. Qual é o teu projeto de vida para “o amanhã”?

Contexto Familiar:

1. Como era o teu relacionamento com os teus pais? *
2. Com quem tu achas que te identificavas melhor, na época em que eras adolescente? *
3. Teus pais controlavam e conheciam os teus amigos? *
4. Tens irmãos? Quantos?
5. Cuidaste de algum deles quando tu ainda eras pequena?
6. Apanhavas dos teus irmãos? *

7. Quando pequena tu tinhas um irmão preferido? Esta preferência continua até hoje?
8. Com quem tu tinhas melhor diálogo: com o teu pai ou a tua mãe?
9. Teus pais brigavam muito entre si?
10. Quem tu achas que normalmente tinha razão: o teu pai ou a tua mãe? *
11. Hoje, olhando para trás, achas que a tua família era feliz?
12. Quem trazia a desarmonia, normalmente, para dentro da tua casa?
13. Os teus pais eram carinhosos contigo?
14. Tu és casada legalmente? Continuas com o mesmo parceiro?
15. teu atual parceiro é o companheiro ideal?
16. Tens filhos? Quantos?
17. Com quem estão os teus filhos, atualmente?
18. És carinhosa e afetiva com os teus filhos?
19. Contavas histórias de “fada e bruxa” para eles dormirem à noite, quando pequenos?

Contexto Social:

1. Tu tens alguém em quem confias realmente aqui dentro desta penitenciária?
2. Tu acreditas na justiça penal?
3. Tu achas que quem tem dinheiro consegue liberar-se mais rápido daqui para a rua, ao contrário de quem não o tem?
4. Quando alguém te critica, com razão, qual a tua reação?
5. Tu consegues “levar numa boa” as provocações e brincadeiras, muitas vezes maldosas, das tuas colegas de galeria?
6. Como tu vês o interesse do governo para a problemática carcerária?
7. que tu achas das “penas alternativas”?
8. Se tu pudesses escolher qualquer país para morar com a tua família, continuarias no Brasil?
9. Tu achas que houve influência de algum amigo na caminhada da tua vida?*
10. Alguma vez, quando jovem, foste considerada “marginal ou bandida” por alguém?*
11. que tu achas que as pessoas pensam de ti?*

12. que podes tirar de proveito nesta experiência de apenada?
13. Algum parente teu já esteve preso em alguma casa prisional do Brasil?
14. Em que momento da tua vida começaste a trilhar o caminho da delinqüência?
15. Este “caminhar” foi consciente e por tua vontade? Ou fostes conduzida por outra pessoa?
16. Tu achas que os homens são mais amigos do que as mulheres?
17. Teus amigos vêm-te visitar na penitenciária com muita freqüência?
18. A grande maioria dos teus amigos sabe que estás presa?
19. Qual a pessoa “de fé” que não deixa de visitar-te, nos dias da tua visita?
20. 20.Como seria a penitenciária ideal para recuperar as pessoas que cometem delitos?
21. Tens “turma” dentro da penitenciária?
22. Como é a tua companheira de cela? Ela compartilha com a maioria dos teus valores?
23. Tu tinhas trabalho com carteira assinada antes de seres presa?
24. Tu aprendeste alguma coisa boa dentro da penitenciária, que poderá ajudar-te quando estiveres em liberdade?
25. Como tu vês o homossexualismo dentro da penitenciária?

Contexto Educacional

1. Qual a tua escolaridade?
2. Há quanto tempo tu freqüentas uma sala de aula?
3. Teus pais te incentivavam para ir a escola? *
4. A escola ficava perto da tua casa?
5. Tu sentias prazer em ir para a escola?
6. Tens lembranças ruins de algum professor? E boas?
7. Tu te relacionavas bem com a maioria dos professores? *
8. Como era o teu relacionamento com os teus colegas de aula?
9. Quem era o teu melhor colega de aula: era um homem ou uma mulher?
10. Os teus amigos de turma eram os mesmos colegas de aula? *
11. Chegaste a ser expulso ou convidado a retirar-se de alguma escola, quando estudante?

12. Os teus pais ficavam chateados quanto o teu boletim vinha com notas baixas?*
13. Se tu tivesses estudado mais, terias cometido o delito que te trouxe para cá?
14. Tu incentivas os teus filhos a irem para a escola?
15. Já freqüentaste o Instituto Educacional da FEBEM? Por quanto tempo?
16. IEF ensinou-te alguma coisa?
17. Tiveste alguma professora especial na época de estudante, que tenha deixado lembranças especiais e carinhosas na tua vida?
18. Como seria uma escola ideal para ti?
19. que tu acrescentarias ou tirarias das escolas que freqüentaste?
20. Quais as melhorias que a escola desta penitenciária necessita?
21. Se tivesses tido a oportunidade de estudar, qual seria a profissão escolhida por ti?
22. Tens interesse em estudar na escola que existe aqui dentro desta penitenciária?

Religião

1. Tu acreditas em Deus? Esta fé ajuda-te a cumprir melhor a pena imposta pelo juiz?
2. Tu tens uma religião?
3. Tu freqüentas o culto ecumênico, aos sábados, aqui na penitenciária?
4. Teus pais também têm uma religião?
5. Os teus filhos acreditam em Deus?

Raça

1. A maioria das tuas colegas desta penitenciária são negras ou brancas?
2. Tu achas que o sistema prisional discrimina a presa negra?

Obs.: A pergunta assinalada por um asterisco (*) foi retirada do questionário elaborado por Hirschi, Travis, Causes of Delinquency, 1972.

ANEXO O
QUESTIONÁRIO “ESCOLA-TRIAGEM”

I. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

Nome: _____ Data de nasc.: ____/____/____
 Idade: _____ Município de nasc.: _____ Raça: _____
 Município em que foi presa: _____ Delito: _____ Condenada? _____

II. ESCOLARIDADE:

Analfabeta () Sim () Não
 Semi-analfabeta () Sim () Não
 1º Grau:
 1º Série () 2ª Série () 3ª Série () 4ª Série ()
 5ª Série () 6ª Série () 7ª Série () 8ª Série ()
 2º Grau:
 1ª Série () 2ª Série () 3ª Série ()
 3º Grau: () Sim () Não
 Completo: () Sim () Não
 Curso: _____ Semestre: _____
 Universidade: _____
 Escolas Frequentadas: _____

Último ano que frequentou uma escola como aluna: _____

III. Acredita que se tivesse mais estudo não estaria aqui? () Sim () Não
 Por quê? _____

IV. Tem interesse em frequentar as aulas do supletivo aqui na PFMP? () Sim
 () Não
 Por quê? _____

V. Este retorno à escola será importante a você e à sua família? () Sim () Não
 Por quê? _____

VI. O que você espera da escola que existe nesta Penitenciária?

VII. Você já passou pelo IEF (Instituto Educacional Feminino) da FEBEM?
 () Sim () Não

VIII. Alguém da sua família teve passagem pela FEBEM ou por outra casa prisional (presídio)?

Data da entrevista: ____/____/____

ANEXO P

ANEXO Q

ANEXO R



Liberdade – palavra que o sonho humano alimenta.

Não há quem explique.

Não há quem não entenda.

Cecília Meireles

TABELA 7

RESUMO DOS DEPOIMENTOS SEGUNDO AS DIMENSÕES DA CARREIRA DESVIANTE DE HOWARD S. BECKER

DIMENSÕES DA CARREIRA DESVIANTE		ALUNAS							CRITÉRIOS DA SELEÇÃO DAS FALAS DAS PRESAS-ALUNAS	
		PASSAGEM POSITIVA PELA ESCOLA					PASSAGEM NEGATIVA PELA ESCOLA			
		ADA (ASSALTO E DROGAS)	EVA (DROGAS)	IRIS (ASSALTO)	OLGA (FURTO)	URSULA (HOMICÍDIO)	ENEIDA (DROGAS)	IRACI (ASSALTO)		OTÍLIA (FURTO)
1.	1.1 Meio escolar	7	7 *	7	7	7	3 **	2 **	2 **	Eva representa os cinco casos de passagem positiva (*) na escola. Os casos negativos (**) foram todos documentados.
	1.2 Meio familiar	7	6 **	8	9 *	9 *	4	5	3 **	Olga e Úrsula constituem o ponto extremo positivo (*), e Eva o negativo (**) com relação ao meio familiar, todas com passagem positiva na escola. Otília é o caso mais negativo com relação a este meio.
	1.3 Meio ocupacional (Desemprego)	X	X	X	X	***	X	X	X	*** Úrsula sempre foi dona-de-casa.
2.	2. Identificação com grupo marginal	X	NÃO	X	X	NÃO	X	X	X	
	2.1 Influência do parceiro	X	NÃO	X	NÃO	NÃO *	X	X	X	
	2.2 Parente preso (sendo o parceiro)	X	NÃO	X	NÃO	NÃO	X	X	X	
	2.3 Parente preso (sem ser o parceiro)	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	
3.	Passagem gradual	X	NÃO	X	X	NÃO	NÃO	X	X	
4.	Processo de rotulação	X	X	X	X	X	X	X	X	
5.	Aprendizagem de técnicas desviantes	X	NÃO	X	X	NÃO	NÃO	X	X	
6.	Prestígio ligado às condenações	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	
7.	A prisão como “escola do crime”	X	X	NÃO	X	X	X	X	NÃO	
8.	Intensificação da marcação social	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	
9.	Reincidência	NÃO	NÃO	NÃO	X	NÃO	NÃO	NÃO	X	

Os valores referentes ao meio escolar (2 a 7) foram retirados do Quadro I no Anexo P, e os relativos ao meio familiar (3 a 9) do Quadro II, no Anexo R. Quanto maior o índice, melhor estruturado é o meio em questão.

X = sim

TABELA 8
CONFIRMAÇÃO (OU NÃO) DAS DIMENSÕES DA CARREIRA DESVIANTE SEGUNDO HOWARD S. BECKER

	CONFIRMAÇÃO (OU NÃO) DAS DIMENSÕES
1. Meio Desestruturado	
1.1 Meio escolar	Não confirmado (ver Tabela 7)
1.2 Meio familiar	Não confirmado (ver Tabela 7)
1.3 Meio ocupacional (desemprego)	Confirmado (7 casos)
2. Identificação com o grupo marginal	Confirmado (6 casos)
2.1 Influência do parceiro	Confirmado (5 casos)
2.2 Parente preso (sendo o parceiro)	Confirmado (5 casos)
2.3 Parente preso (sem ser o parceiro)	Não confirmado (zero casos)
3. Passagem gradual	Confirmado (5 casos)*
4. Processo de rotulação	Confirmado (8 casos)
5. Aprendizagem de técnicas desviantes	Confirmado (5 casos)*
6. Prestígio ligado às condenações	Não confirmado (zero casos)
7. A prisão como “escola do crime”	Confirmado (6 casos)
8. Intensificação da marcação social	Não confirmado (zero casos)
9 Reincidência	Dimensão excluída pelo processo de seleção dos casos.

* Influência, na conclusão, de dois casos de presas por furto – “reincidentes”.

CONTEXTO EDUCACIONAL PRÉVIO À DETENÇÃO	
MÃES C/ PASSAGEM SATISFATÓRIA NA ESCOLA 12	SANDRA ADRIANA NELCI ANGELA F CINARA LUCILA KALID HELENA JOAQUIM ADRIANA R MARILI CÁTIA REJANE HEROCI
MÃES C/ PROBLEMAS NA ESCOLA 6	SÔNIA ANA KARINA HELENA OLIVEIRA ANGELA FAGUNDES TÂNIA MARIA CRISTINA

18 DAS 27 DETENTAS SÃO MÃES, QUE REPRESENTA 66,7%
DESSAS, 12 TIVERAM PASSAGEM SATISFATÓRIA NA ESCOLA,
66,7% DAS DETENTAS MÃES; E 6 TIVERAM PROBLEMAS, 33,3%

QUADRO II - CONTEXTO FAMILIAR DA DETENTA QUANDO CRIANÇA

	DROGAS													ASSALTO					FURTO					HOMICÍDIO			
	DROGAS E ASSALTO						DROGAS							ASSALTO					FURTO								
	ADA	2	3	4	5	6	EVA	8	9	10	11	ENEIDA	13	IRIS	15	16	17	18	19	IRACI	OLGA	22	23	24	OTÍLIA	26	ÚRSULA
1. Pais não afetivos	S	S	N	N	S	N	N	N	N	N	N	N	S	N	N	N	N	S	S	N	N	N	N	S	S	S	N
2. Mau relacionamento com os pais	S	S	N	S	S	S	S	N	S	S	N	N	S	N	N	N	N	N	S	S	N	S	S	S	S	S	N
3. Os pais brigavam muito entre si	N	N	S	N	S	N	N	N	S	S	N	S	S	S	S	S	S	N	N	N	S	S	S	N	S	N	
4. O pai agredia fisicamente a mãe	N	N	N	S	N	N	S	N	S	N	N	S	S	N	S	N	N	S	S	N	N	S	S	S	N	S	N
5. Pai alcoólatra	N	N	N	N	N	S	S	S	S	N	N	N	S	N	N	N	S	S	S	S	N	S	N	S	S	S	N
6. Mãe alcoólatra	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	S	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N
7. Apanhava do pai	N	N	N	N	N	S	N	N	S	N	N	N	S	N	N	N	S	S	S	S	N	S	N	S	S	S	N
8. Apanhava da mãe	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	S	N	N	S	N	S	S	S	N	N	S	N	S	S	N	N
9. Seguidamente mudavam de endereço	N	N	N	N	N	S	N	N	N	N	N	S	S	N	N	N	N	S	N	S	N	S	S	S	S	S	N

QUADRO I - CARACTERÍSTICAS SÓCIO-OCUPACIONAIS

	DROGAS													ASSALTO						FURTO					HOMICÍDIO			
	DROGAS E ASSALTO						DROGAS							ASSALTO						FURTO					ÚRSULA			
	ADA	2	3	4	5	6	EVA	8	9	10	11	ENEIDA	13	ÍRIS	15	16	17	18	19	IRACI	OLGA	22	23	24	OTÍLIA	26	ÚRSULA	
1. Idade	30	28	33	26	27	29	40	38	27	24	35	40	24	25	35	29	30	28	31	38	33	27	27	35	36	25	38	
2. Idade em que se iniciou na carreira desviante	18	20	22	18	21	20	36	20	17	20	30	35	14	18	23	18	20	22	18	25	23	22	15	16	14	15	37	
3. Raça	B	B	B	B	B	B	B	N	B	N	B	N	N	B	B	B	B	B	B	N	B	B	B	B	B	B	B	B
4. Número de filhos	1	2	0	0	0	0	3	3	2	0	1	13	0	2	1	3	0	2	2	4	3	2	0	2	3	0	1	
5. Carreira desviante influenciada pelo parceiro	S	S	N	S	S	S	N	S	S	S	S	S	N	S	S	S	S	S	S	S	N	S	N	N	S	N	N	
6. Tem algum parente preso ou que já esteve preso	S	N	N	S	N	S	N	N	S	N	N	S	S	S	S	N	N	N	N	S	N	N	S	N	S	S	N	
7. É primária juridicamente	S	N	N	N	S	N	S	N	S	S	S	S	N	S	S	N	S	S	N	S	N	N	N	N	N	N	S	
8. Estava desempregada no momento em que foi para o crime	S	S	N	S	N	S	S	N	S	S	N	S	S	S	S	S	N	S	S	S	S	S	S	N	S	S	*	